

LUIZA OLIVEIRA PACHECO

**CALÇADÃO ARTHUR BERNARDES: CENTRALIDADE E ESPAÇO PÚBLICO EM
VIÇOSA (MG)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*

Orientadora: Vanessa Lana

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

P116c
2023 Pacheco, Luiza Oliveira, 1992-
Calçadão Arthur Bernardes: centralidade e espaço público em
Viçosa (MG) / Luiza Oliveira Pacheco. - Viçosa, MG, 2023.
1 dissertação eletrônica (108 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Orientador: Vanessa Lana.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de História, 2023.

Referências bibliográficas: f. 96-100.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.643>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Viçosa (MG) - História. 2. Espaços públicos - Viçosa (MG). 3.
Áreas para pedestres - Viçosa (MG). I. Lana, Vanessa, 1982-. II.
Universidade Federal de Viçosa. Departamento de História. Programa
de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. III.
Título.

CDD 22. ed. 981.51

Bibliotecário(a) responsável: Euzébio Luiz Pinto CRB-6/3317


LUIZA OLIVEIRA PACHECO

**CALÇADÃO ARTHUR BERNARDES: CENTRALIDADE E ESPAÇO PÚBLICO EM
VIÇOSA (MG)**


Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 21 de setembro de 2023.

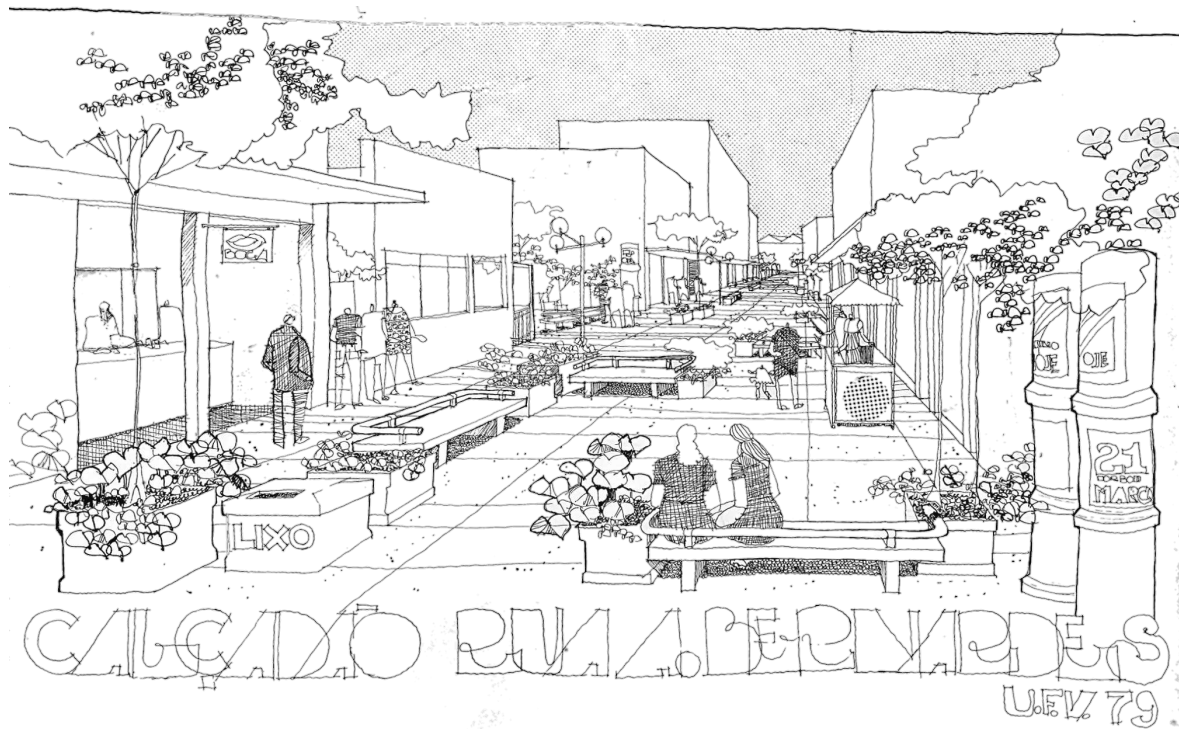
Assentimento:

Documento assinado digitalmente
 **LUIZA OLIVEIRA PACHECO**
Data: 17/10/2023 20:09:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luiza Oliveira Pacheco
Autor

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA LANA**
Data: 17/10/2023 19:54:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vanessa Lana
Orientador



De las ciudades, lo que más me gusta
son las calles, las plazas,
la gente que pasa delante
mío y que probablemente
no veré nunca más,
la aventura breve y maravillosa como un fuego
de virutas, los restaurantes,
los cafés y las librerías.
En una palabra: todo aquello que es
dispersión, juego intuitivo,
fantasía y realidad.

Josep Pla

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Martha e Carlos, pelo incentivo e pelo carinho;

Ao meu marido Plínio pela companhia sempre presente e pelo amor demonstrado durante este processo;

À minha orientadora, professora Vanessa Lana, pelo direcionamento;

Aos membros da banca de defesa, professores Leonardo e Isabel, pelas contribuições valiosas;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, pela dedicação em meio a tempos sombrios de pandemia;

Ao professor Odemir Vieira Baêta, pela liberação para realização do mestrado, e aos meus colegas Sheila, Silvânia e Valdir, pela compreensão nas ausências;

Aos técnicos do Departamento de História, Breno, Gustavo e Mileny, presentes desde o dia zero;

Ao Eduardo, do Arquivo Central e Histórico, que separou alguns projetos de obras para me mostrar;

Ao meu amigo e confidente Bruno, pelo companheirismo e por partilharmos a mesma vocação;

À Iglia, pelo apoio e afago nas tribulações e pela parceria nos trabalhos;

À turma 2021, pelo tempo e experiências passados juntos;

Aos meus amigos Fábio e Larissa, sempre comigo;

Aos meus parceiros de caminhada Amanda e Marco;

À professora Elaine Cavalcante Gomes, que se dispôs a me ensinar sobre uma cidade que eu não conhecia;

Ao professor Ítalo Stephan, que me indicou importantes leituras;

Ao professor Geraldo Browne Ribeiro Filho, pela simpatia e presteza para falar sobre Viçosa e seus espaços;

A Eduardo Simonini, André Simonini e Deise Eclache, que fizeram pontes para a realização de algumas entrevistas;

Aos funcionários e estagiários da Câmara de Vereadores de Viçosa, em especial a Daniela, pela disponibilização dos documentos necessários para a realização desta pesquisa;

Aos funcionários e estagiários da Prefeitura Municipal de Viçosa, pelo auxílio em visita ao arquivo da Secretaria de Obras e pela disponibilização de contatos para a realização de entrevistas;

Aos funcionários do Jornal Folha da Mata, em especial o Henrique, por abrir as portas para consulta ao arquivo da redação;

A todos os entrevistados ouvidos neste trabalho, por me receberem em suas casas, concedendo seu tempo e sua voz para auxiliar na compreensão do Calçadão;

À cidade de Viçosa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

PACHECO, Luiza Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2023. **Calçadão Arthur Bernardes: Centralidade e espaço público em Viçosa (MG)**. Orientadora: Vanessa Lana.

O objetivo do presente trabalho é analisar o Calçadão Arthur Bernardes como espaço público de Viçosa (MG), bem como sua importância para a constituição da centralidade urbana da cidade, tomando-o como objeto de estudo, a fim de identificar aspectos que estimulem a discussão de seu papel como espaço público e a relevância de sua construção para o reordenamento da região central da cidade, entre as décadas de 1970 e 1980. Para isso, empreendeu-se uma investigação sobre a formação do centro da cidade de Viçosa, focalizando seus aspectos espaciais e sua transformação ao longo da história, buscando compreender as circunstâncias que levaram à construção do Calçadão e qual o papel dessa obra na composição da trama locacional central urbana. Esta investigação tornou-se possível por meio da análise documental de edições do periódico UFV Informa, disponibilizadas em plataforma eletrônica da Universidade Federal de Viçosa (UFV); reportagens do Jornal Folha Integração; de atas das reuniões da Câmara Municipal de Viçosa; de leis e projetos de lei relacionados à execução de obras e demais posturas municipais, bem como de croquis feitos por arquitetos da UFV a fim de orientar a execução da obra, e também por meio de entrevistas, utilizando metodologia da História Oral, realizadas com ex-membros do “Por uma Viçosa melhor”, grupo formado por profissionais ligados à UFV que desejavam realizar intervenções urbanas na cidade; ex-vereadores; comerciantes e ex-comerciantes instalados na rua Arthur Bernardes, além de moradores e ex-moradores desse logradouro. Este trabalho apresenta como produto a proposta de realização de chamada pública para a publicação de artigos e entrevistas no periódico eletrônico Revista de Ciências Humanas, publicação científica do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFV.

Palavras-chave: Espaço público. Centralidade. Trama locacional. Ruas de pedestres.

ABSTRACT

PACHECO, Luiza Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2023. **Arthur Bernardes Pedestrian Mall: Centrality and public space in Viçosa (MG)**. Advisor: Vanessa Lana.

The purpose of this dissertation is to analyze the Arthur Bernardes Pedestrian Mall as a public space in Viçosa (MG), as well as its importance for the constitution of the urban centrality of the city, taking it as an object of study, in order to identify elements that provide support to understand this street as a public space and the relevance of its construction for the reorganization of the central region of the city in the late 1970s. For this, an investigation was carried out on the formation of Viçosa's downtown area, focusing on its spatial aspects and its transformation throughout history, seeking to understand the circumstances that led to the construction of the Arthur Bernardes Pedestrian Mall and what was the role that its production plays in the composition of the central urban location plot. This investigation was made possible through the document analysis of editions of the journal UFV Informa, available on the electronic platform of the Federal University of Viçosa (UFV); reports from Folha Integração newspaper; minutes of the Viçosa City Council meetings; of laws and bills related to the execution of works and other municipal postures, as well as sketches made by UFV architects in order to guide the execution of the work, and also through interviews, using Oral History, carried out with former members of the "For a better Viçosa" group, formed by professionals linked to UFV who wanted to carry out urban interventions in the city; former councillors; merchants and former merchants installed on Rua Arthur Bernardes, and also residents and former residents of that street. This work presents as a product the proposal to carry out a public call for the publication of articles and interviews in the electronic journal Revista de Ciências Humanas, a scientific publication of UFV's Center for Human Sciences, Languages and Fine Arts.

Keywords: Public space. Centrality. Urban location plot. Pedestrian malls.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACAR - Associação de Crédito e Assistência Rural

ACH - Arquivo Central e Histórico

BID - Banco Internacional do Desenvolvimento

BNH - Banco Nacional de Habitação

CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

CEPLAD - Centro de Planejamento e Desenvolvimento

DF - Distrito Federal

DHI - Departamento de História

ESAV - Escola Superior de Agricultura e Veterinária

MG - Minas Gerais

OJS - Open Journal Systems

P. H. Rolfs - Peter Henry Rolfs

PMV - Prefeitura Municipal de Viçosa

PR - Paraná

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

LISTA DE FIGURAS

- Figuras 1 e 2: Placas confeccionadas pelo artista plástico José Antônio Sant'Anna presentes em lojas do Calçadão Arthur Bernardes p. 14
- Figura 3: Placa afixada no antigo prédio da Prefeitura Municipal de Viçosa, localizada no Calçadão da rua Arthur Bernardes p. 16
- Figura 4: Captura de tela do post no grupo “Museu Virtual - Viçosa MG” que permitiu encontrar a primeira fonte para entrevista p. 17
- Figura 5: Ilustração do livro “Nos alvares da história de Viçosa”, de Alexandre de Alencar, baseada em fotografia de 7 de maio de 1887, sendo a mais antiga vista geral do arraial que viria a ser a cidade de Viçosa p. 42
- Figura 6: Estação ferroviária no centro de Viçosa, vista a partir da avenida Bueno Brandão, no início do século XX p. 43
- Figura 7: Campus da ESAV, ano desconhecido p. 44
- Figura 8: Prédio de uso residencial e comercial na rua Arthur Bernardes, data desconhecida p. 46
- Figura 9: Rua Arthur Bernardes em 1950 p. 46
- Figura 10: Recorte da entrevista concedida pelo então reitor da UFV, professor Antônio Fagundes de Souza p. 49
- Figura 11: Calçamento da avenida P. H. Rolfs, década de 1960 p. 50
- Figura 12: Matéria “Destaque” do jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova de janeiro de 1974 p. 53
- Figura 13: Lei n. 224, de 17 de junho de 1977 p. 57
- Figura 14: Reportagem de capa do Jornal Folha Integração com a notícia “Iniciada em Viçosa a construção do Centro Comercial Fuad Chequer” p. 59
- Figura 15: O Kalamazoo Mall nos anos 1960 p. 65
- Figura 16: Construção do calçadão da rua XV de Novembro, em Curitiba (1972) p. 67
- Figura 17: A rua Arthur Bernardes em 1977 p. 70
- Figura 18: Recorte do Jornal Folha Integração com anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor”, sem assinatura p. 73
- Figura 19: Cartaz do movimento “Por uma Viçosa melhor”, confeccionado em 1979, cedido por uma entrevistada p. 73
- Figura 20: Anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor” p. 74

- Figura 21: Recorte da reportagem “Obras ocasionam modificações no trânsito central de Viçosa - MG” p. 76
- Figura 22: Foto da reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana” p. 77
- Figura 23: Perspectiva apresentada como projeto pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” para a construção do Calçadão Arthur Bernardes p. 77
- Figura 24: Planta do projeto elaborado pelos arquitetos da UFV para a construção do Calçadão Arthur Bernardes p. 78
- Figuras 25, 26 e 27: Detalhes da planta ampliados para visualização p. 78-79
- Figura 28: Anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor” p. 81
- Figura 29: Imagem da reportagem “Ladeira dos operários já asfaltada”, mostrando o fluxo de veículos no sentido UFV-centro p. 83
- Figura 30: Reportagem “Bartolomeu viu o Calçadão” p. 84
- Figura 31: Capa do dossiê temático “Viçosa: Cidade aberta” da Revista de Ciências Humanas p. 93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Informações sobre os entrevistados	p. 18
Tabela 2: Descrição dos loteamentos e bairros de Viçosa, bem como suas respectivas legislações de aprovação	p. 51
Tabela 3: População total, urbana e rural de Viçosa (1950 a 1980)	p. 54

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1: Cidades, espaço público e centros urbanos	21
Planejamento urbano: Limpar, movimentar, ordenar	21
Ordenamento espacial e visibilidade	25
Centros e centralidades	29
Espaço público urbano	33
Capítulo 2: Viçosa e seus espaços	39
Do arraial à cidade universitária	40
Legislação urbanística: ordenamento para a “pequena grande cidade”	44
Federalização da UREMG e novos rumos para a cidade	47
Década de 1970: Novas demandas para novos públicos	54
Capítulo 3: Calçadões – no Brasil, no mundo e no interior de Minas Gerais	61
Calçadões: Preservar e vender em espaços públicos	62
A obra do século: O Calçadão Arthur Bernardes	69
Um centro, duas perspectivas: espaço público e visibilidade	84
Capítulo 4: Viçosa, cidade aberta	90
Proposta de produto: Realização de chamada pública para a publicação de artigos na Revista de Ciências Humanas	90
Conclusão	94
Bibliografia	96
Fontes	101
Anexos	102

Introdução

Este trabalho busca problematizar a constituição do Calçadão Arthur Bernardes como espaço público de Viçosa (MG), bem como sua importância para a constituição da centralidade urbana da cidade. A fim de elucidar essas questões, empreendeu-se uma investigação sobre a formação do centro da cidade de Viçosa, focalizando seus aspectos espaciais e sua transformação ao longo da história, buscando compreender as circunstâncias que levaram à construção do Calçadão e o papel dessa obra na composição da trama locacional central urbana.

O interesse para o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se por motivações tanto pessoais como acadêmicas. A proposta inicial apresentada como projeto para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em dezembro de 2020, era analisar uma possível relação das obras do artista plástico José Antônio Sant'Anna com a memória coletiva de sua cidade natal, Viçosa, localizada no interior de Minas Gerais, a aproximadamente 230 Km da capital do estado, Belo Horizonte.

Sant'Anna possui vasta produção imagética desde a década de 1970, quando seu trabalho começou a ser solicitado para a confecção de placas e letreiros de estabelecimentos comerciais de Viçosa, cidade na qual também nasci e cresci, de onde tiro a maior parte de minhas referências sobre a promoção de atividades lojistas. A confecção de letreiros, muitas vezes onerosa financeiramente, precisa atrair a clientela por sua capacidade de informar sobre a qualidade do conteúdo da loja, assim, a contratação de artistas independentes torna-se, em Viçosa, uma maneira criativa e barata de chamar a atenção dos consumidores. A ideia contida no projeto apresentado era analisar a recepção das obras de Sant'Anna voltadas para a promoção comercial pela população da cidade, verificando sua atuação na memória coletiva e propondo sua preservação em acervo municipal.

Em Viçosa, a atividade comercial está intrinsecamente vinculada ao seu centro, especialmente ao Calçadão Arthur Bernardes, principal localidade do comércio da cidade e lugar no qual é possível observar algumas das obras de Sant'Anna, não apenas em letreiros dos estabelecimentos, mas também em seu interior, com a construção de identidades visuais concebidas pelo artista.



Figuras 1 e 2: Placas confeccionadas pelo artista plástico José Antônio Sant'Anna presentes em lojas do Calçadão Arthur Bernardes¹.

Posteriormente, quando do ingresso no mestrado, no primeiro semestre de 2021, pude desenvolver uma nova perspectiva ao problematizar a ocupação do centro de Viçosa pela atividade comercial e sua relação com o desenho urbano da cidade, percebendo o Calçadão Arthur Bernardes como um modelo urbanístico que foi implantado no final da década de 1970 a fim de promover um espaço para o consumo numa época em que o centro de Viçosa passava por importantes mudanças socioespaciais. A interlocução entre um grupo de mulheres de famílias da cidade, arquitetos e professoras da UFV, denominado “Por uma Viçosa melhor”, e a Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV), levou à execução dessa obra, que passou a proporcionar um espaço público protegido dos automóveis para a livre circulação de pedestres. A imagem que acompanha a epígrafe deste trabalho traz um dos croquis doados para a PMV pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” a fim de orientar as obras de construção do Calçadão Arthur Bernardes.

O desenho e o desenvolvimento urbano de Viçosa já foram tema de diversas pesquisas, entretanto, após ingressar no programa de pós-graduação, constatou-se que o Calçadão Arthur Bernardes ainda não havia sido estudado especificamente. Desta maneira, foi possível unir o interesse por essa área da cidade e a lacuna identificada na compreensão desse espaço como um objeto de pesquisa que permite analisar o conteúdo da centralidade urbana de Viçosa.

Partindo do interesse na promoção comercial desenvolvida no Calçadão, a motivação para o desenvolvimento deste trabalho vem da possibilidade de compreendê-lo como um lócus comercial que apresenta grande relevância para o centro de Viçosa, por meio do qual se efetuou um processo de reorganização espacial.

¹ Fonte: Acervo do artista, 2001.

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar o papel do Calçadão Arthur Bernardes no processo de constituição da centralidade urbana de Viçosa, tomando-o como objeto de estudo, a fim de identificar elementos que auxiliem na discussão de sua atuação como espaço público e a relevância de sua construção para o reordenamento da região central da cidade, entre as décadas de 1970 e 1980.

O entendimento do espaço público e das vias urbanas que compõem o Calçadão Arthur Bernardes, identificando suas características de formação, permite problematizá-lo e compreender seu significado para a centralidade urbana de Viçosa, buscando responder às seguintes questões: Como a composição do centro urbano de Viçosa interferiu nas transformações empreendidas para a construção do Calçadão? Como a construção do Calçadão Arthur Bernardes atua na configuração socioespacial do centro urbano de Viçosa? Qual a importância desse espaço na constituição da centralidade urbana da cidade?

O conceito de espaço público passou por diversas transformações em seus significados, devido às inúmeras funções que suporta e por representar o ideal de vida pública em sociedade. Trata-se de uma arena essencial ao meio urbano como lugar de convívio coletivo², atuando, dentro do ideal político democrático contemporâneo, como um local de sociabilidade e convivência das diferenças, considerado como um espaço de intercâmbio, comportando a flexibilidade para o uso simultâneo de grupos diversos, desde que respeitados os limites estabelecidos pelas regras da civilidade³.

Na cidade atual, o caráter político do espaço público foi substituído pelo caráter social, orientado pela lógica de comportamento e pelo consumo das sociedades de massa, alterando, assim, os usos que lhe são dados. A problemática da pedestrianização de ruas em áreas centrais das cidades se insere nesse contexto de mudanças em relação a esse tema⁴.

Para a realização deste estudo, foi necessário analisar o contexto urbano municipal anterior à época de construção do Calçadão, bem como investigar as aspirações do “Por uma Viçosa melhor”, que fez a proposição da obra ao prefeito, e dos comerciantes que estavam instalados ao longo da via quando esta ainda comportava o trânsito de veículos automotores, além de estabelecer uma perspectiva acerca da legislação urbanística da época.

² MAYA-MONTEIRO, P. M. **Paisagem, Lugar e Espaço Público**: Presença e ausência nos espaços da cidade. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 53.

³ FONSECA, F. L. da. **Os calçadões e sua importância para a qualidade urbana na área central de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 2012. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora. p. 15.

⁴ Idem, ibidem.



Figura 3: Placa afixada no antigo prédio da Prefeitura Municipal de Viçosa, localizada no Calçadão da rua Arthur Bernardes (2009)⁵.

Esta investigação tornou-se possível por meio da análise documental de edições do periódico UFV Informa⁶, disponibilizadas em plataforma eletrônica da Universidade Federal de Viçosa (atom.ufv.br); reportagens do Jornal Folha Integração (também chamado Folha de Viçosa/Ponte Nova até 1974 e atualmente Jornal Folha da Mata)⁷; de atas das reuniões da Câmara dos Vereadores; de leis e projetos de lei relacionados à execução de obras e demais posturas municipais, bem como de croquis feitos por arquitetos da UFV a fim de orientar a execução da obra, e também por meio de entrevistas, utilizando metodologia da História Oral, realizadas com ex-membros do grupo “Por uma Viçosa melhor”, ex-vereadores, comerciantes e ex-comerciantes instalados na rua Arthur Bernardes, além de moradores e ex-moradores desse logradouro.

Escolheu-se a História Oral como metodologia, uma vez que se buscou privilegiar o compartilhamento de experiências por parte dos entrevistados, que, ao relatarem suas memórias em relação à construção do Calçadão Arthur Bernardes, puderam colocar suas histórias e projetos dentro de um processo de autoanálise proporcionado pela reflexão tornada possível pela entrevista. Desta maneira, ao utilizar a História Oral, o pesquisador “pretende ver o que é relevante para sua investigação. Diante das entrevistas, pode-se fazer recortes das

⁵ O calçadão de 1979. **Blog Viçosa Cidade Aberta**. Disponível em: <<https://vicosacidadeaberta.blogspot.com/2008/04/o-calado-de-1979.html>>. Acesso em 27 maio 2022.

⁶ Era a publicação oficial da UFV, seguindo os anteriores Folha Rural (publicação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, editada durante o ano de 1935) e Informativo UREMG (periódico da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, editado entre 1962 e 1969). Após a federalização da instituição, em 1969, o jornal foi chamado de UFV Informa. Essas publicações contemplavam temas ligados ao regime didático da instituição, bem como sua organização e parcerias para projetos e pesquisas. Disponível em atom.ufv.br.

⁷ O jornal Folha de Viçosa foi fundado em 1963 pelo historiador, jornalista e professor Pélmo Simões de Carvalho, juntamente com o Cônego Antônio Mendes e também Silas Torres Duarte, circulando semanalmente nas cidades de Viçosa, Ponte Nova, Raul Soares, Jequeri, Rio Casca, Ervália, Ubá, Teixeiras e Urucânia. Foi denominado Jornal Integração até 1986, quando passou a se chamar Folha da Mata (Ver COELHO, D. D. **Da Fazenda ao Bairro: a construção de uma Nova Viçosa (1970-2000)**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Viçosa. p. 17).

partes do todo para atender aos objetivos propostos pelo estudo, tendo ciência de que tais recortes devem respeitar a perspectiva da narrativa apresentada pelo entrevistado”⁸.

A amostra em bola de neve foi utilizada em associação à História Oral na realização das entrevistas, uma vez que os atores envolvidos na pesquisa são pessoas em idade avançada e que não desejam se expor. Conforme Bockorni e Gomes:

Para a realização de uma amostragem em bola de neve é necessário que haja um intermediário inicial, também denominado de semente, que localiza ou aponta algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa a ser realizada. A semente pode, inclusive, ser um dos participantes. As pessoas indicadas são então solicitadas a indicarem mais pessoas. Dessa forma, a amostra, que antes era difícil de ser calculada probabilisticamente ou até mesmo de difícil acesso, expande-se, na maioria das vezes, satisfatoriamente⁹.

No caso desta pesquisa, a “semente” foi identificada por meio de um post no grupo do Facebook “Museu Virtual - Viçosa MG”, com quem foi feito contato por telefone. Essa informante inicial optou por não participar da pesquisa, mas fez a indicação de ex-membros do grupo “Por uma Viçosa Melhor”, permitindo identificar os demais participantes da pesquisa posteriormente.

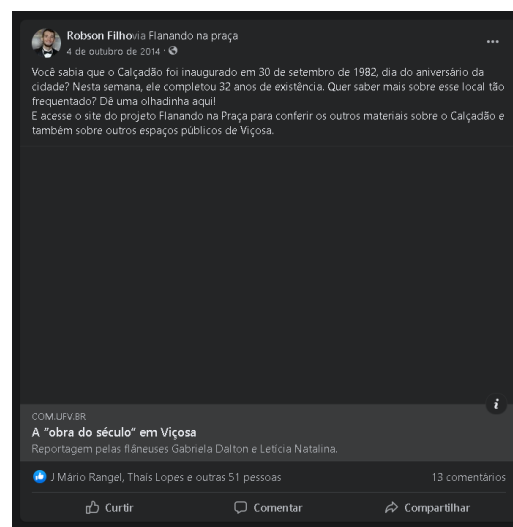


Figura 4: Captura de tela do post no grupo “Museu Virtual - Viçosa MG” que permitiu encontrar a primeira fonte para entrevista¹⁰.

⁸ ALVES, M. C. S. de O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In: IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História*, 2016, Ituiutaba (MG). *Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História*, 2016, p. 5.

⁹ BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, v. 22, p. 108, 2021.

¹⁰ Post de Robson Filho via “Flanando na Praça”. Grupo Museu Virtual - Viçosa MG. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/permalink/883714048317015/>>. Acesso em 01 maio 2023.

As entrevistas foram orientadas por roteiros de perguntas direcionados a cada um dos públicos ouvidos. Os grupos foram divididos entre moradores e ex-moradores da rua Arthur Bernardes (Grupo 1), lojistas e ex-lojistas do mesmo logradouro (Grupo 2), ex-membros do grupo “Por uma Viçosa Melhor” (Grupo 3) e ex-membros do poder público municipal (Grupo 4). Ao todo foram realizadas nove entrevistas, conforme a tabela abaixo. Os entrevistados estão identificados na pesquisa por suas iniciais.

Tabela 1: Informações sobre os entrevistados

Iniciais	Idade	Local de moradia	Sexo	Profissão	Grupo de entrevistados
B. O. C.	64 anos	Bairro Inácio Martins, Viçosa (MG)	Masculino	Vendedor de loja de decoração no Calçadão Arthur Bernardes	Grupo 2
M. L. S.	88 anos	Calçadão Arthur Bernardes, Viçosa (MG)	Feminino	Professora aposentada do Departamento de Economia Doméstica da UFV	Grupo 1
A. S. Z.	81 anos	Condomínio Bosque Acamari, Viçosa (MG)	Masculino	Arquiteto aposentado da UFV	Grupo 3
M. E. L. M.	82 anos	Centro, Viçosa (MG)	Feminino	Professora aposentada do Departamento de Tecnologia de Alimentos da UFV	Grupo 3
M. T. S. L.	87 anos	Bairro Ramos, Viçosa (MG)	Feminino	Bancária aposentada	Grupo 1
R. D. S. L.	82 anos	Bairro Ramos, Viçosa (MG)	Masculino	Comerciante aposentado, dono de loja de móveis no	Grupo 2

				Calçadão Arthur Bernardes	
L. N. F.	Não respondeu	Bairro Ramos, Viçosa (MG)	Feminino	Titular de cartório instalado no Calçadão Arthur Bernardes	Grupo 1
C. M.	75 anos	Belo Horizonte (MG)	Feminino	Professora aposentada do Departamento de Tecnologia de Alimentos da UFV	Grupo 3
F. M. F.	83 anos	Bairro Ramos, Viçosa (MG)	Masculino	Professor aposentado do Departamento de Economia Rural da UFV e ex-vereador (1976 a 1988)	Grupo 4

Fonte: Dados da pesquisa.

Esta dissertação é dividida em 4 capítulos. No primeiro capítulo, “Cidades, espaço público e centros urbanos”, serão tratadas as questões de constituição dos centros urbanos. Discutiremos também a composição do espaço público nesses locais, buscando compreender, a partir de aspectos conceituais, como esse espaço permite analisar o conteúdo social e a manifestação da centralidade nas cidades.

No capítulo 2, intitulado “Viçosa e seus espaços”, trataremos da história da cidade de Viçosa com foco em seu crescimento urbano, analisando suas fases de expansão e como cada uma afetou a constituição de sua área central. Nesta parte é fundamental entender o papel da Universidade Federal de Viçosa (UFV), uma vez que pertencem a essa instituição a maioria dos profissionais envolvidos na execução do projeto que seria doado à Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV) a fim de construir o Calçadão Arthur Bernardes. Também serão abordados nessa parte os desafios que a cidade enfrentava com uma política urbanística que não avançava na mesma velocidade que seu crescimento populacional. Desta maneira, buscaremos compreender o sentido mercadológico que Viçosa passava a experimentar na

década de 1970, com a constituição de novas centralidades que atendessem aos novos públicos que começavam a povoar a cidade.

No capítulo 3, “Calçadões – No Brasil, no mundo e no interior de Minas Gerais”, analisaremos a origem das ruas de pedestres, popularmente conhecidas como calçadões, a partir de exemplos na Europa e nos Estados Unidos, pioneiros na implementação desse tipo de obra, que veio a ser implantada no Brasil a partir da década de 1970. A partir daí será estudado o contexto da época de construção do Calçadão Arthur Bernardes em Viçosa, tendo como suporte as publicações jornalísticas a respeito da obra, da cidade e da universidade, a legislação urbanística municipal, o projeto realizado com suporte de arquitetos da UFV e entrevistas com ex-membros do grupo “Por uma Viçosa melhor”, ex-vereadores, comerciantes e ex-comerciantes instalados na rua Arthur Bernardes e moradores e ex-moradores desse logradouro. Além disso, no capítulo 3 apresentaremos as conclusões desta dissertação.

O capítulo 4, “Viçosa, cidade aberta”, apresentará o produto deste trabalho, conforme exigência do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV.

Capítulo 1: Cidades, espaço público e centros urbanos

O objetivo deste capítulo é discutir questões relacionadas à formação das cidades, seus espaços públicos e a constituição de seus centros, a fim de compreender como se relacionam e como interferem na constituição de nosso objeto de estudo, o Calçadão Arthur Bernardes. Para estudar esses elementos, essenciais para o desenvolvimento desta dissertação, iniciaremos aportando referenciais conceituais importantes para este trabalho.

Este capítulo é dividido em quatro seções: na primeira parte, intitulada “Planejamento urbano: Limpar, movimentar, ordenar”, aborda-se o surgimento do urbanismo como uma disciplina que buscava tratar as cidades, a fim de organizar seu crescimento e determinar o desenvolvimento de seus espaços. A segunda parte, “Ordenamento espacial e visibilidade”, analisa a composição da trama locacional das cidades, que se altera quando sobre ela atua um movimento de imposição de uma determinada ordem, demonstrando o sentido mercantil que essas mudanças tiveram na cidade de Viçosa durante o século XX. A terceira parte, “Espaço público urbano”, empreende uma discussão sobre as categorias espaço, esfera pública e espaço público e sua importância para as cidades. Já a quarta e última parte, “Centros urbanos e centralidades”, aborda a constituição dos espaços centrais urbanos e seu papel no espaço público das cidades.

Planejamento urbano: Limpar, movimentar, ordenar

Até o século XIX, as descrições das cidades versavam sobre seu espaço apenas por intermédio de seus monumentos. Dentro dos estudos históricos, nos anos 1800, a grande preocupação em relação à cidade era do ponto de vista de suas instituições jurídicas, políticas e religiosas, bem como de suas estruturas econômicas e sociais¹¹.

O conceito de cidade já foi interpretado de diversas maneiras e por diferentes autores. A fim de descrever percursos conceituais que podem ser feitos para interpretá-la, Maria Stella Bresciani indica sete caminhos, os quais chama de “As sete portas da cidade”. A primeira abordagem tem como fundamento a questão técnica, utilizada como instrumento de modificação do meio. As investigações voltadas para essa abordagem procuravam elaborar

¹¹ CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado, 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 192.

soluções para questões de embelezamento e higiene, buscando formas de disciplinar e ordenar os espaços da cidade¹².

Choay trata sobre a ordenação urbana em “A alegoria do patrimônio”, ao versar sobre o surgimento da estrada de ferro e a invenção do telégrafo, que se combinavam a fim de organizar o território dos países¹³. Ainda na primeira década do século XIX, houve um vertiginoso crescimento demográfico das cidades, além de um desenvolvimento urbano sem precedentes, sendo a Grã-Bretanha o primeiro palco para esses acontecimentos. Em países como Alemanha e França, esse processo se iniciou a partir da década de 1830¹⁴.

Com a criação de uma nova ordem, buscando adaptar a cidade à sociedade que nela habitava, as antigas cidades europeias tiveram seus meios de transporte e de produção transformados, ao mesmo tempo em que surgiam novas funções urbanas¹⁵. As condições da vida moderna exigiam uma compreensão própria acerca das cidades e, assim, surge a palavra “urbanista”, a fim de designar aqueles que buscavam repensar a cidade pela ótica da saúde pública¹⁶. Além disso, o higienismo e o sanitarismo do século XIX resultaram na construção do urbanismo como uma nova ciência, derivada da engenharia, voltada para a garantia do movimento e da salubridade às cidades, que deveriam ser ordenadas com ruas retificadas e pavimentadas, tendo suas águas drenadas, dejetos afastados e casas adaptadas às exigências de luminosidade, espaço e intimidade¹⁷.

Durante o século XIX, em diversas regiões do mundo, incluindo o Brasil, a salubridade das cidades vinha sendo problematizada, tendo os médicos, nesse contexto, papel fundamental no processo de discussão em torno de questões relativas à saúde pública, com a colaboração de engenheiros e arquitetos para o entendimento dessa problemática¹⁸.

As concepções sobre a origem e disseminação de doenças a partir do ambiente físico trouxeram a necessidade de uma gestão higiênica da habitação e dos espaços comuns. A higiene passa a ser considerada imprescindível para evitar infecções, tornando as cidades o “alvo” de instalação de equipamentos urbanos que favorecessem o saneamento. A partir do

¹² BRESCIANI, M. S. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates**, n. 34, 1991, p. 11.

¹³ CHOAY, F. op. cit., 2006, p. 246.

¹⁴ CHOAY, F. **O urbanismo: Utopias e realidades, uma antologia**. Trad. Dafne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 3.

¹⁵ CHOAY, F. op. cit. 2006, p. 4.

¹⁶ SENNETT, R. **Construir e habitar**. Ética para uma cidade aberta. Trad. Clóvis Marques, 1ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 35.

¹⁷ TORRÃO FILHO, A. Sete portas e uma chave: A constituição de saberes técnicos e teóricos sobre a cidade. **POLITEIA: História e Sociedade**. v. 9, n. 1, 2009, p. 53.

¹⁸ MASTROMAURO, G. C. Alguns aspectos da saúde pública e do urbanismo higienista em São Paulo no final do século XIX. **Cadernos de História da Ciência**, v. 6, n. 2, p. 46.

século XIX, assim, o saber médico passava a interferir no espaço habitado, a fim de condicionar os costumes da população das cidades, bem como o desenho dessas localidades¹⁹.

Motivado pelas grandes descobertas das ciências e da tecnologia, pela intensificação da luta de classes e pela explosão demográfica de fins do século XIX²⁰, o engenheiro aparece como profissional encarregado das obras públicas²¹ necessárias para a ordenação da vida social. No Brasil, da mesma maneira que em outras partes do mundo, as intervenções urbanas empreendidas pelos médicos e engenheiros responsáveis pelo saneamento das cidades encontram sua fundamentação na teoria miasmática:

O assunto “miasmas” era muito debatido entre estes profissionais porque a palavra traduzia quase tudo o que tinha relação com insalubridade, além de ser algo desconhecido: acreditava-se serem os miasmas emanações nocivas invisíveis que corrompiam o ar e atacavam o corpo humano. Os miasmas seriam gerados pela sujeira encontrada nas cidades insalubres, e também por gazes (sic) formados pela putrefação de cadáveres humanos e de animais²².

O discurso da higiene, desta forma, se insere nesse contexto de controle social e de exercício de poder por parte da elite sobre a população em geral, a qual, muitas vezes, não possuía recursos para acompanhar esses discursos e determinações. Desta maneira, não apenas o lugar, mas também o valor atribuído a um modelo urbanístico orientado por uma cidade moderna, higiênica e saudável contribuíram para o esquadramento e condicionamento da vida das populações de renda mais baixa nos centros urbanos²³.

Sennett relaciona o surgente planejamento urbano com as descobertas efetuadas pelo médico britânico William Harvey no século XVII, que revolucionaram os estudos sobre a circulação sanguínea: “[...] palavras como ‘artéria’ e ‘veia’ entraram para o vocabulário urbano no século XVIII, aplicadas por projetistas que tomavam o sistema sanguíneo como modelo para o tráfego”²⁴. Assim, o desenho urbano do século XIX promoveu a circulação de grandes contingentes populacionais dentro das cidades, buscando ensinar as pessoas a se movimentarem com maior velocidade, seguindo uma lógica determinada por uma distribuição espacial orientada pelo uso mercantil das edificações²⁵.

¹⁹ SÁ, N. R. A. L. de; MAIA, D. S. Movimento higienista e alterações do espaço urbano da cidade da Parahyba (1854-1912). *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, vol. 11, n. 25, mai./ago., 2012, p. 90.

²⁰ BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria I. Loriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 27.

²¹ TORRÃO FILHO, A. op. cit., p. 53.

²² MASTROMAURO, G. C. op. cit., p. 46.

²³ SÁ, N. R. A. L. de; MAIA, D. S. op. cit., p. 91.

²⁴ SENNETT, R. **Carne e Pedra**: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Trad. Marcos Aarão Reis. 5. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020, p. 220-221.

²⁵ Idem. p. 331.

Desta maneira, em nome da higiene, da circulação e da estética, partes inteiras da malha urbana de Paris foram destruídas por Haussmann²⁶: Entre 1853 e 1869, o então prefeito da cidade construiu largas avenidas, edifícios grandiosos e praças monumentais, eliminando as estreitas e tortuosas ruas medievais, operando o que Araújo denominou “cirurgia urbanística”, que se tornaria paradigma para intervenções realizadas em outras cidades do mundo²⁷.

Já no Brasil, entre o fim do século XIX e o início do século XX, também é possível perceber a realização de uma série de transformações que atravessavam os campos político, econômico e sociocultural:

O início do período republicano se caracterizaria por esse afã pela modernidade, desejo explicitado por políticos e intelectuais. Acompanhar o fluxo do progresso nesse momento significava, em grande medida, adequar-se ao ritmo da economia europeia e aos padrões da cultura, assim como aproximar-se das formas de modernidade ditada pelos países da Europa Ocidental. [...] Vale ressaltar que as elites brasileiras não procuraram simplesmente imitar o *modus vivendi* europeu, tratando de reproduzir nos trópicos, os modelos urbanísticos europeus²⁸.

A partir da segunda metade do século XIX, assim, passaram a existir no Brasil preocupações em relação à salubridade das cidades e seu aumento populacional, espelhadas nas intervenções e reformas urbanísticas realizadas em cidades como a Paris de Haussmann. Desta maneira, capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Belém e Recife passam a adotar planos urbanísticos que as inserisse no movimento de modernização almejado pelas elites locais²⁹.

Os anos finais do século XIX no Rio de Janeiro são analiticamente ricos, pois revelam claramente a diversidade e a complexidade das forças sociais que o processo de modernização da economia colocou em marcha [...], bastando apontar para o ponto de confluência de todas as análises realizadas, qual seja, a existência, no final do século XIX, de uma tensão crescente entre a proposta de uma sociedade burguesa que se impunha rapidamente e os interesses dos grupos e classes sociais que se sentiam ameaçados pelo projeto modernizador, e que portanto lhe ofereciam resistência. A modernização sairá vitoriosa desse embate, e para tanto contará com o apoio não apenas dos interesses políticos e econômicos que a sustentavam, como também da ciência e da técnica [...]³⁰.

²⁶ CHOAY, F. op. cit. 2006, p. 175.

²⁷ ARAÚJO, P. V. L. de. **Intervenções urbanas e aspirações de modernização - Campanha/MG (1890-1830)**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis (SC). 2015. p. 1.

²⁸ Idem, ibidem.

²⁹ Idem, p. 1-2.

³⁰ ABREU, M. de A. Pensando a cidade no Brasil do passado. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 169-170.

Esse processo de modernização é compreendido por Araújo como uma perspectiva de incorporação das inovações do capitalismo europeu do fim dos anos 1800, com mudanças significativas como a implementação de transportes coletivos, calçamento de ruas, criação de serviços públicos de limpeza, iluminação, abastecimento de água e esgotamento sanitário, dentre outros³¹. Desta forma, mais do que uma disciplina, o urbanismo forjou-se, no século XIX, como um amplo campo para o qual convergiam os estudos de profissionais que buscavam entender e ordenar o crescimento até então inédito das cidades³², propagando conceitos de limpeza e beleza como opostos à “imundície” dos tempos coloniais, a fim de imprimir uma imagem civilizada aos centros urbanos:

Assim, se por um lado a inspiração de cidade moderna e o cumprimento dos preceitos da salubridade pública e da higiene conduziram à construção de praças e do jardim público, ao alargamento e ao calçamento das ruas e ainda ao alinhamento das edificações [...], por outro lado, provocaram medidas que tinham como princípio a varredura daquilo que representava o atraso, o feio ou anti higiênico³³.

Ordenamento espacial e visibilidade

Ainda nas primeiras décadas do século XX, as intervenções urbanísticas empreendidas pela administração municipal de Viçosa visavam enquadrar a cidade em um ideal higiênico, organizando seus espaços, como veremos mais detalhadamente no capítulo 2 deste trabalho. Interessa-nos aqui tratar sobre o papel de instituições e legislações no processo de ordenamento dos espaços urbanos, voltando-nos para a análise de sua organização, a fim de estudarmos essa temática na cidade de Viçosa em capítulos posteriores.

Segundo Corrêa, as relações espaciais dentro da cidade se manifestam por meio dos fluxos de pessoas e veículos associados à carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos cotidianos entre áreas residenciais e locais de trabalho, deslocamentos para compras etc. A articulação também se manifesta de modo menos visível, uma vez que, dentro do sistema econômico capitalista, as relações espaciais que a envolvem também englobam questões sobre a tomada de decisões sobre investimentos de capital³⁴.

³¹ Idem, p. 3.

³² DANTAS, A. C. de C. L. **Sanitarismo e planejamento urbano: A trajetória das propostas urbanísticas para Natal entre 1935 e 1969**. 2003. 249f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003, p. 33.

³³ MAIA, D. S. Ordem, higiene e embelezamento na Cidade Alta e na Cidade Baixa: A modernização da cidade da Parahyba - Brasil. **Revista Convergência Crítica**, n. 1, 2012, p. 7.

³⁴ CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Editora Ática: São Paulo, 1989, p. 5-6.

Lefebvre trata do poder de diferentes instituições e ligações que regem as cidades, ordenando seu crescimento:

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados etc.), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações etc.); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de **ordem próxima** (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a **ordem distante**, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes³⁵.

No que se refere à “ordem distante” relacionada à valorização da terra, podem estar presentes tanto proprietários industriais quanto proprietários fundiários. Cardoso chama esses sujeitos, seguindo a conceituação de Corrêa³⁶, de donos da cidade, responsáveis pela transformação dos elementos urbanos, na busca da uniformização dos modos de vida e do enquadramento dos espaços dentro de uma determinada lógica³⁷, ou seja, segundo uma ordem que prescinde da atuação de uma ideologia³⁸.

Os grandes proprietários industriais são um exemplo desse grupo nomeado como dono da cidade, uma vez que lidam com a indústria e o comércio urbano, buscando terrenos de baixo valor a fim de iniciarem seus empreendimentos. Esses proprietários se articulam como donos da cidade pois, ainda que seus negócios não se estabeleçam em determinado local, ali ocorrerá uma valorização fundiária, atraindo novos negócios e ocasionando a ampliação de sua renda³⁹.

De maneira similar, os proprietários fundiários, segundo a caracterização de Corrêa⁴⁰, têm como principal forma de ação a obtenção da maior renda fundiária de suas propriedades, seja pelo uso comercial, seja pelo uso residencial. Seus interesses estão diretamente

³⁵ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001, p. 51-52, grifo do autor.

³⁶ CORRÊA, R. L. 1989, p. 12.

³⁷ CARDOSO, S. R. P. **Espaço público na metrópole contemporânea**. Curitiba: InterSaberes, 2022, p. 245.

³⁸ CORRÊA, R. L. 1989, p. 12.

³⁹ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 245.

⁴⁰ CORRÊA, R. L. 1989, p. 12.

relacionados ao valor de troca da terra, uma vez que obterão riquezas com a expansão de suas propriedades nas cidades, cujos terrenos são mais valorizados do que as terras rurais⁴¹.

Estes são, para Cardoso, os principais agentes que podem ser denominados donos da cidade, dada a pressão que exercem sobre o Estado acerca das formas de gestão e uso da terra⁴², ou seja, esses sujeitos determinam o ordenamento do espaço das cidades. A própria etimologia da palavra “ordenamento” sugere a ideia de ordem, portando, assim, o sentido de mando, ou ao menos de comando e de posição de algumas instituições⁴³.

Segundo Cardoso, também podemos identificar como donos da cidade os agentes imobiliários, representados por empresas comerciais e financeiras, e o Estado: enquanto os primeiros atuam na promoção imobiliária, no financiamento e na construção e comercialização de terras ou imóveis, o Estado atua na organização, na indústria e no consumo de espaços e propriedades fundiárias, por meio da regulação do uso do solo urbano⁴⁴. Desta maneira, podemos compreender o Estado como um detentor de terras, que as utiliza como reserva fundiária para usos futuros, tendo grande poder de ação sobre a cidade na elaboração, implementação e fiscalização de leis⁴⁵.

Compreendemos neste trabalho o espaço das cidades não como lócus passivo das relações sociais, já que possui um papel ativo e é utilizado operacional e instrumentalmente pela classe hegemônica. Segundo Lefebvre, citado por Botelho, a burguesia, enquanto classe dominante, dispõe de um duplo poder sobre o espaço, exercido por meio da propriedade privada do solo e também por meio da ação do Estado propriamente dito⁴⁶. Ao privilegiar com suas políticas públicas e investimentos os meios de produção, o Estado contribui para gerar uma valorização desigual dos espaços da cidade, bem como uma apropriação desigual desses espaços por diferentes segmentos sociais⁴⁷.

Nesse sentido, a atuação do Estado, por meio da edição de legislações urbanísticas de ordenamento de uso e ocupação do solo urbano em sintonia com as demandas do mercado,

⁴¹ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 245.

⁴² Idem, ibidem.

⁴³ PEREIRA, M. V. F. ESPAÇO E TERRITÓRIO – ORGANIZAÇÃO, ORDENAMENTO E USO: NOTAS TEÓRICO-EPIDEMOLÓGICAS. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 39, p. 7, 2019. DOI: 10.5216/bgg.v39i0.58066. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/58066>. Acesso em 2 maio 2023.

⁴⁴ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 246.

⁴⁵ Idem, ibidem.

⁴⁶ BOTELHO, A. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. **Cadernos Metrôpole**, n. 18, p. 16, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8727/6474>. Acesso em 3 maio 2023.

⁴⁷ RIBEIRO FILHO, G. B. **A formação do espaço construído: Cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro, 1997, p. 8.

contribui para modificar o mapa de valores da terra urbana e também para diferenciar as construções no espaço urbano⁴⁸. Desta forma, na medida em que a cidade se torna um negócio para o capital, as leis de mercado passam a ditar as regras do ordenamento espacial urbano, fazendo com que os processos de valorização do espaço passem necessariamente pela mercantilização dos lugares. Assim, o espaço – e em particular o espaço urbano – passa a ter cada vez mais importância para o capital⁴⁹.

À dimensão utilitária do espaço, agrega-se sua crescente privatização, na medida em que este se incorpora ao capital como meio de produção. Como exemplos desse espaço produzido em consonância com o capital financeiro, podemos citar a construção de grandes condomínios residenciais e centros empresariais⁵⁰, que se tornaram populares durante a segunda metade do século XX.

O Calçadão Arthur Bernardes, compreendido neste trabalho como produto de uma reorganização espacial pela qual passava o centro da cidade de Viçosa durante a década de 1970, atuou como locus da privatização do espaço da rua, na medida em que o valor de uso associado à porção central da cidade foi sendo paulatinamente substituído pelo valor de troca, acelerando o processo de valorização do espaço, especialmente o central, que perpassa sua mercantilização, refletindo na transformação do uso da rua, que passava de majoritariamente residencial para majoritariamente comercial, pela atuação de proprietários fundiários e promotores imobiliários, consolidando o centro como área comercial e de prestação de serviços. Nesse processo, atuaram em conjunto a PMV e o grupo “Por uma Viçosa melhor”, ao qual pertenciam técnicos e professores da UFV, com apoio de proprietários fundiários, que buscavam aumentar o valor cobrado nos aluguéis de seus terrenos, a partir da expansão da atividade comercial e imobiliária.

O comércio potencializa a visibilidade de um local, valendo-se das condições morfológicas do espaço urbano e da presença do público, dirigindo nosso olhar a fim de alcançar seu objetivo imediato, ou seja, vender⁵¹. Espaços urbanos centrais, em especial espaços públicos, são sempre espaços de exposição, exercendo forte centralidade no imaginário da cidade, sendo por isso cobiçados por quem disputa reconhecimento e visibilidade⁵².

⁴⁸ Idem, *ibidem*.

⁴⁹ BOTELHO, A. *op. cit.*, p. 18.

⁵⁰ Idem, *ibidem*.

⁵¹ GOMES, P. C. da C. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 277.

⁵² Idem. p. 269.

Na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são indissociáveis e uma discussão sobre esse tema perpassa necessariamente a articulação entre os aspectos que conferem “concretude” à esfera pública urbana e aqueles de cunho abstrato, ou seja, há a necessidade de aliar uma abordagem fenomenológica do espaço urbano à investigação acerca de sua morfologia⁵³. Cabe analisar aspectos que agem sobre as concepções de esfera pública, que se manifestam nas dimensões conceitual e física do espaço público, auxiliando em sua compreensão⁵⁴.

Centros e centralidades

As dinâmicas das aglomerações urbanas geram a necessidade de deslocamentos espaciais que se tornam maiores à medida que as cidades se expandem e suas dinâmicas se intensificam⁵⁵. Esses movimentos originam as disputas por localizações que minimizem e permitam o controle do tempo gasto em deslocamentos e, nesse embate, as populações de renda mais alta assumem o poder de escolher sua localização em relação ao centro, enquanto as camadas que possuem menor poder de decisão acabam por localizar-se em áreas periféricas.

Para Corrêa, o espaço das cidades é um reflexo das ações que se realizam no presente e também daquelas realizadas no passado, que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais atuais. Desta maneira, o espaço urbano é um condicionante da sociedade, sendo que a ordem a que esse espaço a submete se dá por meio do papel que as formas espaciais desempenham na reprodução das condições e relações de produção⁵⁶.

O espaço das cidades, dentro do contexto capitalista, constitui-se, inicialmente, de diferentes usos da terra justapostos entre si. Esses usos definem áreas distintas em termos de forma e conteúdo social, como zonas portuárias, áreas residenciais, pólos industriais e o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, serviços e gestão⁵⁷.

Ao mesmo tempo em que é fragmentado, o espaço urbano é articulado: cada uma de suas divisões mantém relações espaciais com as demais, ainda que em intensidades diferentes. Essas relações se manifestam nos fluxos de pessoas e veículos associados à carga e descarga

⁵³ SERPA, A. Espaço Público e Acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP Espaço e Tempo** (On-line), v. 8, n. 1, p. 29, 2004. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123865. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123865>. Acesso em: 3 maio. 2023.

⁵⁴ FONSECA, F. L. da. op. cit. p. 27.

⁵⁵ Idem. p. 71-72.

⁵⁶ CORRÊA, R. L. 1989, p. 9.

⁵⁷ Idem, p. 7.

de mercadorias, aos deslocamentos diários entre áreas residenciais e locais de trabalho ou para compras no centro ou em lojas do bairro, dentre outras atividades⁵⁸.

No capitalismo, essa articulação se reflete nas relações espaciais envolvendo a circulação de decisões e investimentos de capital, além da prática do poder e da ideologia. Tais relações são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos, unindo-as em um conjunto cujo núcleo tem sido, tradicionalmente, o centro da cidade⁵⁹.

A consolidação de um território como centro deve ser entendida não como um espaço preexistente, mas sim como resultado de um processo que o transformou em centro, como parte de uma estrutura urbana. Desta maneira, deve-se compreendê-lo como resultante de processos históricos e também de uma construção simbólica⁶⁰, uma vez que se tratam de lugares que ampliam a visibilidade, exercendo forte reconhecimento no imaginário da cidade e, por isso, sendo cobiçados por quem disputa reconhecimento e visibilidade. Certos logradouros concentram a atenção, atuando como cenários da vida urbana, um resumo das formas de sociabilidade, e constituindo um ingrediente fundamental na definição dos traços que caracterizam a cidade. Essa atribuição de significações gera capital simbólico que orienta narrativas associadas a locais centrais⁶¹.

São inerentes a esses processos históricos as disputas entre grupos sociais por localização nas quais, invariavelmente, as populações de renda mais alta assumem o controle, relegando às classes sociais mais baixas as áreas periféricas, por representarem um gasto maior de tempo para deslocamentos espaciais dentro da cidade⁶². Em função desse interesse, os terrenos centrais ganham elevado valor de uso, devido a sua acessibilidade. Além disso, é a eles atribuído também alto valor simbólico, derivado da valorização social de que desfrutam, uma vez que, geralmente, é nesse território que a comunidade instaura as instituições representativas de sua cultura⁶³. Diferentes segmentos sociais que almejam reconhecimento e visibilidade querem participar dessa exposição⁶⁴.

A valorização do centro como resultado de uma organização socioespacial resulta, assim, das disputas sociais motivadas pelo interesse em controlar a localização dentro do

⁵⁸ Idem, *ibidem*.

⁵⁹ Idem, p. 8.

⁶⁰ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 71.

⁶¹ GOMES, P. C. da C. 2013, p. 270.

⁶² VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001, p. 241.

⁶³ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 72.

⁶⁴ GOMES, P. C. da C. 2013, p. 271.

espaço urbano. Ocupar o centro constitui o domínio de uma simbologia, já que se trata de um ponto estratégico para o exercício da dominação⁶⁵.

Nas cidades brasileiras, os centros tradicionais tendem a permanecer como pontos de irradiação da organização urbana, concentrando em si a maior densidade de funções e usos, mas também de empregos, com uma alta densidade demográfica em sua área⁶⁶. Fonseca cita Vargas e Castillo para afirmar que:

Os centros das cidades têm sido identificados como o lugar mais dinâmico da vida urbana, animados pelo fluxo de pessoas, veículos e mercadorias, decorrentes da marcante presença das atividades terciárias, transformando-se no referencial das cidades. Historicamente eleitos para a localização de diversas instituições públicas e religiosas, os centros têm a sua centralidade fortalecida pela (sic) somatório de todas essas atividades, e o seu significado, por vezes, extrapola os limites da própria cidade⁶⁷.

A centralidade é conceituada por Fonseca como a qualidade do que é central⁶⁸, enquanto Maya-Monteiro busca estabelecer essa construção citando Kevin Lynch:

Em uma escala intra-urbana, as centralidades e interconexões são tornadas inteligíveis e inequívocas no trabalho de Kevin Lynch (1960), que identifica a imagem da cidade através dos elementos da identidade urbana: os limites, bairros, vias, marcos e nós. Este tipo de estruturação dos elementos urbanos em um diagrama básico da imagem da cidade para a sua população nos parece fundamental para os estudos de arquitetura e urbanismo. Embora Lynch não trate explicitamente da “constituição do lugar”, consideramos que o papel destes elementos urbanos que ele investiga, dotados de centralidade, demonstra que estes são os lugares principais da cidade, e não apenas os elementos de uma a (sic) imagem urbana. São os lugares de um consenso coletivo e público. E, embora, todos estes possam “ser lugares”, isto é verdade especialmente para os nós e os marcos, nos quais a centralidade é reforçada. Os limites e as vias desta estrutura básica da cidade são simultaneamente as conexões de que tratamos e percursos que podem ser lugares⁶⁹.

Desta maneira, para compreendermos a centralidade como uma qualidade relacionada ao centro, devemos levar em consideração que ela deriva da importância dada a esse espaço da cidade, caracterizando-se também por fatores como a concentração de atividades nessa área e seu simbolismo, geralmente associado a questões afetivas, históricas ou ideológicas:

Em resumo, a área central da cidade tende a se destacar das demais pela concentração de atividades, traduzido na intensidade do uso do solo e concentração de empregos, pela relativa facilidade de acesso via meios de transporte que para lá convergem, e pela atração que exerce tanto sobre seus cidadãos e sobre visitantes.

⁶⁵ VILLAÇA, F. op. cit., p. 244.

⁶⁶ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 73.

⁶⁷ VARGAS; CASTILLO, 2009 apud FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 73.

⁶⁸ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 75.

⁶⁹ MAYA-MONTEIRO, P. M. op. cit., p. 166.

Esta combinação faz do centro um lugar dinâmico e disputado, tendendo a traduzir a cultura urbana da cidade⁷⁰.

A cidade, sendo uma obra social, é caracterizada pela centralidade, refletindo a acessibilidade e a escassez dessa porção do espaço urbano.

A área central da cidade tem sido objeto de estudos variados por parte de pesquisadores de diferentes domínios científicos, como da arquitetura, sociologia, economia, da própria geografia, entre outros que buscam compreender a desigualdade na distribuição dos fenômenos, identificada a existência de locais que registram diferentes níveis de concentração de pessoas, equipamentos e atividades, dentre as quais as atividades econômicas, averiguadas em esfera produtiva, de circulação e consumo⁷¹.

O estudo do centro como o apresentado por Roberto Lobato Corrêa perpassa a análise de categorias, processos e formas espaciais que remetem à ideia dos processos de acumulação de capital e reprodução social como fundamentais na criação de funções e formas espaciais, dando origem a atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial⁷².

Corrêa analisa o surgimento da área central como um ponto de convergência de uma grande parcela da população da cidade, que circula diariamente por esse espaço. Ao mesmo tempo, o autor afirma que o centro existe pelo grande número de comércios e serviços que ali existem, além da formação de centros administrativos municipais, desencadeando fenômenos como a larga expansão e a busca por mais acessibilidade dentro das cidades⁷³.

A área central, assim, surge como resultado do processo de centralização, no qual a acessibilidade, dentre outros fatores, torna-se preponderante na construção desse conceito:

Verifica-se uma certa sincronia entre o emergir do capitalismo em sua fase plenamente industrial e o aparecimento da Área Central. Processo, forma e também as funções estão assim conectados. [...] Em razão de suas vantagens locacionais, o preço da terra e dos imóveis é aí o mais elevado. Isso leva a uma seleção de atividades. Localizam-se na Área Central aquelas que são capazes de transformar custos locacionais elevados e ampla acessibilidade em lucros maximizados [...]⁷⁴.

⁷⁰ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 76.

⁷¹ GLUSZEVICZ, A. C.; MARTINS, S. F. O conceito de centralidade urbana: Estudo do município de Pelotas, RS. *Anais do II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço*. 2013. Disponível em:

<http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/o-urbano-em-suas-difentes-escalas/gluszevicz-ana-cristina.pdf>. Acesso em 16 maio 2022. p. 3.

⁷² Idem, p. 7-8.

⁷³ Idem, p. 9.

⁷⁴ CORRÊA, R. L. 1989, p. 39-40.

Corrêa reconhece também a dimensão simbólica assumida pelo espaço urbano, a qual é perpassada por diferentes grupos sociais. Os espaços da cidade são entendidos como cenários e objetos das lutas sociais, constituído por diferentes usos da terra⁷⁵.

O centro, encarado como um desses espaços da cidade, é um exemplo da manifestação do fenômeno da centralidade, exposto tanto em suas construções quanto em seu significado simbólico. Desta maneira, as ruas da cidade são, ao mesmo tempo, locais de passagem e também locais de encontro, sendo um espaço público por excelência, já que constituem um local de uso comum⁷⁶.

Espaço público urbano

Uma primeira apreensão a ser feita acerca da expressão espaço público refere-se a seu uso em diferentes campos de conhecimento. A filosofia política tem na tese de Habermas um marco indiscutível, na qual se privilegia a descrição de uma mentalidade e de um conjunto de direitos que, em determinado, no século XVIII europeu, começam a se impor como modelo de interação social, promovendo mudanças estruturais que levaram à constituição de uma esfera pública burguesa, construída em um “espaço” social situado entre a sociedade civil e o Estado moderno, onde cidadãos podiam dialogar e discutir questões de interesse comum, cumprindo uma função política⁷⁷.

Desta forma, a filosofia política se encarrega de estudar um domínio abstrato de relações e estruturas sociais. Entretanto, por óbvio, tais mudanças se constituíram também em um espaço físico, já que uma esfera pública não poderia existir sem a formação de um espaço concreto. Desta maneira, não é possível tratar de uma esfera e de um espaço públicos como se não coexistissem na construção e existência do mesmo processo social⁷⁸.

Espaços públicos são associados a certas formas físicas, como ruas, praças, parques etc. Essas formas, no entanto, só ganham sentido na maneira como são estruturadas e vividas, uma vez que não possuem um conteúdo absoluto⁷⁹. Os espaços públicos encerram diferentes concepções e acepções, usos e funções no contexto da cidade e devem ser vistos como lugares

⁷⁵ Idem, *ibidem*.

⁷⁶ OLIVEIRA, M. R. de. Centro e centralidade urbana: o exemplo do Calçadão de Bangu. *Anais do XI Seminário de Estudos Urbanos e Regionais e V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano. I Colóquio sobre Cidade e Cidadania*. 2015, p. 139.

⁷⁷ GOMES, P. C. da C. Espaço público, espaços públicos. *GEOgraphia*, v. 20, n. 44. 2018, p. 115.

⁷⁸ Idem, *ibidem*.

⁷⁹ Idem, *ibidem*.

sociais, nos quais uma multiplicidade de significados são produzidos cotidianamente⁸⁰. Assim, a fim de definir conceitualmente o espaço público, buscaremos compreender primeiro seu componente principal, o espaço:

O espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais. Mas a contradição principal é entre sociedade e espaço, entre um presente invasor e ubíquo que nunca se realiza completamente, e um presente localizado, que também é passado objetivado nas formas sociais e nas formas geográficas encontradas. Quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, formas-conteúdo, isto é, objetos sociais já valorizados aos quais ela (a sociedade) busca oferecer ou impor um novo valor⁸¹.

O conceito de espaço é basilar na obra de Milton Santos, para quem “o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada”⁸². A palavra “espaço” pode designar

[...] ora uma “extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes ou possíveis”, um espaço livre e um recipiente; ora uma “extensão limitada em uma, duas ou três dimensões; distância, área ou volume determinados”. Um espaço é a medida que separa, o intervalo ou “espaçamento”; como no latim de sua origem *spatium*. Entretanto, o “espaço” pode não apenas designar extensão e distância concretas, mas também assumir um sentido abstrato e subjetivo, e ser então apropriado para designar “um campo abrangido idealmente por determinada área dos conhecimentos e fazeres humanos”, como por exemplo “espaço cultural, espaço psicológico, espaço literário”⁸³.

Associado ao uso do adjetivo “público”, o espaço ganha diferentes atribuições. Ribeiro cita Albernaz ao tratar desse conceito, evocando sua abordagem jurídica, que o qualifica como um local de domínio público, logo, um patrimônio da coletividade, estando em regime de uso comum e sendo de livre acesso à sociedade. Esse patrimônio abrange as vias, largos, praças e parques protegidos pelo poder público, que tem a responsabilidade de conservá-lo por meio da prestação de serviços urbanos⁸⁴.

Para caracterizar o espaço público, há uma função atribuída a esses locais. A forma como o espaço público é utilizado pode favorecer ou inibir práticas, dependendo de como ele

⁸⁰ LOBODA, C. R. ESPAÇO PÚBLICO E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. **Caderno Prudentino de Geografia**. Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local Presidente Prudente. v. 1, n. 31, 2009, p. 53.

⁸¹ SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 71.

⁸² Idem, p. 81-82.

⁸³ MAYA-MONTEIRO, P. M. op. cit., p. 59.

⁸⁴ RIBEIRO, T. G. **Paisagem e espaço público: As intervenções urbanas na avenida Barão do Rio Branco em Juiz de Fora/MG**. Juiz de Fora, 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora. p. 16.

é formado⁸⁵. Ribeiro cita a obra de Wall e Waterman, “Desenho urbano”, a fim de ressaltar que a função democrática dos espaços públicos permite o intercâmbio de ideias e a coexistência de diversos tipos de pessoas⁸⁶. O espaço público designa a jurisdição de um espaço não privado, constituindo um princípio em um espaço forjado para o bem comum. Tratar dele é uma questão intrinsecamente política, logo, implica tratar também da esfera pública, um espaço fundamentado na pluralidade e na possibilidade de democracia⁸⁷.

O espaço público passou por transformações em suas dimensões, assumindo novos significados. Se em suas origens ele era considerado o espaço da possibilidade da ação política e da liberdade, atualmente ele assume o papel de espaço para o convívio social, onde há diretrizes para o comportamento⁸⁸, as quais são criadas por proprietários fundiários e administradores públicos, com a condição de não ferir os princípios legais estabelecidos para esses logradouros de uso público⁸⁹.

Ao refletir sobre o espaço público, é fundamental lançar luz sobre as disputas de poder que envolvem seus usos. Em processos de construção de espaços públicos, existe o convite ou o afastamento do convívio coletivo, refletindo o padrão social construído para o uso daquele espaço. Essa reflexão deve se orientar pela noção de que o uso e a transformação de espaços públicos constituem um direito coletivo, englobado pelo direito à cidade, que entra em conflito com o direito à propriedade, na medida em que o acesso a equipamentos urbanos tem como pressuposto a disponibilização de meios econômicos aos cidadãos, em confronto com a busca de condições materiais e simbólicas de vida na cidade⁹⁰.

Para Lefebvre, o direito à cidade pode ser formulado como direito à vida urbana⁹¹. Na medida em que a vida urbana, juntamente com a cidade, torna-se uma mercadoria, por meio da ação de agentes “donos da cidade”, o que se percebe é a privatização da vida nos espaços públicos e, com isso, sua fragmentação⁹². O direito à cidade em contexto capitalista se dá de forma excludente, gerando diferentes formas de segregação urbana e gerando diferentes padrões de uso de espaços públicos⁹³.

O status público de um espaço depende de como ele é concebido, usado e vivido. Assim, nem sempre o modo de agir e de viver nesses espaços será necessariamente público⁹⁴.

⁸⁵ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 52.

⁸⁶ RIBEIRO, T. G. op. cit., p. 17.

⁸⁷ MAYA-MONTEIRO, P. M. op. cit., p. 53.

⁸⁸ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 71-72.

⁸⁹ GOMES, P. C. da C. 2018, p. 115.

⁹⁰ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 165.

⁹¹ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. p. 117-118.

⁹² CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 177.

⁹³ Idem, p. 152.

⁹⁴ GOMES, P. C. da C. 2018, p. 116

Na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são indissociáveis, o que implica na necessidade de uma abordagem que passe por noções de cidadania e ação política⁹⁵, uma vez que a compreensão do espaço público sugere também o entendimento de como o espaço urbano é criado⁹⁶. Desta maneira, interessa-nos abordar o espaço público para além de seu aspecto físico, compreendendo-o como um organizador da malha urbana⁹⁷.

Para Ribeiro Filho, faz-se necessário ressaltar, dentro do estudo da configuração do espaço, as esferas pública e privada, as quais se apresentam invariavelmente correlacionadas: seja no sentido da clara delimitação e separação entre a propriedade privada territorial e os bens públicos, seja no que se refere aos processos de sua constituição e valorização, por meio da implementação de projetos de desenvolvimento pelo poder público. Esse fato nos leva a problematizar as relações entre os espaços públicos e aqueles apropriados privadamente, correspondendo a um fenômeno que incorpora as relações entre as propriedades imobiliárias públicas, de uso do Estado, e aquelas de domínio privado⁹⁸. Esta visão dialoga com a investigação que se pretende realizar neste trabalho ao abordar a constituição do Calçadão Arthur Bernardes como um espaço que permite analisar o tensionamento de dois projetos de sociabilidade e espaço público, um apresentado pela Prefeitura Municipal de Viçosa e o outro pelo grupo “Por uma Viçosa melhor”.

A rua, juntamente com as calçadas, é considerada o espaço público por excelência das cidades, atuando como objeto de reivindicação no direito à cidade⁹⁹. Essa disputa ocorre no espaço público e o reivindica das mais diversas formas, seja por meio da ação política, do acirramento da especulação imobiliária ou por manifestações de grupos sociais que nele possuem interesse.

Considerado um espaço de intercâmbio dentro do ideal político-democrático atual, o espaço público é um local de sociabilidade para a convivência de diferentes tipos sociais, comportando a flexibilidade para o uso simultâneo, desde que respeitados os limites estabelecidos por regras da civilidade¹⁰⁰. O espaço público é, assim, a *mise-en-scène* da vida pública, no qual o lugar físico orienta as práticas e guia os comportamentos, os quais reafirmam o estatuto público desse espaço, que também atua como lugar de conflitos e

⁹⁵ SERPA, A. op. cit., p. 23.

⁹⁶ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 58.

⁹⁷ RIBEIRO, T. G. op. cit., p. 17.

⁹⁸ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 26.

⁹⁹ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 69.

¹⁰⁰ FONSECA, op. cit., p. 15.

problematização da vida social. Trata-se de uma arena onde há debates e diálogo, além do reconhecimento do interesse público sobre determinadas transformações da vida social¹⁰¹.

O que constatamos, concordando com Loboda, é que os espaços públicos devem ser vistos como lugares sociais, nos quais uma multiplicidade de significados é produzida cotidianamente¹⁰². Dentro desta perspectiva, tratamos da cidade como produto da ação de diferentes sujeitos sociais, dentro da qual os espaços públicos atuam como diferentes dimensões do espaço urbano cotidiano e concreto, assim, podem ser encarados como lugares em constante transformação, produzidos por diferentes sujeitos sociais, enfatizando a diversidade sugerida pelas práticas neles vivenciadas e seu papel preponderante na constituição das cidades.

Em sociedades urbanas e democráticas, os espaços públicos são locais privilegiados de exposição, nos quais compreendemos seus elementos segundo uma classificação do que deve ser visto e o que não deve. Socialmente, estabelecemos lugares nos quais a visibilidade deve ser praticada, segundo escalas de valores e atribuição de significados. O atributo da visibilidade é ativado pela existência de espaços públicos e as dinâmicas que neles se desenrolam e se exibem para o público, que reúne a compreensão desses lugares a fim de construir um entendimento sobre a vida social urbana. O que constrói o espaço público é a tensão entre a diferença e a possibilidade de coabitação¹⁰³.

Além da discussão sobre o conceito de espaço público, há o estudo das tipologias espaciais quanto à ocupação dos espaços públicos. Para Matos, citado por Cardoso, há duas tipologias: a primeira refere-se a locais de permanência, nos quais há espontaneidade ou participação nos acontecimentos, como em passeios, encontros e ações de brincar e jogar. Esses lugares podem ser exemplificados por parques, jardins, praças e quadras. Já a segunda faz referência aos circuitos, locais de passagem, que possibilitam a mobilidade de pessoas e veículos, como calçadas, ruas, pontes e viadutos¹⁰⁴.

Em Viçosa, a legislação urbanística permitiu que a quantidade de espaços públicos atingisse valores mínimos em relação aos espaços privados. Esse desequilíbrio ficou caracterizado, na década de 1970, pelo excessivo número de loteamentos e pelo início da verticalização da área central da cidade¹⁰⁵, restando como espaços públicos as ruas, as

¹⁰¹ GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro, 2002. p. 164.

¹⁰² LOBODA, C. R. **ESPAÇO PÚBLICO E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade**. **Caderno Prudentino de Geografia**. Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local Presidente Prudente. v. 1, n. 31, 2009. p. 53.

¹⁰³ GOMES, P. C. da C. 2013, p. 189.

¹⁰⁴ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 56.

¹⁰⁵ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 191.

calçadas e as vias de rolamento de veículos. A rua Arthur Bernardes, durante as décadas de 1960 e 1970, foi alvo de promotores imobiliários e, ao ser transformada em rua de pedestres em 1979, acelerava-se o processo de transformação de seu uso, que passava de predominantemente residencial para majoritariamente comercial, ficando demonstrado um direcionamento do capital imobiliário para essa e outras áreas mais valorizadas de Viçosa.

Para Ribeiro Filho, esse processo acelerado de urbanização entre os anos 1970 e 1980, associado à valorização imobiliária da área central devido aos investimentos feitos por proprietários fundiários, com anuência do poder público, reflete-se no déficit de espaços públicos em relação aos espaços privados e na falta de infraestrutura urbana¹⁰⁶. A construção do Calçadão Arthur Bernardes durante esse processo, apresentada como um projeto voltado para a retomada da rua pelo pedestre, diminuindo o conflito cada vez mais acirrado com os automóveis, acabou por acentuar a especulação imobiliária na medida em que o centro se consolidava como o espaço direcionado ao comércio e à prestação de serviços.

Em função de um interesse crescente dos “donos da cidade”, os terrenos centrais ganham maior valor de uso em favor de sua acessibilidade. Junto a esse valor de uso, funcionam como cenários da vida urbana, um resumo das formas de sociabilidade¹⁰⁷, além de assumirem elevado valor simbólico pelo apreço comunitário e social que recebem. Desta maneira, a valorização do centro como resultado de uma organização socioespacial é fruto das disputas sociais motivadas pelo interesse em controlar a localização dentro do espaço urbano¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁷ GOMES, P. C. da C. 2013, p. 269.

¹⁰⁸ CORRÊA, R. L. 1989, p. 40.

Capítulo 2: Viçosa e seus espaços

Este capítulo tem por objetivo discutir aspectos históricos e de organização urbana e social da cidade na qual se insere o objeto da pesquisa: Viçosa (MG). Empreendeu-se um estudo da formação de sua área central, relacionando elementos que auxiliem na compreensão do contexto social, político e urbanístico em que o Calçadão Arthur Bernardes foi construído.

Nesta perspectiva, buscou-se articular as categorias espaço e tempo. O espaço foi trabalhado como uma categoria histórica, uma vez que seu conceito se altera ao longo do tempo, à medida que são acrescentadas novas variáveis, como questões políticas, econômicas e jurídicas, as quais contribuem para sua formação¹⁰⁹. A categoria tempo foi dividida em períodos, dado que, durante a vigência desses períodos, um conjunto de estruturas, sejam sociais, políticas, jurídicas ou econômicas, se mantém constante¹¹⁰. A partir da articulação entre essas duas categorias, buscou-se compreender a formação do espaço urbano central de Viçosa e de seus espaços como dados ativos, em constante produção e renovação.

O desenho das cidades e a formação da paisagem urbana decorrem, dentre outros fatores, da interação entre as atividades sociais e o meio em que estas se desenvolvem. Desta maneira, a forma urbana é um produto das ações do homem sobre o meio natural. Essa ação humana inclui práticas de agentes sociais que levam a um constante processo de reorganização espacial, o qual é feito por meio da incorporação de novas áreas ao espaço urbano, constituindo uma mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas¹¹¹.

Ribeiro Filho cita Vaz ao afirmar que o espaço urbano construído é aquele constituído por elementos físicos não naturais, seu conjunto e suas relações, que se revelam por meio da morfologia urbana. A heterogeneidade dos espaços urbanos leva-nos a refletir sobre as cidades, buscando compreender a formação de seu espaço. Desta maneira, a cidade, produto de longa formação histórica, traz em si marcas das contradições sociais e dos interesses políticos e econômicos em jogo na sociedade que a habita. Sua formação se dá por meio da disputa entre a oferta e a demanda de acesso ao solo urbano¹¹².

A cidade e o urbano não podem ser compreendidos sem as instituições que advêm das relações de classe e propriedade. O espaço urbano atual de Viçosa foi construído, desde o

¹⁰⁹ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 97.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹¹ CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

¹¹² RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 6.

período colonial, em função de um pacto entre proprietários, que moldou uma concepção para a propriedade privada imobiliária pautada no direito de o dono decidir o que fazer com sua terra e também por colocar o Estado como seu agente de proteção¹¹³, ajudando a explicar a discrepância entre espaços públicos e privados de que trataremos à frente.

A compreensão do espaço urbano, que é caracterizado pela segregação socioespacial, tem suas origens no processo de ocupação do território brasileiro e nas formas jurídicas que o permeiam: no Brasil, onde as terras originalmente são públicas, sua incorporação ao processo de produção social não necessariamente significou sua transferência para o domínio da propriedade privada. Assim, Jones, citado por Ribeiro Filho, formula a hipótese de que o processo de uso e ocupação dos espaços públicos urbanos fundamenta-se em um fenômeno de segregação socioespacial, cuja origem pode ser traçada a partir da análise da ocupação econômica do espaço¹¹⁴. Essa situação atinge as cidades brasileiras, incluindo Viçosa, que alcançam a forma de um espaço de distribuição excludente, dentro do qual as iniciativas públicas de construção e valorização dos espaços fundamentam-se no privilégio e no favorecimento de grupos econômicos e sociais particulares¹¹⁵.

Este capítulo está dividido em quatro partes: a primeira, “Do arraial à cidade universitária”, realiza uma breve análise da evolução espacial de Viçosa, de seus primeiros anos até a década de 1950, quando foi aprovado seu primeiro Código de Obras. A segunda parte, “Legislação urbanística: ordenamento para a ‘pequena grande cidade’”, detalha a atuação das leis de ordenamento espacial em Viçosa, que buscavam direcionar seu crescimento cada vez mais expressivo. A terceira parte, “Federalização da UREMGE e novos rumos para a cidade”, trata da expansão da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e sua transformação em Universidade Federal de Viçosa e como essa mudança afetou o desenho urbano da cidade. A quarta seção, “Década de 1970: Novas demandas para novos públicos”, analisa o novo tipo de apropriação mercadológica causada pelo movimento de transformação da porção central de Viçosa.

Do arraial à cidade universitária

O vilarejo que deu origem à cidade de Viçosa surgiu ainda no século XVIII, no auge do período da mineração em Minas Gerais, tornando-se uma das principais fontes de

¹¹³ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 18.

¹¹⁴ Idem, p. 23.

¹¹⁵ Idem, p. 27.

abastecimento de gêneros alimentícios para as populações de Vila Rica e Ribeirão do Carmo (hoje Ouro Preto e Mariana, respectivamente)¹¹⁶. Com o declínio da mineração no século XIX, a base econômica desse povoado, fundamentada na agricultura diversificada e na pecuária, começou a se transformar, encontrando na monocultura do café sua nova principal atividade econômica¹¹⁷. Acredita-se que a construção da capela no terreno que hoje corresponde à praça Silviano Brandão tenha sido a causa do povoamento inicial de Viçosa¹¹⁸.

Em 1850, com a promulgação da Lei de Terras¹¹⁹, o parcelamento do solo passou a ser planejado, entrando em confronto com o desenho da cidade que já existia e transformando o solo em mercadoria, uma vez que a lei trazia consigo o direito à posse privada de terra. Com isso, a expansão urbana passou a acontecer em decorrência de transações entre proprietários e particulares¹²⁰. Com a expansão da lavoura de café na Zona da Mata mineira, a região experimentou rápida transformação de seus centros, com maior dinamização da vida urbana¹²¹.

Em 1884, a chegada da estrada de ferro “The Leopoldina Railway” trouxe a Viçosa um novo sentido mercantil, decorrente da necessidade de transporte da produção regional, principalmente de café¹²². A primeira estação da ferrovia que chegava a Viçosa estava localizada distante do centro urbano da cidade, mas, ainda assim, ajudou a dinamizar sua vida política, econômica e cultural¹²³. Para Maria, Faria e Stephan, esse primeiro momento de urbanização de Viçosa foi impulsionado pelo potencial da atividade agrícola, que se tornou um importante fator de atração para a população de outras cidades¹²⁴, bem como um catalisador para a chegada de novas ideias, como algumas ligadas ao urbanismo sanitário, que já era verificável em Viçosa na década de 1890, quando a Resolução n. 1, de 1º de outubro de 1892, autorizou o agente executivo municipal (cargo equivalente ao de prefeito

¹¹⁶ BAÊTA, O. V. **Estratégias como práticas sociodiscursivas em uma universidade pública: Uma abordagem crítica**. Lavras: UFLA, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras. p. 157.

¹¹⁷ Idem, p. 158.

¹¹⁸ IBGE. **Cidades. Viçosa - Histórico**. Disponível em: <cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/historico>. Acesso em 24 mar. 2022.

¹¹⁹ HONÓRIO, L. de M. **A produção do espaço em uma cidade universitária: O caso de Viçosa, MG**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2012. p. 49.

¹²⁰ MELLO, F. A. O. **Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais**. 103 f. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Ciências Florestais. Universidade Federal de Viçosa. 2002. p. 71-72.

¹²¹ HONÓRIO, L. de M. op. cit., p. 50.

¹²² MARIA, A. C. de S., FARIA, T. C. de A., STEPHAN, I. I. C. op. cit., p. 46.

¹²³ HONÓRIO, L. de M. op. cit., p. 49.

¹²⁴ MARIA, A. C. de S., FARIA, T. C. de A., STEPHAN, I. I. C. op. cit., p. 46.

atualmente) a realizar operações de crédito necessárias à canalização de água potável e esgoto na cidade¹²⁵.

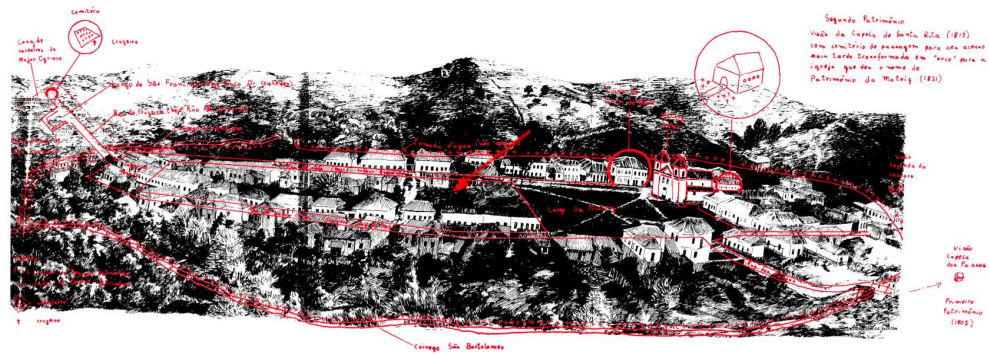


Figura 5: Ilustração do livro “Nos alvares da história de Viçosa”, de Alexandre de Alencar, baseada em fotografia de 7 de maio de 1887, sendo a mais antiga vista geral do arraial que viria a ser a cidade de Viçosa. A seta indica a via que corresponde ao atual Calçada Arthur Bernardes¹²⁶.

O traçado urbano de Viçosa sofreu consideráveis transformações até os primeiros anos do século XX¹²⁷. Em 1913, a Resolução n. 335 deu autorização ao Presidente da Câmara Municipal para alterar a denominação de praças e ruas da cidade. Desta forma, a Rua de Cima, indicada por uma seta vermelha na Figura 5, passou a se chamar Rua Arthur Bernardes, importante figura política viçosense que viria a se tornar presidente da República na década seguinte. O eixo representado por esse logradouro, juntamente com o Largo da Matriz, correspondia ao centro da cidade, onde eram realizadas as festas religiosas que movimentavam uma pequena atividade comercial, atraindo a população rural e constituindo um marco simbólico importante para os habitantes¹²⁸.

Uma nova estação ferroviária, localizada nas proximidades da praça Silviano Brandão, na área central de Viçosa, foi inaugurada em março de 1914, causando grande impacto

¹²⁵ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 103.

¹²⁶ ALENCAR, A. de. **Nos alvares da história de Viçosa**. Editora Ex Libris, 1989, p. 17.

¹²⁷ Na primeira década do século XX, o espaço urbano de Viçosa atravessava um período de expansão em direção à Fazenda Conceição com a construção da avenida Santa Rita, uma via retilínea com calçadas largas cujos lotes lindeiros foram doados a particulares pelo poder público (RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit. p. 102-103).

¹²⁸ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 95.

socioeconômico na cidade, com a criação de fábricas de tecidos, grande crescimento populacional e construção de vilas operárias¹²⁹.



Figura 6: Estação ferroviária no centro de Viçosa, vista a partir da avenida Bueno Brandão, no início do século XX¹³⁰.

A nova estação promoveu a ocupação da área adjacente a ela. Em 1919 houve outra intervenção urbanística na cidade, com a instalação de uma nova via, a avenida Bueno Brandão, que seguia ao longo da linha férrea, contando com uma longa balaustrada por toda sua extensão. Já em 1920 a Lei n. 761, de 6 de setembro, marcava o ato legal de criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), instituição que surgia principalmente para impulsionar a política de diversificação produtiva por meio da modernização da agricultura¹³¹. A Escola foi construída em uma área de topografia privilegiada, a cerca de 1 Km do centro da cidade¹³². Segundo Mello, o vale contíguo à área já ocupada da cidade, que passou a abrigar a ESAV, foi conseguido em virtude da compra e de desapropriações de terras, constituindo uma barreira à expansão urbana, que tomou, assim, outras direções¹³³.

Na inauguração oficial da Escola, em 28 de agosto de 1926, a ESAV era considerada a maior escola agrícola da América Latina. A Escola iniciou suas atividades em 1927, com a instalação dos cursos fundamental e médio. No ano seguinte, foi iniciado o curso superior de Agricultura¹³⁴. O projeto de universidade que se planejou visava, sobretudo, que a instituição não dependesse de serviços da cidade, de forma que o campus conseguisse comportar serviços

¹²⁹ BERNARDES, R. **Ampulheta urbana: Uma análise da construção da Universidade Federal de Viçosa e de sua influência na (des)construção da cidade de Viçosa - MG através das transformações no tempo e no espaço.** (Monografia). Graduação em Geografia. Universidade Federal de Viçosa. 2013. p. 22.

¹³⁰ Fonte: Arquivo Central e Histórico/ATOM UFV.

¹³¹ BERNARDES, R. op. cit., p. 22.

¹³² Idem, p. 38.

¹³³ MELLO, F. A. O. op. cit., p. 52.

¹³⁴ **Universidade Federal de Viçosa - História - Campus Viçosa.** Disponível em: <<https://www.ufv.br/historia/>>. Acesso em 30 mar. 2022.

variados a fim de atender às pessoas envolvidas em atividades da ESAV¹³⁵. Segundo Silva, nesse período inicial a instituição não trouxe modificações para a forma da cidade, uma vez que se localizava distante de seu núcleo urbano principal e era autossuficiente na questão de moradia para funcionários e alunos¹³⁶.



Figura 7: Campus da ESAV, ano desconhecido¹³⁷.

A ESAV se expandiu com o passar dos anos e, com isso, a cidade de Viçosa viu sua população ligada à instituição aumentar. Em 1948, a Escola foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). A concretização dessa mudança possibilitou a assinatura de convênios com instituições estrangeiras, como a Fundação Ford e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, além da Universidade de Purdue, em Indiana, nos Estados Unidos. Além disso, o surgimento de novos cursos de graduação e a criação da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) e sua relação com a UREMG trouxeram mais recursos para a universidade, o que, conseqüentemente, aumentou o número de estudantes, incrementando o afluxo de pessoas para Viçosa¹³⁸.

Legislação urbanística: ordenamento para a “pequena grande cidade”

Em 1948 foi aprovado em Viçosa o Código de Posturas do Município, que, conforme Lopes, não trazia nenhuma referência à política urbana¹³⁹. Esse código procurava enquadrar

¹³⁵ ANDRADE, I. L. de. **Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG**. 2015. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Geografia. 2015. p. 32.

¹³⁶ SILVA, M. L. da. **Expansão da cidade de Viçosa (MG): A dinâmica centro-periferia**. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: Ufes, 2014. p. 60.

¹³⁷ Fonte: Arquivo Central e Histórico/ATOM UFV.

¹³⁸ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 83.

¹³⁹ LOPES, V. S. **O Plano Diretor do município de Viçosa-MG e a política de ordenamento territorial: avanços e limitações nas localidades de João Braz, Liberdade e Silvestre (2000 a 2010)**. Monografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa. 2011. p. 44.

em um modelo ou padrão único e uniformizador todos os espaços e habitantes da cidade, estipulando regras que diziam respeito às posturas em geral, venda de terrenos do patrimônio municipal, política de higiene e saúde, construções em geral, trânsito público, eletricidade e localização de matadouros, cemitérios, mercados e feiras, dentre outros estabelecimentos de interesse comum à população¹⁴⁰.

Apenas em 1956 é que passa a vigorar o primeiro Código de Obras da cidade, estabelecido pela Lei n. 283, de 6 de junho de 1956, estabelecendo como os projetos arquitetônicos deveriam ser apresentados para apreciação e classificando os tipos de edificação segundo seu uso, buscando determinar um padrão de construção que, na maioria das vezes, era inalcançável para a população mais pobre, haja vista as desigualdades socioespaciais já nessa época evidentes no espaço urbano de Viçosa¹⁴¹. No entanto, ao mesmo tempo em que se fazia exigências ao loteador, não estava explícita sua obrigatoriedade em relação ao parcelamento do solo¹⁴².

O Código de Obras tinha o objetivo de sistematizar os procedimentos para edificação, estabelecendo como o projeto arquitetônico deveria ser apresentado para apreciação, ao mesmo tempo em que classificava os tipos de edificação segundo seu uso, estipulando as dimensões mínimas e condições de iluminação, ventilação e incidência de sol, estabelecendo também espaços de estacionamento e a tipologia de fachadas, dentre outras obrigações. Entretanto, o Código não considerava as desigualdades socioespaciais da cidade, determinando um padrão de construção inalcançável para a população de baixa renda¹⁴³.

Na década de 1950, a área central da cidade se caracterizava pela diversidade de usos, com a predominância de residências, comércio e serviços. Já os bairros adjacentes ao centro se caracterizavam pelo predomínio do uso residencial, com insignificante comércio local em relação ao que existia no centro¹⁴⁴. Nessa época, a área central da cidade correspondia ainda ao eixo representado pela praça Silviano Brandão, onde se concentravam o comércio e as atividades sociais realizadas em espaços públicos, e a praça do Rosário, que se conectava à avenida P. H. Rolfs, que levava à UREMG. Entre as duas praças está localizada a rua Arthur Bernardes, que era caracterizada pelo uso misto (comercial e residencial). Tratava-se, assim, de uma via central, mas que ainda não possuía um sentido mercadológico tão acentuado atribuído a ela.

¹⁴⁰ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 127.

¹⁴¹ Idem, p. 131.

¹⁴² LOPES, V. S. op. cit., p. 44.

¹⁴³ Idem, ibidem.

¹⁴⁴ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 132.

O centro da cidade era considerado a praça Silviano Brandão. A praça tinha calçada larga, o jardim central, e as pessoas faziam o *footing* na praça. Andavam para se verem. Elas andavam lá na praça, e era hábito que as moças andassem da direita para a esquerda e os rapazes da esquerda para a direita para se verem [...]. Ela sempre teve uma característica comercial, desde que eu me lembro que eu vim de Ponte Nova, tinha lojas comerciais ali, lojas de ferragem, farmácia... (Entrevista com L. N. F.).



Figura 8: Prédio de uso residencial e comercial na rua Arthur Bernardes, data desconhecida¹⁴⁵.

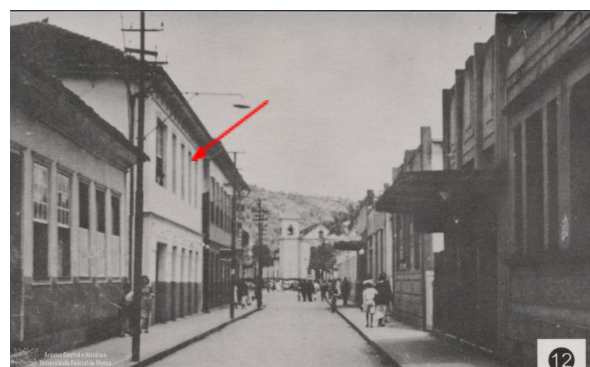


Figura 9: Rua Arthur Bernardes em 1950¹⁴⁶.

A seta vermelha indica o mesmo prédio ilustrado na imagem ao lado.

O Código de Obras de 1956 preconizava o deslocamento das residências do centro para bairros adjacentes a essa área e do pequeno comércio de bairro para a região central da cidade. Para Ribeiro Filho, esse código privilegiava os interesses de agentes imobiliários, uma vez que estabelecia para edificações na área comercial um gabarito máximo de oito pavimentos, índice bastante permissivo para a época e para os padrões de Viçosa, cujas edificações possuíam, à época, no máximo, quatro pavimentos. Esse fator permitia a agentes imobiliários construir o máximo volume, extraindo o maior lucro, com a menor restrição possível¹⁴⁷.

A década de 1950 foi marcada por intervenções administrativas e urbanísticas que visavam preparar Viçosa para o aumento do trânsito de automóveis. O espaço público das

¹⁴⁵ Fonte: imagem cedida por um dos entrevistados.

¹⁴⁶ Fonte: Arquivo Central e Histórico/ATOM UFV.

¹⁴⁷ Idem, p. 133.

ruas, que até aquele momento era dividido entre pedestres e alguns poucos carros, passou a ser ocupado mais intensamente pelos veículos, restando aos pedestres estreitas faixas de calçada, restringindo sua circulação¹⁴⁸. Ao mesmo tempo, a UREMG passava a ser cenário de um projeto de modernização da produção agrícola para o país, que tinha relação com investimentos de instituições norte-americanas¹⁴⁹.

Federalização da UREMG e novos rumos para a cidade

Na década de 1960 inicia-se o treinamento em nível de pós-graduação na UREMG, “afirmando a especialização no campo das ciências agrárias e fortalecendo a pesquisa em termos de estrutura e aportes financeiros, processo concomitante com uma maior absorção de agenda de pesquisa americanas [sic] do que próprias”¹⁵⁰.

A Universidade de Purdue, no estado norte-americano de Indiana, estava no centro das articulações da UREMG com parceiros na resolução de problemas financeiros, como a Fundação Ford e o Grupo Rockefeller¹⁵¹. Mesmo assim, a universidade compartilhava do estado de crise que afetava outras instituições mantidas pelo Estado naquele período.

Em 1950 o governo federal brasileiro já havia inserido a UREMG em um sistema federal de ensino superior¹⁵². Após a instauração do regime militar, em abril de 1964, a instituição sediou, no mesmo ano, em seu Instituto de Economia Rural, o primeiro encontro de secretários estaduais de agricultura, a fim de traçar linhas gerais da política de desenvolvimento rural do governo do General Castelo Branco. Esse encontro é indicador da identificação da instituição com a política de desenvolvimento agrário a ser impulsionada pelo regime¹⁵³.

O governo instaurado no ano de 1964, no que tange à questão da educação superior, segundo Medina, deu continuidade a projetos e demandas que já existiam. Desta maneira, e dentro da perspectiva modernizadora das autoridades militares, a educação passaria a ser formatada com a racionalização dos custos e o preparo dos estudantes exclusivamente para o mercado de trabalho, especialmente em áreas voltadas para a tecnologia e para a indústria¹⁵⁴.

¹⁴⁸ Idem, p. 135.

¹⁴⁹ RIBEIRO, M. das G. M. op. cit., p. 19.

¹⁵⁰ CASTRO, M. G. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, 2015. p. 29.

¹⁵¹ Idem, ibidem.

¹⁵² MAGALHÃES, 2006 apud CASTRO, M. G. op. cit., p. 24.

¹⁵³ COELHO, 1999 apud CASTRO, M. G. op. cit., p. 26-27.

¹⁵⁴ MEDINA, C. A. **A Reforma Universitária na Universidade Federal De Viçosa (1968-1978): Elementos para a Manutenção da Ordem**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. 2019. p. 33.

Assim, a Lei n. 5.540, de 1968, chamada de Reforma Universitária, difundiu impulsos modernizadores para as universidades brasileiras e, ao mesmo tempo, estabeleceu elementos de vigilância provenientes do sistema político vigente. No referido ano, a UREMG ofertava três cursos de nível superior: Agronomia, Economia Doméstica e Engenharia Florestal. Nesse contexto de reforma e modernização estabelecido pelo regime militar, aumentava a demanda por técnicos de nível superior para atender à expansão da produção agrícola e para mirar no crescimento da atividade econômica. Era, por isso, fundamental que instituições de ensino que ofertavam cursos agrícolas investissem em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de novas tecnologias¹⁵⁵.

Em agosto de 1969, a UREMG tornou-se Universidade Federal de Viçosa (UFV), sob a forma de fundação, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura. Essa federalização ocorreu em um contexto de investimento nas universidades brasileiras que configurava uma saída necessária ao provimento de recursos para a instituição, que se encontrava em crise financeira desde a década de 1940, quando ainda era ESAV¹⁵⁶. Ao mesmo tempo, seguindo um dos principais objetivos da Reforma Universitária de 1968, o ensino superior passava a responder aos anseios do capitalismo em desenvolvimento, cenário dentro do qual o Brasil ganhava prestígio com a exportação de gêneros agrícolas¹⁵⁷.

Como exigência do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), para a concessão de empréstimo ao governo federal, visando financiar essa nova expansão da outrora “Escola de Viçosa”, foi elaborado um Plano de Desenvolvimento Físico para a instituição, o qual foi aprovado pela Comissão Especial para a Execução do Plano de Melhoramento e Expansão do Ensino Superior e pelo próprio BID, direcionando a expansão, na medida em que propôs a construção de novas edificações, obras de pavimentação, paisagismo, bem como a criação de novos cursos¹⁵⁸.

Castro cita Queiroz ao analisar que a ampliação dos cursos se deu conforme a disponibilidade de recursos humanos no corpo docente já existente da UREMG¹⁵⁹. Esse crescimento da instituição se refletia na expansão urbana de Viçosa, que via também sua população aumentar: em 1960 a população da cidade era de 20.846 habitantes¹⁶⁰, passando para 25.777 em 1970¹⁶¹. A federalização inaugurou um período de expressivo crescimento na

¹⁵⁵ Idem, p. 36.

¹⁵⁶ QUEIROZ, 1980 apud CASTRO, M. G. op. cit., p. 42.

¹⁵⁷ MEDINA, C. A. op. cit., p. 60.

¹⁵⁸ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 139.

¹⁵⁹ QUEIROZ, 1980 apud CASTRO, M. G. op. cit., p. 43.

¹⁶⁰ MELLO, 2002 apud MARIA, FARIA, STEPHAN, op. cit., 2014. p. 43.

¹⁶¹ SILVA, M. L. da. op. cit., p. 10.

universidade: em 1973 o número de cursos passou de três para oito (Agronomia, Economia Doméstica, Engenharia Florestal, Licenciatura em Ciências Biológicas, Matemática, Pedagogia, Química e Zootecnia)¹⁶².

Em entrevista ao Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, em fevereiro de 1974, o reitor recém-eleito Antônio Fagundes de Souza afirmou que “a vida da Universidade Federal de Viçosa e da nossa comunidade viçosense são uma só”¹⁶³, dando indícios de que o relativo isolamento da UFV em relação à cidade de Viçosa ia se diluindo.



Figura 10: Recorte da entrevista concedida pelo então reitor da UFV, professor Antônio Fagundes de Souza¹⁶⁴. Foto da autora.

Com a federalização da UREMG e sua transformação em UFV, a instituição passou por significativas transformações em sua organização física e institucional. O aporte financeiro feito pelo governo federal para a expansão do campus exigiu a construção de um centro de planejamento, que na UFV recebeu o nome de Centro de Planejamento e Desenvolvimento (CEPLAD). O grande fluxo de trabalhadores para a UFV e a diferença salarial entre os “nativos” e os “de fora” desencadeou mudanças também na estrutura urbana de Viçosa¹⁶⁵. É importante destacar também que todas as edificações da instituição foram construídas à margem da legislação urbanística, como se a UFV constituísse um território à parte, com normas próprias. De acordo com Ribeiro Filho, não há no Departamento de Obras

¹⁶² CASTRO, M. G. op. cit., p. 42-43

¹⁶³ Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, n. 249 e 250, ano 10. 17/02/1974 e 24/02/1979.

¹⁶⁴ Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, n. 249, ano 10. 17/02/1974.

¹⁶⁵ HONÓRIO, L. de M. op. cit., p. 67.

da PMV registros de projetos de edificações da universidade para apreciação ou concessão de alvará para construção¹⁶⁶.

Em 1977, a UFV chegava a 21 cursos de graduação¹⁶⁷. Essa expansão era percebida na alteração dos pólos de atração da cidade: áreas como a avenida P. H. Rolfs, que levava à UFV, ganharam importância no mercado imobiliário devido a sua proximidade com a instituição. O campus, que antes ficava afastado do núcleo central da cidade, tornou-se fator de atração e centralidade¹⁶⁸.



Figura 11: Calçamento da avenida P. H. Rolfs, década de 1960¹⁶⁹.

Silva afirma que existia uma predominância de investimentos autônomos na construção civil na área central de Viçosa durante a década de 1970, ou seja, as iniciativas eram feitas a partir da atividade de pessoas físicas, agentes autônomos que tiveram grande importância na verticalização do centro, a qual se deu pela substituição dos casarões antigos por edifícios de apartamentos, já que Viçosa experimentava nessa época uma valorização urbana desconhecida até então, decorrente da atividade imobiliária. A autora descreve também uma expansão urbana predatória, com a ocupação de espaços em declive e próximos a mananciais, além de uma infraestrutura de serviços cada vez mais frágil, principalmente devido à deficiência de investimentos da prefeitura e do governo de Minas¹⁷⁰.

¹⁶⁶ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 138.

¹⁶⁷ CASTRO, M. G. op. cit., p. 42-43

¹⁶⁸ ANDRADE, I. L. de. op. cit., p. 32.

¹⁶⁹ O passado é para se refletir sobre ele: A avenida P.H. Rolfs na década de 1960. **Blog Viçosa Cidade Aberta**. Disponível em: <http://vicosacidadeaberta.blogspot.com/2011/04/o-passado-e-para-se-refletir-sobre-ele_11.html>. Acesso em 13 out. 2022.

¹⁷⁰ SILVA, M. L. da. op. cit., p. 66-67.

Durante a década de 1970 foram realizados 23 novos procedimentos de parcelamento do solo em Viçosa, incluindo expansões e loteamentos¹⁷¹. Foi quando o setor da construção civil se consolidou na cidade, representando seu setor mais dinâmico e maior empregador de mão de obra. Percebe-se uma tendência de mercado de venda de lotes para a população mais pobre na periferia, ao mesmo tempo em que a verticalização do centro aumentava, a fim de atender as faixas de renda mais altas¹⁷².

Tabela 2: Descrição dos loteamentos e bairros de Viçosa, bem como suas respectivas legislações de aprovação¹⁷³.

Loteamentos/bairros	Legislação de aprovação
Bairro Clélia Bernardes	Lei n. 615/71, de 04/07/1972
Expansão do bairro Ramos	Lei n. 625/72, de 04/07/1972
Loteamento próximo à Barrinha	Lei n. 627/72, de 04/07/1972
Loteamento próximo à r. Gomes Barbosa	Lei n. 629/72, de 04/07/1972
Condomínio horizontal Parque do Ipê	Lei n. 642/72, de 05/12/1972
Expansão do bairro Santo Antônio	Lei n. 645/73, de 29/01/1973
Expansão do bairro de Fátima	Lei n. 50/74, de 09/05/1974
Prolongamento da rua Floriano Peixoto	Lei n. 55/74, de 23/05/1974
Expansão do bairro Santo Antônio	Lei n. 58/74, de 23/05/1974
Expansão do bairro Santo Antônio	Lei n. 67/74, de 01/07/1974
Loteamento em Silvestre	Lei n. 81/74, de 01/10/1974
Expansão do bairro Nova Era	Lei n. 86/74, de 23/10/1974
Bairro João Braz	Lei n. 108/75, de 18/03/1975
Bairro Arduíno Bolívar (Amoras)	Lei n. 125/75, de 28/04/1975
Condomínio Júlia Mollá	Lei n. 158/75, de 01/12/1975
Expansão do bairro Santo Antônio	Lei n. 159/75, de 01/12/1975
Loteamento em Silvestre (Indumel)	Lei n. 160/75, de 01/12/1975
Nova expansão do bairro de Fátima	Lei n. 197/76, de 22/03/1976

¹⁷¹ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 145.

¹⁷² SILVA, M. L. op. cit., p. 68-69.

¹⁷³ RIBEIRO FILHO, op. cit., p. 145.

Alameda Fábio Ribeiro Gomes	Lei n. 204/76, de 22/09/1976
Bairro Santa Clara	Lei n. 241/77, de 23/09/1977
Bairro J. K.	Lei n. 243/77, de 11/10/1977
Bairro Nova Viçosa	Clandestino
Bairro Inconfidência	Aprovado pelo Executivo Municipal em 26/11/1979

Enquanto os mais ricos se estabeleciam nos bairros com infraestrutura já consolidada ao redor do centro, como o Ramos e o Clélia Bernardes, a Lei n. 609 de 31 dezembro de 1971 proibia a construção de casebres no centro de Viçosa¹⁷⁴, buscando coibir o “prolongamento de favelas”, como disposto no texto legislativo, o que facilitava esconder a pobreza da cidade, que se ampliava devido ao aumento populacional, fomentado pelo êxodo rural decorrente da busca de empregos ligados direta ou indiretamente à UFV.

A federalização da UREMG e sua conseqüente fase de expansão, fruto das políticas públicas do governo militar e que ocorreu durante o período conhecido como Milagre Econômico Brasileiro, proporcionou o crescimento das atividades urbanas de suporte na cidade de Viçosa, como a construção civil, a prestação de serviços e o comércio¹⁷⁵. A expansão do campus da UFV durante a década de 1970 teve implicações também na composição social de Viçosa: ainda que boa parte dos professores da UFV fossem viçosenses ou advindos da região da Zona da Mata mineira, com a federalização chegaram à cidade docentes e técnicos de diversas partes do Brasil, com diferentes vivências socioespaciais¹⁷⁶.

Esse rápido crescimento contribuiu para a construção de um espaço urbano cada vez mais desigual na cidade. Parte da população que migrava para Viçosa procurando colocação profissional e não encontrava era levada a buscar soluções informais para seus problemas de habitação, como a ocupação de morros e encostas e de áreas favelizadas¹⁷⁷. Em 1974, uma matéria do Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova explicitou a relação feita entre o crescente desemprego na cidade e a expansão da universidade, destacando o agravamento dos “problemas gerais de Viçosa a medida que ela se ergue nas alturas de ‘pequena grande cidade’”, que “ameaçam” seu bem-estar social.

¹⁷⁴ SANTOS, 1991, p. 114 apud SILVA, M. L. op. cit., p. 69.

¹⁷⁵ Idem, ibidem.

¹⁷⁶ HONÓRIO, L. de M. op. cit., p. 75.

¹⁷⁷ Idem, p. 144.

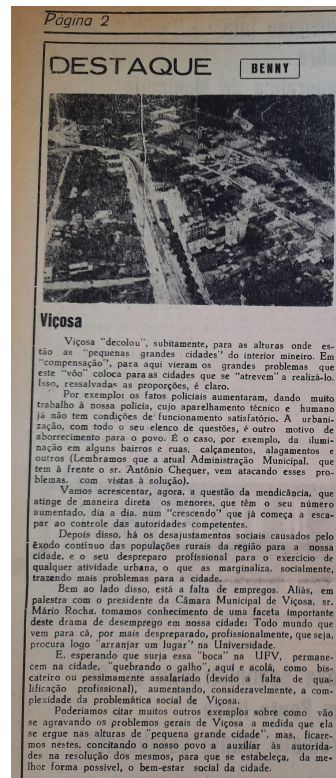


Figura 12: Matéria “Destaque” do jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova de janeiro de 1974¹⁷⁸.

A reportagem delinea o crescimento de questões urbanas decorrentes do aumento populacional, como problemas com a iluminação pública, alagamentos e calçamentos. A causa apontada para esses males é o desemprego, gerado em decorrência do maior fluxo de pessoas buscando colocação profissional na UFV. Essa percepção foi ecoada pelos entrevistados para esta pesquisa.

O pessoal daqui [da UFV] foi para lá [para a Universidade de Purdue, nos EUA] e o de lá vinha para cá, sabe, aquilo ali que explodiu, sabe? Então, Viçosa cresceu mesmo em função disso, sabe? A universidade que movimenta tudo, entendeu? (Entrevista com M. T. S. L.).

É como eu disse, não é, a UFV estava até... até, eu diria, até [19]74, por aí, era uma faculdade, não, era, era um... Era uma universidade mais voltada para áreas Agrárias, não é. Foi a partir daí que ela começou a incrementar bastante e começou a surgir maiores conflitos, não é? Começaram os maiores conflitos. Por causa do aumento populacional (Entrevista com A. S. Z.).

O crescimento da UFV foi fator determinante para acelerar o processo de urbanização predatória da cidade de Viçosa, acarretando baixa qualidade de vida para a maior parte da população da cidade. O aparato burocrático do poder público municipal não estava preparado

¹⁷⁸ Jornal Folha de Viçosa/Ponte Nova, ano 10, n. 246, de 27/01/1974.

para administrar tão rápido crescimento. Desta forma, serviços de infraestrutura e equipamentos urbanos não eram suficientes para atender a população residente e a que viria a se instalar na cidade¹⁷⁹. Verificamos, assim, a atuação da UFV como um agente normatizador da formação física de Viçosa.

O final da década de 1970 ficou caracterizado pela aprovação, na administração de César Sant’Anna Filho, de novas legislações urbanísticas. O novo Código de Posturas (Lei Municipal n. 308/1979) foi mais sucinto e não tratou de questões urbanísticas, que foram contempladas no Código de Obras, instituído pela Lei Municipal n. 312/1979, que procurou atender às exigências da nova ordem constitucional de 1967. Desde sua aprovação, essa legislação sofreu mutilações em vários artigos: nos 3 primeiros anos de sua vigência, que coincidiram com os 3 últimos da gestão de Sant’Anna, o código não foi aplicado¹⁸⁰.

A maioria dos projetos arquitetônicos apresentados à Prefeitura Municipal de Viçosa para apreciação não preenchiam ao menos uma das exigências do código. A prefeitura somente começou a fazer um arquivo organizado e sistematizado com os projetos aprovados, regularizados e inscritos no cadastro a partir de 1983, sendo esse arquivo incompleto antes do referido ano¹⁸¹. Consideramos que a segregação socioespacial em Viçosa se tornou mais evidente a partir da década de 1970, quando transformações ocorridas no campus da UFV levaram à dinamização do espaço intraurbano do centro de Viçosa por meio da ação de agentes locais hegemônicos, também referenciados como “donos da cidade”, que visavam atender às demandas das novas populações que chegavam¹⁸².

Década de 1970: Novas demandas para novos públicos

A construção do Calçadão Arthur Bernardes se insere na problemática de mudanças nas relações sociais e comerciais empreendidas em Viçosa na década de 1970, quando a cidade passou de predominantemente rural para majoritariamente urbana.

Tabela 3: População total, urbana e rural de Viçosa (1950 a 1980)¹⁸³

Década	População total	População urbana	População rural
---------------	------------------------	-------------------------	------------------------

¹⁷⁹ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 139.

¹⁸⁰ Idem, p. 155.

¹⁸¹ Idem, ibidem.

¹⁸² HONÓRIO, L. de M. op. cit., p. 87.

¹⁸³ Adaptado de RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 15.

1950	18.325	6.424	11.901
1960	21.120	9.342	11.778
1970	25.784	17.000	8.784
1980	38.655	31.143	7.512

Silva cita uma entrevista concedida pelo então prefeito Antônio Chequer, também empresário do ramo habitacional, à autora da dissertação “Sociabilidade e ajuda mútua na periferia urbana de Viçosa” em 1989, na qual ele menciona que, na década de 1970, Viçosa precisava da “mercadoria chamada habitação” e que a criação do bairro Nova Viçosa, em 1978, ajudou a diminuir as favelas, retirando a população pobre do centro e evitando que estes ocupassem as encostas e topos de morros. Para Silva, é evidente que o problema da habitação para a população carente estava sendo retirado do centro e colocado em outros espaços da cidade¹⁸⁴.

A década de 1970, assim, foi marcada pelo processo de especulação imobiliária em Viçosa, impulsionado por interesses individuais no parcelamento do solo e também pelo fácil acesso ao crédito do sistema financeiro habitacional. Ao mesmo tempo em que reformas na legislação expulsavam a população carente para a periferia, os altos salários pagos aos professores e técnicos da UFV e a estabilidade conferida a esses servidores públicos impulsionavam o surgimento do primeiro conjunto residencial horizontal da cidade, o Parque do Ipê¹⁸⁵, que, apesar de idealizado e construído durante a vigência do Decreto-Lei n. 217, de 1967, que proibia indiretamente a construção de condomínios horizontais fechados, não encontrou empecilho para ser levado adiante:

No início dos anos 1970, é construído o primeiro conjunto com características de um condomínio horizontal fechado em Viçosa. O condomínio Parque do Ipê, que teve uma relação direta com a Universidade Federal de Viçosa, dado que foi fruto de iniciativa de um grupo de professores da instituição que fizeram pós-graduação nos EUA e retornaram à cidade. Relatos dos primeiros moradores revelam que a universidade se expandia num ritmo descompassado com a cidade, de modo que **não havia oferta de moradia de qualidade para os professores que chegavam ou retornavam a Viçosa**¹⁸⁶.

¹⁸⁴ SILVA, M. L. op. cit., p. 70-71.

¹⁸⁵ OLIVEIRA, A. D. **Condomínios horizontais fechados em Viçosa-Minas Gerais: Aproximações a partir da sintaxe espacial**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa/MG, 2018. p. 15.

¹⁸⁶ Idem, p. 23, grifo nosso.

É possível depreender, a partir do trecho em destaque, a segregação de que fala Martins ao tratar da oposição entre os “nativos” e os “estrangeiros” em Viçosa:

Vemos, portanto, que a UFV não é um ponto de coesão, mas, sim, de contradição entre os viçosenses. Contrapõem-se o sentimento de apego relacionado às imagens de Bernardes e da “chegada do progresso” e o sentimento de rejeição ligado à imagem de uma instituição que “suga” a cidade, mas não a incorpora e que ainda, é responsável por uma “invasão cultural” que lhe causou diversos problemas. Em síntese, a ESAV é vista como a instituição “do bem” e a UFV é a instituição “do mal”; como se a federalização ocorrida em 1969 tivesse cortado o fio que identificava aquele lugar com Arthur Bernardes e conseqüentemente, com Viçosa. A ESAV “era de Bernardes e dos viçosenses”, a UFV é dos “outros”¹⁸⁷.

Martins também delinea a ênfase que autores que escreveram a “história da Viçosa” dão à década de 1970 como divisor de águas para a cidade, devido à federalização da Universidade¹⁸⁸. Karine de Almeida Paula cita a síntese feita por Ribeiro Filho desse processo, ao destacar as “quatro cidades de Viçosa”:

A primeira cidade se refere à cidade patrimônio, devido ao traçado urbano planejado pela Igreja, materializado em um conjunto de terras doadas a Igreja por um ou mais fazendeiros. A segunda seria a cidade ferroviária, dado a construção do ramal da ferrovia, possibilitando um acréscimo nas trocas comerciais, exportação agrícola, expansão do capital e intercâmbio cultural, assim como, integrando novas áreas ao processo produtivo, tanto rurais como urbanas. A última refere-se à cidade universitária, mediante a construção da ESAV. Obstante as três cidades já mencionadas, Ribeiro Filho (1997) destaca o surgimento de uma quarta cidade, materializada pós década de 60, chegando até os dias atuais, mediante a expansão das atividades da Universidade, proporcionada pela sua federalização¹⁸⁹.

A década de 1970 foi emblemática para compreender as transformações desencadeadas pelo rápido processo de urbanização gerado pela transformação da UREMG em UFV, além de outros movimentos que afetavam a região. A própria concepção desenvolvimentista das cidades do regime militar tinha importante papel nesse processo:

As políticas urbanas, centralizadas em órgãos federais, passaram a ser responsáveis pela superação dos entraves políticos na gestão pública das cidades, os quais julgava-se estarem presos a práticas ineficientes ligadas a política populista ou clientelista, e por promover a adequação no espaço urbano das massas desajustadas com os programas habitacionais subsidiados pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e pelo Sistema Federal de Habitação (SFH) criados em 1964. A intenção era

¹⁸⁷ MARTINS, W. M. op. cit., p. 69.

¹⁸⁸ Idem, p. 7.

¹⁸⁹ PAULA, K. de A. **Urbanização, atividade imobiliária e adensamento urbano nos bairros Centro e João Braz em Viçosa (MG)**. Universidade Federal de Viçosa - Departamento de Geografia, 2011. 101p. Monografia de conclusão do Bacharelado em Geografia. p. 27.

construir um novo modelo econômico em que, os programas habitacionais, fossem inerentes ao desenvolvimento urbano¹⁹⁰.

Em meados da década de 1970 ocorreu nova expansão das atividades da UFV: entre 1975 e 1978 foram criados doze cursos de graduação e nove de pós-graduação, mudança tornada possível devido ao incremento no orçamento da instituição. O rápido crescimento das atividades da universidade contribuiu para aumentar a expectativa de se conseguir empregos na cidade, fator determinante para a continuidade do fluxo migratório de trabalhadores em busca de colocação no mercado de trabalho local¹⁹¹.

O aumento substancial na frota de veículos automotores na cidade também passa a constituir um problema, uma vez que as ruas e calçadas não comportavam o fluxo de pedestres e de carros, devido a sua largura reduzida¹⁹². Além disso, a permissividade do poder público levou a quantidade de espaços públicos, principalmente aqueles voltados para o lazer, a números insignificantes em relação aos espaços privados. Mesmo com a aprovação da Lei n. 224, de 1977, que obrigava os projetos de loteamento urbano a conter áreas de uso público destinadas à recreação, muitos são os bairros de Viçosa que não possuem uma única praça, sendo a que a cidade não dispunha, como não dispõe até o presente momento, de um parque público¹⁹³.

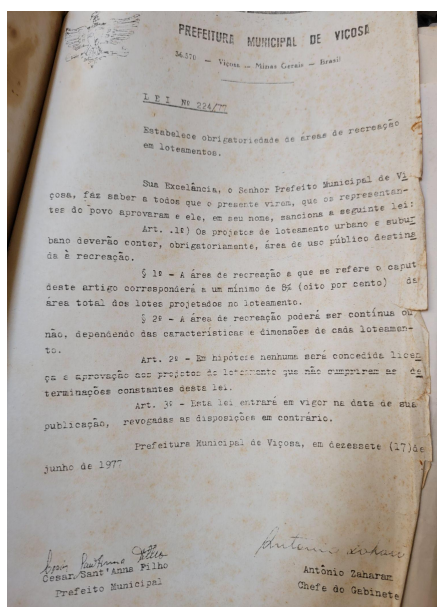


Figura 13: Lei n. 224, de 17 de junho de 1977¹⁹⁴. Foto da autora.

¹⁹⁰ MELLO, F. A. O. op. cit., p. 23

¹⁹¹ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 151.

¹⁹² Idem, ibidem.

¹⁹³ Idem, p. 170.

¹⁹⁴ Fonte: Arquivo da Secretaria de Obras da PMV.

O crescimento pelo qual Viçosa passava resultava em problemas urbanos, como a ausência de infraestrutura para as edificações e obras públicas, bem como a ocupação de encostas e das margens do ribeirão que corta a cidade, o São Bartolomeu. Faz-se necessário reforçar a menção ao considerável aumento do número de veículos de Viçosa, que conviviam com ruas e calçadas estreitas, principalmente na área central, resultado de uma malha urbana do início do século XIX. Ribeiro Filho relembra, ainda, que a verticalização, que se intensificava à medida que a cidade crescia, teve início na rua Arthur Bernardes e na travessa Sagrados Corações, na área central de Viçosa, na qual está contido o nosso objeto de estudo¹⁹⁵.

Exceto por algumas ações pontuais, com implicação para o coletivo, que decorreram da demanda de alguns setores ligados à UFV, nas décadas de 1970 e 1980 a produção do espaço urbano de Viçosa decorreu de ações deliberadas por um grupo restrito de agentes da cidade ligados ao mercado imobiliário. Dentro dessa dinâmica é que surgiu o grupo “Por uma Viçosa melhor”, fruto de reuniões entre funcionários da instituição, e que fez a proposição da obra à PMV, a fim de fazer um contraponto às sucessivas mutilações do Código de Obras de 1979 (Lei Municipal n. 312/1979), que constituem um exemplo da associação entre políticos locais e agentes do setor imobiliário em Viçosa¹⁹⁶. É emblemática neste momento a construção do Centro Comercial Fuad Chequer (Edifício Panorama), na rua Benjamin Araújo, no centro da cidade, com 11 andares, a fim de “dotar Viçosa de amplas e confortáveis salas e lojas, em trabalho claro de socorro à classe comercial viçosense, carente de instalações adequadas para a plena execução de bons serviços”¹⁹⁷.

¹⁹⁵ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 144.

¹⁹⁶ HONÓRIO, L. de M. op. cit., 77.

¹⁹⁷ Jornal Folha Integração, n. 493, ano 16. 06 maio 1979.

investidores da área da construção civil escolhiam a área devido à possibilidade de lucro certo e elevado, não apenas pela proximidade com a UFV, mas também devido à apropriação de sua paisagem, que é incorporada como externalidade positiva ao preço do imóvel²⁰¹, valorizando sua localização central na cidade.

Oportunizada pela série de mudanças pelas quais o centro de Viçosa passava no fim da década de 1970, a construção do Calçadão Arthur Bernardes, tratada como “a obra do século” nas páginas dos jornais²⁰², representava o advento de um sentido mercadológico mais acentuado para a área central da cidade, uma vez que fazia parte da agregação de externalidades positivas ao logradouro, a fim de atrair investimentos imobiliários.

²⁰¹ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 172.

²⁰² Reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana”. Jornal Folha Integração, ano 16, 17 jun. 1979, n. 499.

Capítulo 3: Calçadas – no Brasil, no mundo e no interior de Minas Gerais

Este capítulo objetiva analisar as origens das ruas de pedestres, ou calçadas, como ficaram conhecidas popularmente essas obras no Brasil, investigando seus aspectos morfológicos, sua constituição como espaços públicos e seu papel na estrutura socioespacial das cidades, principalmente nos centros urbanos. Buscamos também discutir questões relacionadas ao papel desse tipo de modelo urbanístico na valorização de estruturas comerciais dos centros das cidades, pontuando também sua atuação na preservação do patrimônio construído de cidades históricas. Além disso, buscou-se compreender o contexto de construção dos primeiros calçados nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960, cujo modelo de pedestrianização influenciou fortemente a implementação desse tipo de obra em cidades brasileiras na década de 1970.

Além de discutir a implantação de ruas de pedestres e sua relação com a manifestação do fenômeno da centralidade nas cidades, analisaremos a constituição do Calçadão Arthur Bernardes e seu papel como organizador da malha urbana de Viçosa (MG), destacando também a interação entre dois projetos de sociabilidade e visibilidade em espaços públicos previstos com a construção da obra: o primeiro representado pelos interesses da Prefeitura Municipal de Viçosa e o segundo pelo projeto do grupo “Por uma Viçosa melhor”.

Este capítulo é dividido em três seções: na primeira, “Calçadas: preservar e vender em espaços públicos”, trataremos sobre as origens das ruas de pedestres, desde sua instalação em cidades alemãs e norte-americanas até sua chegada ao Brasil, buscando compreender as motivações para a construção desse tipo de obra e seus desdobramentos na trama locacional das cidades. Além disso, procuramos detalhar nessa parte o papel desempenhado pelos calçados nos centros urbanos, levando em consideração seu fator de valorização das estruturas comerciais ali presentes, bem como na constituição de espaços públicos nessas localidades. Na segunda parte, “A obra do século: O Calçadão Arthur Bernardes”, iremos investigar a concepção e a execução da ideia de construção da rua de pedestres localizada na área central da cidade de Viçosa, levando em conta o contexto urbanístico e social da época. Na terceira e última seção, “Um centro, duas perspectivas: espaço público e visibilidade”, buscaremos discutir o conflito entre os projetos de espaço público e sociabilidade previstos pela PMV e pelo grupo “Por uma Viçosa melhor”, além de investigar a importância do Calçadão para a trama locacional do centro da cidade de Viçosa.

Calçadões: Preservar e vender em espaços públicos

O termo calçadão é utilizado como correspondência ao termo *pedestrian mall*, que designa vias constituídas para a circulação de pedestres, também conhecidas como ruas pedonais ou ruas de pedestres²⁰³. Na Europa, o primeiro calçadão foi construído em Essen, na Alemanha, em 1928²⁰⁴, entretanto, apenas após a II Guerra Mundial foi que os calçadões passaram a ser implementados como estratégia de renovação urbana em distritos centrais²⁰⁵, uma vez que o êxodo das classes médias dos centros das cidades fez com que esses núcleos deixassem de receber investimentos durante o conflito, perdendo vitalidade econômica²⁰⁶. Cooperava para o crescimento do número de obras desse tipo a compreensão do planejamento urbano como forma de controlar o crescimento das cidades durante a década de 1950. Segundo Januzzi:

No pós-guerra, a criação de uma nova legislação sobre planejamento possibilitou aos municípios fazer mudanças no ambiente construído em diversos aspectos. Foi atribuída a eles responsabilidade estatutária de fazerem um plano oficial, com documentos e mapas que estabelecessem orientações gerais de futuros empreendimentos e o uso do solo, possibilitando a fiscalização do solo urbano. Também foram atribuídos aos municípios poderes para a expropriação de propriedade privada, caso fosse necessário. Por fim, os urbanistas municipais tinham o compromisso de fazer propostas de desenvolvimento seguindo o plano oficial [...]²⁰⁷.

Além disso, o estabelecimento do desenho urbano como campo de conhecimento próprio na mesma época trouxe avanços na teoria de projeto, enfatizando a dimensão humana do espaço urbano e o papel social e cultural das ruas²⁰⁸. Após desenvolver-se como um campo disciplinar em países da Europa e nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960, o desenho urbano no Brasil, durante a década de 1970, surgia como um campo de atuação que buscava “resolver dificuldades políticas e tecnocráticas do planejamento urbano no âmbito da

²⁰³ SANDRINI, R. T. **Ruas de pedestres como espaços públicos em centros urbanos: um estudo sobre o calçadão de São Paulo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021. p. 25.

²⁰⁴ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 44.

²⁰⁵ SANDRINI, R. T. op. cit., p. 26.

²⁰⁶ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 16.

²⁰⁷ JANUZZI, D. de C. R. **Calçadões: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais**. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 27.

²⁰⁸ MACIEL, F. B. M.; FIALHO, D. M.; RIGATTI, D. Da Primeira Quadra ao Calçadão: Narrativas sobre a pedestrianização do centro de Santa Maria (RS). **Paisag. Ambiente: Ensaios**, São Paulo, v. 32, n. 47, 2021. p. 3.

questão ambiental e para tentar resolver ao crescente interesse público pela preservação das construções²⁰⁹.

Aliado a isso, as mudanças nos hábitos da população, atreladas a fatores como o congestionamento derivado do aumento da frota de veículos automotores, o aumento da sensação de insegurança e a diminuição de atividades de lazer, levou a um desenvolvimento comercial na periferia das cidades e um conseqüente abandono das áreas centrais pela população, bem como uma queda das vendas do varejo acarretada pelo aparecimento de formatos comerciais como os *shopping centers*²¹⁰.

A criação dos calçadões, assim, se insere em um contexto de reorganização espacial das cidades a fim de atrair público e investimentos por meio da revitalização dos centros dessas localidades²¹¹.

Esses projetos foram tentativas de conciliar os padrões de crescimento econômico, renovando a estrutura da área central para estimular as cidades dentro das novas formas de competição do mercado. Grande número de projetos, na segunda metade do Século XX, são tentativas de reconstruir partes da área central, formando unidades urbanas coesas tanto administrativa como fisicamente, para estimular a atividade econômica²¹².

O novo modelo de projeto urbano no qual a pedestrianização de ruas se insere buscava responder ao abandono e decadência de determinadas áreas das cidades, proporcionando a possibilidade de criação de uma nova imagem dos centros urbanos. Essa nova imagem é de extrema importância na medida em que traduz uma intenção arquitetônica e um conceito de espaço público, buscando a atração de novos capitais por meio de seus novos elementos estruturadores²¹³.

Além do fator comercial, a pedestrianização de ruas se insere em uma problemática voltada para a preservação de conjuntos urbanos, atrelada, na Europa, à reconstrução das cidades que sofreram ataques aéreos durante a II Guerra Mundial e precisaram implantar novos sistemas de tráfego de veículos e de pessoas após o conflito²¹⁴. Além da interação com as estruturas comerciais urbanas, a pedestrianização de ruas atua na preservação do patrimônio construído e edificações históricas das cidades, como é o caso do Pier 17, em

²⁰⁹ JANUZZI, D. de C. R. op. cit., p. 44.

²¹⁰ Idem, p. 70.

²¹¹ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 16.

²¹² JANUZZI, D. de C. R. op. cit., p. 103.

²¹³ Idem, p. 72.

²¹⁴ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 16.

South Seaport, na cidade de Nova Iorque²¹⁵, e, no Brasil, da Rua do Comércio, na cidade fluminense de Paraty²¹⁶.

Tendo em vista nosso objeto de estudo, o interesse deste trabalho se volta especificamente para os calçadões implantados em centros urbanos previamente abertos à circulação de veículos e que passaram a ser vias exclusivas de trânsito pedonal. Para esse tipo de ruas de pedestres existem três tipologias:

O calçadão pleno é implementado a partir do fechamento de uma rua previamente veicular, que passa a ter pavimentação para a mobilidade ativa, mobiliário urbano, vegetação e elementos como fontes e esculturas (FONSECA, 2012). O semicalçadão apresenta uma rua comum, com fluxo de pedestres e carros, porém tem suas calçadas alargadas – para atender à demanda de circulação de pessoas com conforto. Por fim o Calçadão com trânsito restringe o acesso de veículos autorizados a uma determinada faixa de serviço – seja transporte público, táxi ou para entrega de mercadorias que atendam a comércios ou a instituições locais²¹⁷.

Nos Estados Unidos, as primeiras ruas de pedestres datam do período entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960. Segundo Fonseca, o crescimento urbano tornava o centro um importante ponto de articulação, advindo daí uma das principais noções sobre a importância da centralidade das cidades. O urbanismo rodoviarista, predominante à época, que preconizava a mobilidade calcada no trânsito de veículos automotores, aliado à popularização do automóvel para o transporte individual e sua difusão como símbolo de status, gerou congestionamentos nos centros urbanos, forjando o conflito entre o trânsito de pedestres e o de carros em vias que não comportavam esse fluxo²¹⁸.

O contexto brasileiro de implantação de calçadões aproxima-se do norte-americano por diversos fatores, com destaque para a decadência das áreas centrais das grandes cidades, associada ao deslocamento do comércio para outras localidades, a valorização do transporte individual e o crescimento espraiado da mancha urbana aliado ao surgimento de novas centralidades. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, dotar a área central de uma infraestrutura confortável para o pedestre era uma estratégia para reavivar os centros urbanos, uma vez que os *shopping centers* ofereciam uma série de amenidades aos consumidores, como climatização e espaços para permanência²¹⁹.

O primeiro calçadão norte-americano, o Kalamazoo Mall, na cidade de Kalamazoo, no estado do Michigan, foi construído em 1959 a partir de um planejamento da Downtown

²¹⁵ JANUZZI, D. de C. R. op. cit., p. 125.

²¹⁶ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 45.

²¹⁷ SANDRINI, R. T. op. cit., 26-27.

²¹⁸ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 45.

²¹⁹ SANDRINI, R. T. op. cit., p. 245.

Kalamazoo Association a fim de concentrar áreas comerciais ao ar livre, gerando crescimento socioeconômico local. Segundo Sandrini, um dos objetivos do projeto era promover a cultura da vida social que um espaço público a céu aberto permite²²⁰.

A intenção destes projetos era o restabelecimento da “cultura da rua”, baseado principalmente no comércio, onde os moradores e frequentadores dos espaços pudessem realizar suas tarefas rotineiras com deslocamentos a pé, sem o uso de automóveis. Isto favorecia uma vida social mais animada nos espaços públicos, como forma de gerar demandas e criar relações sociais de vizinhança, como em cidades pequenas²²¹.

Com isso, fazia parte do modelo de calçadões norte-americanos a instalação de equipamentos e mobiliários urbanos, além do fechamento das vias de circulação. Assim, associado ao trânsito exclusivo de pedestres, as novas instalações contavam com bancos, lixeiras, floreiras e projetos de arborização, a fim de fomentar não apenas a passagem, mas também a permanência dos usuários²²². A implantação do Kalamazoo Mall, no entanto, não parou por aí:

Em seguida, ao longo dos anos, o sucesso da intervenção incentivou o fechamento de mais quadras ao longo da via, estendendo este calçadão. Em seguida foram implantados outros como o Lincoln Road Mall (Miami Beach) e Pomona (Califórnia), ambos em 1962. De acordo com Kostof (1992, p. 240), nestes exemplos, e em muitas outras cidades americanas, o ambiente das ruas passava por uma transformação [...] criando uma aura artificial para o espaço que em parte se assemelhava a um *shopping center*, e em parte a uma “Disneylândia”²²³.

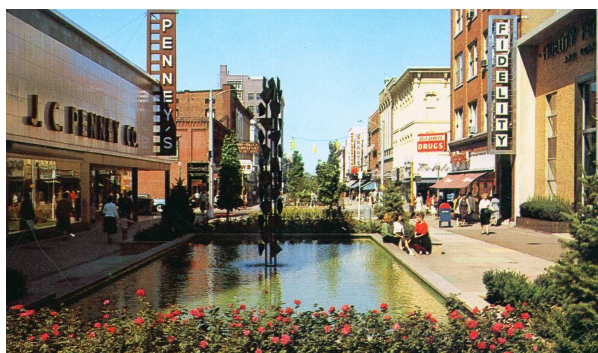


Figura 15: O Kalamazoo Mall nos anos 1960²²⁴.

²²⁰ Idem. p. 42.

²²¹ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 43.

²²² Idem, p. 46.

²²³ Idem, p. 43.

²²⁴ **Kalamazoo Mall**. Disponível em: <https://interactive.wttw.com/ten/streets/kalamazoo-mall>. Acesso em 22 mar 2023.

No Brasil, os calçadões começaram a ser implantados durante a década de 1970, seguindo a influência norte-americana²²⁵. O primeiro município brasileiro a intervir em seu centro histórico a fim de aprimorar sua imagem foi a capital paranaense, Curitiba. Após a inauguração da nova capital federal, Brasília (DF), em 1960, o interesse de urbanistas brasileiros em projetar cidades a partir dos preceitos modernistas era crescente.

Talvez Brasília seja a cidade que mais possua características corbusianas, apesar de não ter sido projetada por Le Corbusier e sim por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, participantes do movimento de arquitetura moderna no Brasil. Tratou-se de uma obra grandiosa, com edifícios públicos gigantescos, implantados entre imensos espaços vazios, apresentados em volumes com formas geométricas simples²²⁶.

À época, Curitiba passava por uma expansão urbana acelerada e seus espaços públicos centrais encontravam-se deteriorados e com tráfego intenso de veículos²²⁷.

Em 1964, o então prefeito de Curitiba, Ivo Arzua, promoveu a licitação de um novo plano diretor para a cidade [...]. Sobre o plano para Curitiba foram discutidas diretrizes para o seu crescimento, e foi criado um importante órgão para acompanhar constantemente o processo de planejamento: o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). O Plano Wilhelm-IPPUC para a cidade de Curitiba trouxe intervenções na área central da cidade com relação a mobilidade urbana, priorizando a mobilidade ativa e a estruturação de corredores de transporte coletivo (DIAS; JÚNIOR, 2017). Alguns anos depois, o plano culminou na criação da primeira rua de pedestres do Brasil²²⁸.

Em 1972, durante a gestão de Jaime Lerner²²⁹ na prefeitura de Curitiba (PR), foi realizada a implantação do calçadão na região central da cidade, em tempo recorde: em apenas 48 horas a rua XV de Novembro foi fechada com pavimento em pedra portuguesa. A “XV velha de guerra” era um grande eixo de circulação da cidade, além de constituir uma das principais vias de comércio de Curitiba.

²²⁵ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 16.

²²⁶ JANUZZI, D. de C. R. op. cit., p. 20-21.

²²⁷ SANDRINI, R. T. p. 56.

²²⁸ Idem, p. 57.

²²⁹ Vale ressaltar que Lerner fez parte da equipe vencedora da concorrência para o plano diretor de Curitiba, por meio da empresa Serete, com a coordenação de Jorge Wilhelm, que dá nome ao plano (SANDRINI, R. T. op. cit. p. 57).

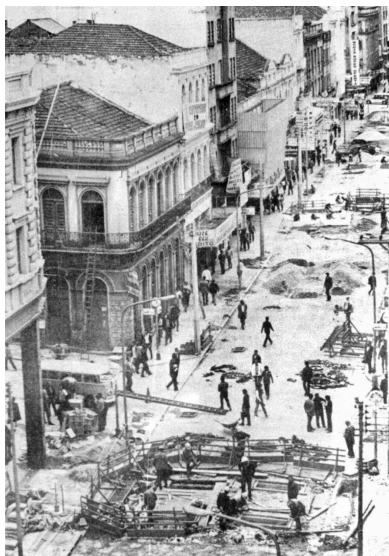


Figura 16: Construção do calçadão da rua XV de Novembro, em Curitiba (1972)²³⁰.

Com a construção do calçadão, esse espaço central passou a atuar como um espaço público voltado para o lazer, com a distribuição de equipamentos e mobiliários públicos urbanos²³¹. Após esse empreendimento na cidade, outras localidades brasileiras tiveram ruas de pedestres instaladas em cidades de diversos tamanhos, como São Paulo, Florianópolis, Londrina, Juiz de Fora, Bauru e Ponta Grossa, entre as décadas de 1970 e 1980²³². No Brasil, os calçadões tornaram-se parte de um “modismo” e tiveram sua construção ligada muitas vezes à promoção política dos prefeitos de diversas localidades²³³. O calçadão de Curitiba serviu como inspiração para a construção do calçadão Arthur Bernardes em Viçosa:

No ano de 1979, por exemplo, surgiu o movimento denominado “Por uma Viçosa melhor”, liderado pela professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV, Elaine Cavalcanti. Dentre as reivindicações deste movimento estava a construção de um calçadão na cidade. Conforme relatou o entrevistado, a equipe que compunha o CEPLAD, o órgão responsável pelo planejamento da expansão do campus, realizou diversas viagens pelo Brasil a fim de buscar referências para o planejamento e a ideia do calçadão surgiu depois de uma viagem à Curitiba [...] A ideia básica era contornar os problemas do crescente tráfego urbano por meio do fechamento de ruas no centro da cidade que passariam a ser trafegadas somente por pedestres. Na versão viçosense o Calçadão consistiu no fechamento de parte das ruas Arthur Bernardes e Sagrados Corações, ambas perpendiculares, que abrigam o centro comercial da cidade. O projeto do calçadão foi desenvolvido pela prefeitura

²³⁰ Prefeitura de Curitiba. 50 anos do Ippuc. **O primeiro calçadão do Brasil**. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/o-primeiro-calcadao-do-brasil/37689>. Acesso em 16 jun. 2023.

²³¹ DITTRICH, M. G.; REVORÊDO, J. C. dos S.; OLIVEIRA, M. R. de; RAMOS, F.; GOLEMBIEWSKI, C. O calçadão de Curitiba: sua história como espaço público social da cidade. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**. v. 2, n. 2, 2015. p. 175.

²³² JANUZZI, D. de C. R. op. cit., p. 108.

²³³ Idem, p. 110.

do campus da UFV e contou com o apoio técnico de arquitetos e engenheiros da Universidade²³⁴.

A implantação de ruas de pedestres pressupõe uma reordenação do tráfego, a fim de atender a interesses econômicos das zonas comerciais urbanas, impedindo a fuga de clientes²³⁵, atuando também como espaços públicos na medida em que definem um modelo de visibilidade, por se tratarem de espaços demonstrativos, de exposição, a fim de atender ao propósito imediato do comércio, ou seja, vender produtos e serviços²³⁶. Para Fonseca,

Atuando como corredores de comércio, estas vias pedestrianizadas reforçam os estabelecimentos comerciais nelas localizados, assim como valorizam os imóveis, encorajando os investimentos privados. Além disso, provêm mais espaços destinados à convivência social no meio urbano. Neste sentido, Brambilla & Longo (1977) nos apresentam as razões para a implantação de calçadas divididas em quatro grandes áreas de atuação, são elas: (1) gestão do tráfego, (2) revitalização econômica, (3) melhoria das condições ambientais, e (4) benefícios sociais²³⁷.

A fim de solucionar problemas relativos ao tráfego de automóveis e seu conflito com a circulação de pedestres, a problemática da pedestrianização de ruas em áreas centrais se insere em um movimento de crítica ao modelo urbanístico moderno desenvolvido na primeira metade do século XX, que objetivava um retorno à rua, com foco no pedestre e em atividades que permitissem as relações de socialização no espaço público urbano²³⁸.

O espaço público, em sua conceituação mais elementar, pode ser compreendido como o espaço de acesso a todos na cidade, calcado no pacto social da cidadania, resultado de uma construção social e política²³⁹, sendo as ruas e as calçadas seus principais representantes²⁴⁰. De igual maneira, o atributo da centralidade a um espaço, resultante de processos históricos e construções simbólicas que orientaram seu ordenamento, ocorre pela atribuição de valor comunitário e social, bem como valor de uso e monetário, devido a sua acessibilidade²⁴¹. Assim, a análise do espaço urbano deve ser orientada pela disposição locacional dos objetos espaciais confrontados com o comportamento social que ali tem lugar²⁴². Desta forma, ao compreendermos o espaço público como *mise-en-scène* da vida pública e associá-lo ao

²³⁴ HONÓRIO, L. de M. op. cit., p. 76.

²³⁵ JANUZZI, D. de C. R. op. cit., p. 146.

²³⁶ GOMES, P. C. da C., 2013, p. 277.

²³⁷ FONSECA, F. L. op. cit., p. 82-83.

²³⁸ Idem, p. 17.

²³⁹ Idem, p. 25.

²⁴⁰ JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Maria Estela Helder Cavalheiro. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 29.

²⁴¹ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 72.

²⁴² GOMES, P. C. da C., 2002, p. 20.

fenômeno da centralidade, entendemos que o lugar físico orienta as práticas e guia os comportamentos ali vividos, os quais reafirmam o estatuto público desse espaço²⁴³.

Dentro da trama locacional das cidades, a posição das ruas constitui elemento fundamental, uma vez que há locais que são instituídos como lugares de visibilidade, nos quais uma determinada ordem espacial os constitui em áreas fundamentais para observar a cena pública, permitindo compreender a expressão da vida urbana. Assim, espaços públicos são lugares demonstrativos, nos quais se afirmam valores e comportamentos e onde se desenrolam interações e encontros²⁴⁴.

Tudo que se expõe ao público em determinadas circunstâncias morfológicas é objeto de observação permanente. Alguns espaços públicos centrais geram capital simbólico e sentidos que a eles se associam, atraindo a população e simbolizando a cidade. Esses lugares colaboram na construção de imagens do urbano porque comprometem o olhar público e, com isso, ganham visibilidade. O comércio potencializa a visibilidade e se vale das condições morfológicas do espaço urbano e da presença do público a fim de alcançar seu objetivo imediato: vender. Além disso, em espaços públicos centrais é possível observar um resumo da vida urbana cotidiana, uma vez que são carregados de diversos enredos e personagens²⁴⁵.

A obra do século: O Calçadão Arthur Bernardes

Seguindo o período de intensas transformações no centro de Viçosa, como a construção do Centro Comercial Fuad Chequer e o calçamento da avenida P. H. Rolfs, em fevereiro de 1979, em entrevista ao Jornal Folha Integração, o então prefeito César Sant'Anna Filho declarou que mais ruas da cidade iriam receber pavimentação asfáltica.

Em rápidas palavras [...], o Prefeito apontou nome das diversas ruas que sofreram estudos preliminares para serem asfaltadas: Rua Padre Serafim, parte da Av. Santa Rita com a Rua Gomes Barbosa, Rua da Conceição, Av. Bueno Brandão e Rua Vaz de Melo. Ao ser indagado a respeito da rua Artur Bernardes, se ela não seria asfaltada, César Santana disse que não e foi taxativo: “Vou fazer da Arthur Bernardes o que prefeito nenhum teve oportunidade de fazer; vou acabar com o problema do trânsito de veículos naquela rua”. Estamos estudando se acabamos com trânsito dos veículos ou se alargamos as calçadas, permitindo passagem apenas de carros de passeio, para assegurarmos assim, o bem estar dos pedestres. Outro problema que será resolvido - continuou o Sr. Prefeito ainda se referindo à Rua Artur Bernardes - é o que se refere ao alagamento da rua por ocasião das chuvas: “começaremos nos próximos dias a retubulação das redes de águas pluviais. Já contamos com o ofício do Ministério da Educação para passar com a nova tubulação em frente ao Colégio Estadual e ainda neste fim de mês iniciaremos os trabalhos”

²⁴³ Idem, p. 164.

²⁴⁴ GOMES, P. C. da C., 2013, p. 203.

²⁴⁵ Idem, p. 314.

(Reportagem “Viçosa terá mais ruas asfaltadas” do Jornal Folha Integração, edição n. 480, ano 16, 28/02/1979).

A perspectiva apresentada pelo prefeito acerca do “problema do trânsito” na rua Arthur Bernardes devia-se ao fato de a via ser estreita, comportando a passagem de apenas um veículo por vez. Em se tratando de um logradouro central em Viçosa, que liga a avenida P. H. Rolfs, onde se encontra a UFV, à praça Silviano Brandão, que correspondia a um importante núcleo de comércio e sociabilidade da cidade, seu reordenamento estava na agenda da administração municipal, por sua característica central e comercial.

Ela [a rua Arthur Bernardes] sempre teve uma característica comercial, desde que eu me lembro que eu vim de Ponte Nova, tinha lojas comerciais ali, lojas de ferragem, farmácia... até me lembro de três farmácias naquela rua (Entrevista com L. N. F.).

[Tinha] Alfaiate, barbeiro... as lojas aqui tinha mais fotógrafo, farmácia... [A rua Arthur Bernardes] Era a rua das farmácias, dos barbeiros, de outras coisas... residência mesmo, eram poucas... quando tinha dois andares, [a família] morava em cima e tinha a loja embaixo (Entrevista com R. D. S.).

Antes do Calçadão, todos os prefeitos mexiam com a Arthur Bernardes, é... mudava o calçamento, sabe como é que é? Então, a rua Arthur Bernardes era o foco dos prefeitos (Entrevista com M. L. S.).



Figura 17: A rua Arthur Bernardes em 1977²⁴⁶.

Além disso, seguindo a realização de intervenções na praça Silviano Brandão²⁴⁷, a retubulação das redes de escoamento de água na rua Arthur Bernardes passou a ser discutida,

²⁴⁶ Fonte: UFV Informa n. 497, disponível no Arquivo Central e Histórico/ATOM-UFV.

²⁴⁷ Durante a gestão do prefeito Geraldo Lopes Faria (1967 a 1970), foi construído na praça Silviano Brandão o monumento em homenagem ao ex-presidente Arthur Bernardes, além das obras de instalação de bancos durante a gestão de Moacir Dias de Andrade (1963 a 1966). Ver em GOMES, E. C. **Percepção do ambiente construído**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997, p. 67.

tornando central o debate acerca de sua funcionalidade e centralidade, uma vez que passava a ser divulgada, em reportagens jornalísticas, a possibilidade de sua transformação em rua de pedestres.

Continuam em ritmo acelerado as obras de construção da nova rede pluvial da Rua Arthur Bernardes, em Viçosa. A construção da nova rede tem a finalidade de acabar com o alagamento que ocorre naquele setor nas épocas chuvosas, em razão da não suficiência da rede ora trocada, que não dá vazão às águas da chuva, provocando aquele que, talvez, tenha sido o maior problema da administração César Sant'Anna e de outros prefeitos nos últimos tempos, no que concerne a conservação e manutenção de obras centrais na cidade. [...] Outro acontecimento inédito em Viçosa poderá acontecer com o advento da série notável de obras no centro da Cidade por parte da Prefeitura. Trata-se da transformação, ora em estudos, da Rua Arthur Bernardes em rua de lazer, com o fechamento definitivo ao tráfego de veículos, numa obra que está sendo considerada por grande parte da população viçosense como sendo “a obra do século” em Viçosa, e que deverá marcar definitivamente César Sant'Anna. Comerciantes estão satisfeitos com a iniciativa do Prefeito César Sant'Anna em realizar esta obra de grande necessidade para o desenvolvimento de Viçosa. Um deles chegou mesmo a afirmar, que não só apoia a iniciativa do Chefe do Executivo local como daria a ele, se fosse realizada uma eleição amanhã, o seu voto. E justifica dizendo que nenhum outro Prefeito teve a coragem de enfrentar a realidade dos problemas da Rua Arthur Bernardes e que, sem dúvida, César Sant'Anna não se fez de rogado, indo buscar em entidades como a Universidade Federal de Viçosa, o apoio e a orientação necessários para que pudesse iniciar obras da envergadura da que ora se inicia, com todos os requisitos que se fazem necessários²⁴⁸.

O apoio técnico de profissionais da UFV à realização das obras de escoamento das águas pluviais na rua Arthur Bernardes foi manifestado nas notas divulgadas no jornal Folha Integração pelo grupo “Por uma Viçosa melhor”, a fim de atrair o apoio popular e difundir outros ideais de organização espacial almejados por seus integrantes.

A respeito da formação do grupo, uma de suas ex-integrantes explica que se tratava de uma organização informal entre mulheres, mas que visava implementar transformações profundas na forma física da cidade:

Foi assim: a gente estava numa reunião numa casa, não é? Como se fosse chamado para tomar um vinho, uma coisa, e aí começamos a falar de Viçosa, aí surgiu a ideia. “Vamos fazer um trabalho, vamos fazer e tal”. Aí convidamos algumas pessoas e o negócio foi tomando pé, não é? E foi aí que resolvemos chamar um arquiteto para fazer o planejamento, porque aquilo ali é, como eu disse, competência de um arquiteto, não é? Não, não era competência nossa. A gente tinha as ideias, mas não tinha, vamos dizer assim, o gabarito para executar, não é? Aí foi desenvolvendo, aí apareceu o problema [da coleta] do lixo. Aí nós começamos a fazer a campanha do lixo, conseguimos o primeiro caminhão basculante, não é, aquele que roda, não é? Para apanhar o lixo (Entrevista com M. E. L. M.).

²⁴⁸ Trecho da reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana” do Jornal Folha Integração, n. 499, ano 16, 17/06/1979.

Os princípios que orientavam o grupo eram o conforto, a segurança e a limpeza, evocando práticas urbanísticas como as que estudamos no primeiro capítulo, que visavam “ensinar” as populações de grandes centros urbanos a se movimentarem com maior rapidez, permitindo fluxo intenso de pessoas e veículos. Além disso, buscava-se seguir princípios urbanísticos já observados no campus da UFV, com destaque para uma hierarquização das vias, sendo uma principal e as demais secundárias²⁴⁹.

Encabeçado por agentes “de fora”, considerados os “outros” pela população nativa da cidade, o movimento é definido por seus ex-participantes como um projeto que visava a realização de mudanças estruturais na cidade, a fim de “organizá-la”, por meio do que um dos entrevistados ouvidos na realização desta pesquisa chama de “ajuda” da universidade à cidade.

Era, na verdade, uma colaboração espontânea. Talvez nós tivéssemos até muito mais... É... interesse do que a própria cidade, então a gente queria mostrar esse tipo de trabalho e ajudar a cidade [...]. A cidade carecia, carece, também, até hoje, não é? Mas naquela época, principalmente, carecia muito de interferências. De... Interferências urbanas, não é? Interferência não de dar palpite, não. É interferência mesmo, de sugerir modificações estruturais [...]. Eu cheguei aqui em [19]76 e em 76 ainda não havia muito conflito exatamente por isso, porque a universidade ainda não tinha dado o *start* de crescimento, não é? Foi com essa certa explosão é que aumentou demais as questões da cidade [...] O projeto, a ideia, tudo era nosso, por parte da UFV. Era, vamos dizer assim, era a contribuição da UFV (Entrevista com A. S. Z.).

O primeiro anúncio do movimento foi veiculado no Jornal Folha Integração, em 24 de junho de 1979, demonstrando a preocupação de seus integrantes com questões como a coleta de lixo e o trânsito.

²⁴⁹ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 114.

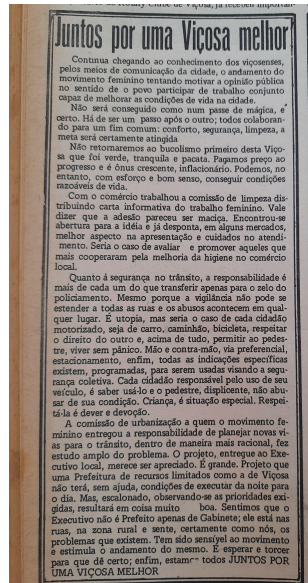


Figura 18: Recorte do Jornal Folha Integração com anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor”, sem assinatura²⁵⁰. Foto da autora.

Na Câmara de Vereadores, a formação do grupo foi tratada, mas de forma lateral, uma vez que os membros do movimento buscaram o prefeito a fim de tratar sobre os projetos que possuíam, mas, inicialmente, sem diálogo com o legislativo. Verifica-se, entretanto, a anuência da administração municipal em atender esses agentes ligados à UFV.

[...] Informou ainda que estava sendo formado em Viçosa um movimento feminino em prol de uma Viçosa Melhor. O vereador Francisco Machado Filho disse que se tratava de movimento apartidário e que essas senhoras já haviam procurado o Prefeito e o Delegado se colocou à disposição deles para fazerem alguma coisa por Viçosa. O vereador Geraldo Eustáquio Reis disse que as pessoas estão prontas para fazerem críticas mas não apresentam soluções (Ata de reunião ordinária da Câmara Municipal de Viçosa, realizada no dia 18 de maio de 1979).



Figura 19: Cartaz do movimento “Por uma Viçosa melhor” confeccionado em 1979, cedido por uma entrevistada. Foto da autora.

²⁵⁰ Jornal Folha Integração, n. 500, ano 16, 24 de junho de 1979.

Além da preocupação com a coleta de lixo e a implementação do modelo urbanístico representado por uma rua de pedestres em uma das vias mais movimentadas da cidade, a construção de espaços públicos de lazer e de passagem era uma das bandeiras do movimento:

O projeto “Por uma Viçosa melhor” começou com a ideia de transformar aquela área onde hoje está o Shopping Viçosa [construído em 1988] em uma área de lazer, porque era [presente ali] uma vegetação muito boa, era um bosque, então nós queríamos ali criar uma área de lazer, e aí surgiu a ideia do “Por uma Viçosa melhor”. Certamente não era só isso, outras coisas estavam no contexto das conversas, mas era isso a conexão com a UFV, certo? E nessa história toda, surgiu o Calçadão (Entrevista com A. S. Z.).

[...] Era um grupo recém chegado a Viçosa com alguns professores que voltavam dos EUA e a cidade era muito feia. A rodoviária era um pavor! Eu cheguei de carro e me assustei. Penso nos coitados dos alunos que chegavam pela primeira vez nesta rodoviária! Deviam ter vontade de pegar o ônibus de volta (Entrevista com C. M.).

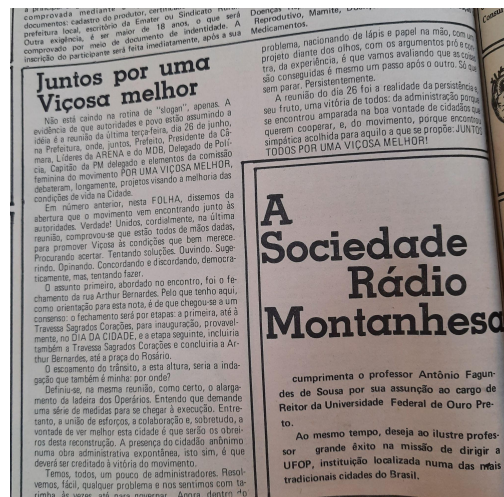


Figura 20: Anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor”²⁵¹. Foto da autora.

Como vimos, o interesse do grupo perpassava a realização de diversas obras de reordenamento espacial na cidade, tema que também era tratado na administração pública municipal e na administração da UFV. Além disso, o enfrentamento à “feiuura” da cidade se fazia presente no discurso do “Por uma Viçosa melhor”, a fim de construir uma imagem de um centro que fosse, ao mesmo tempo, belo e funcional.

Na reunião relatada na figura 20, realizada entre os membros do movimento, vereadores e chefes das forças de segurança, o fechamento da rua Arthur Bernardes foi abordado, bem como o alargamento da Ladeira dos Operários, que liga a UFV à rua Gomes Barbosa, no centro da cidade. Além disso, foi discutido também o planejamento de outra rua de pedestres, esta distante do centro:

²⁵¹ Jornal Folha Integracao, n. 501, ano 16, 1º de julho de 1979.

O Grupo “Unidos por uma Viçosa melhor”, que tem a coordenação da professora Maria Elilce Lima Martyn e que vem trabalhando conjuntamente com a Prefeitura Municipal no sentido de promover uma melhor educação comunitária no que diz respeito a limpeza, urbanização e preservação do bom aspecto da cidade, está pleiteando, agora, junto ao prefeito municipal César Santana Filho a construção de um “calçadão” a começar no quilômetro inicial da BR-120 Viçosa/Ponte Nova e que deverá se estender [sic] até o Bairro Parque do Ipê, nas proximidades de Silvestre, a 2 quilômetros de Viçosa. O calçadão, além de arborizado e ajardinado, deverá ter pista para bicicletas - ciclovia - e tem a finalidade, entre outras, de colocar a população numerosa que usa o trecho Viçosa/Silvestre a salvo dos perigos iminentes de atropelamentos ao longo da citada via [...] A construção do “calçadão” viria acabar com este problema e seria uma obra para a população pelo óbvio e grande embelezamento que traria ao local (Reportagem “O planejamento do calçadão: Viçosa - Parque do Ipê, do Jornal Folha Integração, de 15/07/1979, ano 16, n. 503).

No periódico UFV Informa, a pedestrianização da rua Arthur Bernardes também era tratado, dando ênfase à colaboração de funcionários da UFV:

A Prefeitura do campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em atendimento à solicitação dos integrantes do movimento “Por uma Viçosa Melhor”, feita ao reitor Paulo Mário del Giúdice, desenvolveu o projeto do Calçadão da Rua Arthur Bernardes e Travessa Sagrados Corações (foto). A implantação do projeto receberá o apoio técnico dos arquitetos e engenheiros da UFV, que colaborarão com a Prefeitura da cidade. Desta forma, a Universidade demonstra, mais uma vez, o desejo de promover a sua integração com a comunidade viçosense (UFV Informa n. 600, de 27 de setembro de 1979)²⁵².

Fica evidente a ideia do grupo de que a cidade carecia de uma reorganização de seu centro, que viria apenas com a intervenção de grupos “de fora”:

Eu me formei em Arquitetura em Brasília [...] formei em [19]75 e em 76 eu vim para Viçosa. [Vim trabalhar como] Arquiteto, na verdade, arquiteto, que a gente chamava arquiteto urbanista, não é, que é uma especificidade da arquitetura, e que encaixava bem nos propósitos aí de interferências urbanas, não é? De Viçosa, fundamentalmente [...]. Aqui a gente fazia uma espécie de colaboração [...] Formalmente, isso [a assinatura de um convênio formal com a prefeitura de Viçosa] nunca aconteceu, não é? Era, na verdade, uma colaboração espontânea. Talvez nós tivéssemos até muito mais... É... interesse do que a própria cidade. Então a gente queria mostrar esse tipo de trabalho e ajudar a cidade (Entrevista com A. S. Z.).

Eu saí daqui em 71 e fiquei 4 anos fora, não é? Nos Estados Unidos. Quando eu voltei, eu não achei nenhuma diferença do que eu deixei. A mesma coisa. Por sinal, é um choque muito grande, principalmente quando você vai ao supermercado. Porque o supermercado não tem nenhuma estrutura e a gente fica bem chocada. [...] Outra coisa que eu saí e deixei, mas me chocou muito, porque estava num estado bem precário, foi a praça principal [Silviano Brandão]. Muito suja, sabe? Eu achei... aquilo ali choca a gente. A gente às vezes fala, “Ah, porque foi para fora”, não é não. A praça estava muito suja. Ainda era a praça antiga, não é? Antes de fazer a reforma, muitas folhas no chão, muita sujeira, sem nenhuma... nenhum jardim direito, nada.

²⁵² Disponível em atom.ufv.br.

Isso me chocou bastante. E a gente quando sai até a gente esquece como era (Entrevista com M. E. L. M.).

Foi o início ou empurrão para uma universidade que saiu do rótulo rural para uma universidade no maior sentido da palavra. Os alojamentos já não cabiam todos os estudantes. A cidade precisava progredir para o novo progresso da universidade. Muitos professores começaram a fazer prédios para alugar (Entrevista com C. M.).

O movimento das obras de instalação da rede pluvial na rua Arthur Bernardes, iniciado em junho de 1979, foi seguido pela decisão de fechamento da via ao trânsito de veículos, demonstrando a ativa participação dos membros do “Por uma Viçosa melhor” no debate urbanístico da cidade.

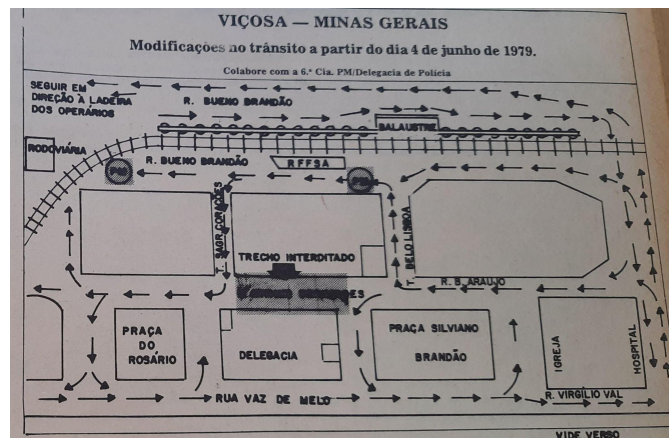


Figura 21: Recorte da reportagem “Obras ocasionam modificações no trânsito central de Viçosa - MG”²⁵³.

Conforme mencionado, o calçadão de Curitiba foi uma inspiração para a construção do calçadão Arthur Bernardes:

Bom, a praça de Viçosa. Na realidade a praça de Viçosa não foi, é... a reformulação dela, não foi uma iniciativa semelhante a que foi a do calçadão, não. O calçadão nós tivemos aquela idéia, né, em [19]79, depois inclusive da gente ter visitado Curitiba, e tinha aqueles problemas de enchente etc., então o calçadão surgiu, praticamente, com aquele grupo né, [Por uma] Viçosa Melhor, uma proposta para melhorar a cidade²⁵⁴.

²⁵³ Jornal Folha Integração, n. 497, ano 16, 03 de junho de 1979.

²⁵⁴ Trecho de entrevista concedida por um dos arquitetos que atuava no CEPLAD-UFV, em julho de 1994. Disponível em <https://vicosacidadeaberta.blogspot.com/2008/08/entrevista-praa-de-viosa.html>. Acesso em 16 jun. 2023.



Figura 22: Foto da reportagem “Obras da rua Artur Bernardes marcarão Administração César Santana”²⁵⁵.

Da mesma forma que a rua XV de Novembro, em Curitiba, o projeto previsto para a rua Arthur Bernardes era de fechamento total, a fim de adequá-la ao modelo de calçada pleno, implementado a partir da pedestrianização de uma rua previamente veicular, contando com mobiliário urbano e vegetação, dentre outros elementos²⁵⁶.



Figura 23: Perspectiva apresentada como projeto pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” para a construção do Calçadão Arthur Bernardes²⁵⁷.

O croqui acima foi feito por um dos arquitetos da UFV contratados durante a década de 1970 para projetar obras voltadas para a expansão física da instituição e que auxiliou os integrantes do movimento “Por uma Viçosa melhor” na interlocução com a Prefeitura. Este e outros projetos foram doados ao poder público de Viçosa pelos quatro integrantes da

²⁵⁵ Jornal Folha Integração, edição n. 499, ano 16, 17/06/1979.

²⁵⁶ FONSECA, F. L. da. op. cit., p. 43.

²⁵⁷ Fonte: Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa (ACH-UFV).

CEPLAD, mas não foram encontrados registros dos projetos na Secretaria de Obras da PMV, apenas no ACH da UFV.

Além do croqui em formato de perspectiva, foi doada à PMV uma planta com descrições detalhadas do projeto, que previa a instalação de postes de iluminação e mobiliário urbano (bancos, floreiras, lixeiras e porta-cartazes), bem como a plantação de árvores. As unidades definidas como “praças” na planta são detalhadas no corte esquemático, evidenciando o projeto de constituição, com a construção do calçadão, de um espaço público para lazer e permanência.

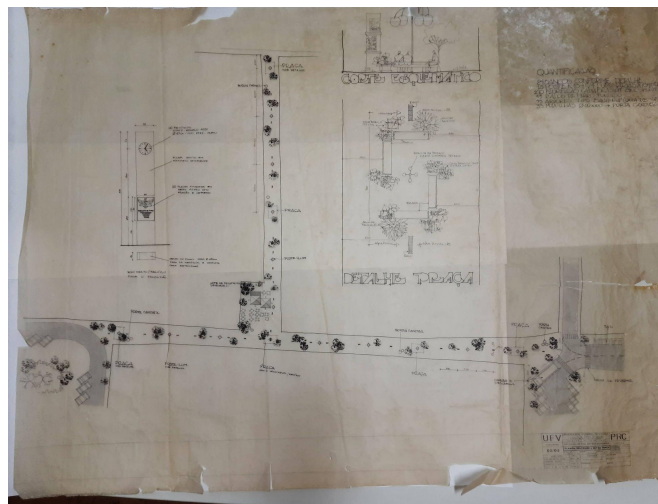


Figura 24

UFV	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VICOSA		PRC
	PREFEITURA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E PROJETOS CIDADE - VICOSA - M.G.		
ARQUITETURA	CALÇADÃO DA RUA ARTHUR BERNARDES		ÁREAS
02/02	PLANTA CALÇADÃO e DET DA PRAÇA		CONSTRUIDA
	ESCALAS 1:1000 e 1:25	DATA 25/09/79	ORDEM 0-73
ARQUITETOS	CREA	DESENHISTA	INTERESSADO
ACYR DOS SANTOS ZAMA	15039 - MG	FERNANDO / ACYR	PREFEITO
AGUINALDO PACHECO	1325 - DF		REITOR
FERNANDO T. ALMEIDA	8378 - MG	CONFERIDO	
PAULO F. DE OLIVEIRA	2059 - DF		

Figura 25

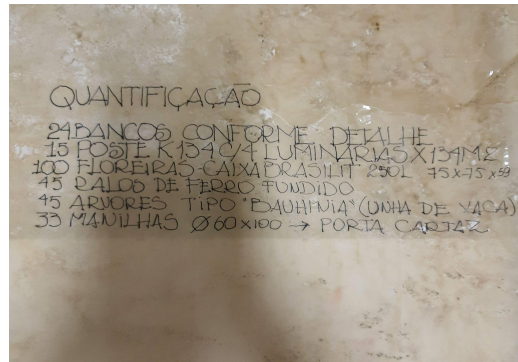


Figura 26

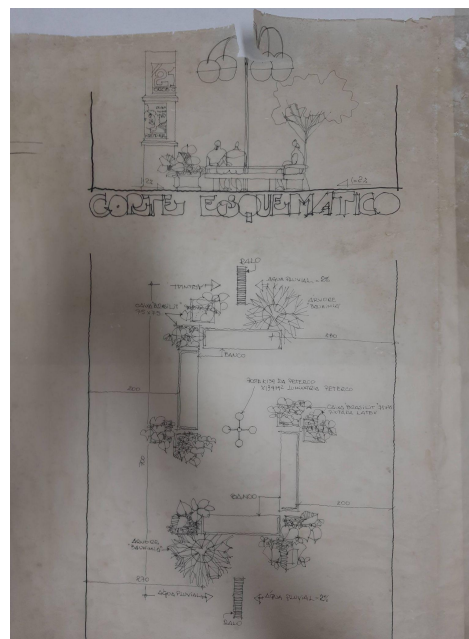


Figura 27

Figura 24: Planta do projeto elaborado pelos arquitetos da UFV para a construção do Calçadão Arthur Bernardes. **Figuras 25, 26 e 27:** Detalhes da planta ampliados para visualização²⁵⁸. Fotos da autora.

A construção de uma rua exclusiva para o trânsito de pedestres no centro de Viçosa ia na contramão do crescimento da frota de veículos da cidade, que decorria do aumento populacional. Essa preocupação se refletiu no extenso tempo de execução da obra, que passou por meses de indefinição.

Muito embora as obras de infraestrutura estejam praticamente prontas, com a construção da nova rede pluvial por parte da Prefeitura Municipal chegando ao fim,

²⁵⁸ Fonte: ACH-UFV.

continua indefinida a transformação da Rua Arthur Bernardes em “rua de lazer”. Esta transformação continua sendo estudada em todas as suas possibilidades, uma vez que a falta de estrutura ao trânsito de veículos, crescente em Viçosa, é o ponto crítico dos estudos. A princípio, estudos objetivam o fechamento parcial no trecho Praça Silviano Brandão-esquina com travessa Sagrados Corações, ficando esta última como opção para o tráfego no sentido centro propriamente dito à Praça do Rosário e Universidade Federal de Viçosa. Comenta-se, entretanto, que o fechamento total da citada via pública está sendo cuidadosamente estudado pela Prefeitura, juntamente com a Comissão de Trânsito de Viçosa e grupo Unidos por uma Viçosa melhor, sendo que este último já apresentou projeto a respeito com esquema de ajardinamento e outros benefícios a serem implantados no “calçadão”. Um entrave à realização total do “projeto do calçadão” seria a conseqüente inutilização da Travessa Sagrados Corações ao trânsito o que, sem dúvida, sobrecarregaria a Avenida Bueno Brandão (parte baixa, principalmente) que se veria obrigada a arcar com todo o tráfego central no sentido praça Silviano Brandão - Praça do Rosário/UFV, ultimamente funcionando precariamente pela inversão da mão direcional da Sagrados Corações pela Comissão de Trânsito de Viçosa, quando do início das obras municipais da Arthur Bernardes. Enquanto isso, continua a abertura da Ladeira dos Operários para a pavimentação e alargamento, visando a facilitar o trânsito no sentido centro-UFV. A Prefeitura Municipal iniciou ali serviços de infraestrutura básica para posterior asfaltamento, conforme informações fidedignas obtidas na Prefeitura (Reportagem “Calçadão da rua Arthur Bernardes ainda indefinido” do jornal Folha Integração, n. 506, ano 16, de 05/08/1979).

Outras obras sendo executadas ao mesmo tempo buscavam desafogar o trânsito central, principalmente no trecho que liga a UFV ao centro da cidade:

Prefeito admite que houve atraso para o início da parte final da obra, e explica que ele foi causado pela grande mudança na estrutura urbanística central da cidade e que exigiu, para exames em termos definitivos, muito estudo junto ao Departamento de Obras da Prefeitura, constando da viabilidade econômico-financeira do projeto, aliado à grande transformação no setor viário central da cidade, em virtude do fechamento daquela via ao trânsito de veículos, definitivamente e suas conseqüências. Quanto ao problema trânsito, em virtude da mudança central, prefeito acha que até agora o trânsito desviado da Silviano Brandão para a Bueno Brandão vem funcionando a contento e, com a abertura da Ladeira dos Operários, brevemente, para escoamento no sentido centro-Universidade Federal de Viçosa, não haverá maiores obstáculos à fluência do tráfego central (Reportagem “Calçadão da Arthur Bernardes: o início na próxima semana”, do jornal Folha Integração, n. 510, de 02 set. 1979, ano 16).

Apesar da incerteza acerca do projeto a ser executado, após a definição de fechamento da rua Arthur Bernardes com a construção da rua de pedestres, as chamadas do grupo “Por uma Viçosa melhor” nas páginas do jornal Folha Integração foram suspensas. O último anúncio encontrado durante esta pesquisa data de 22 de julho de 1979.

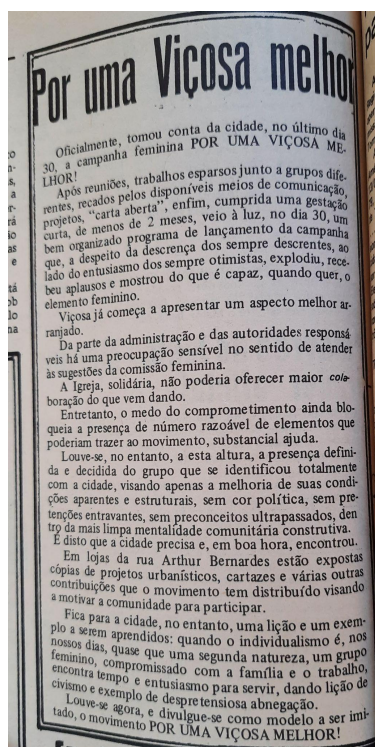


Figura 28: Anúncio do grupo “Por uma Viçosa melhor”²⁵⁹. Foto da autora.

Bom, eu acho que foi bem melhor, melhorou bem o aspecto da cidade, e a gente queria trabalhar mais, porque nós trabalhamos paralelamente com Calçadão e com a coisa de lixo, para apanhar lixo, não é, inclusive, o primeiro caminhão foi nessa época. Mas depois eu tive filho e não pude continuar na frente do movimento (Entrevista com M. E. L. M.).

Quando surgiu o calçadão, eu não sei precisar. Hoje eu não saberia precisar, mas vem na enxurrada aí do Por uma Viçosa melhor. Você pode me perguntar, “quando é que surgiu essa ideia?”. Precisamente, também não sei te falar, não é? É... e isso esfriou, porque aqui a gente falava de muitas ideias. Você joga, muitas ideias voltam, outras vingam, outras não vingam, você desanima um pouco, esfria, [...] e no fundo, no fundo, isso se perdeu (Entrevista com A. S. Z.).

Esse relativo afastamento do grupo refletiu-se na efetiva execução da obra a partir de outubro de 1979. Após a finalização da tubulação das redes pluviais na via, foi iniciada a colocação de pedras portuguesas, visando a diferenciação do piso das demais ruas da cidade, seguindo o exemplo do calçadão da rua XV de Novembro, em Curitiba. Apesar disso, o projeto que passou a orientar a obra não visava mais a colocação de mobiliário urbano, enfatizando seu caráter de espaço público de passagem e não de permanência.

O Prefeito Municipal de Viçosa iniciou no dia 09 de outubro próximo passado, os trabalhos de construção do “calçadão” da Rua Arthur Bernardes, obra muito aguardada pelo viçosense de modo geral e especialmente pelos comerciantes ali

²⁵⁹Jornal Folha Integração, ano 16, n. 504, 22/07/1979.

estabelecidos, ansiosos por verem afastado o barulho do trânsito, intenso naquele setor central de Viçosa, onde muitas casas residenciais também sofrem o mesmo problema com o trânsito. Sob a administração do Prefeito César Sant'Anna e a supervisão do Encarregado de Obras Sr. Alchimim Floresta, Técnicos (Calceteiros) iniciaram a colocação das pedras portuguesas sob a vista de curiosos, que continuam aparecendo no local para observarem o desenrolar dos trabalhos. Prefeito faz questão de frisar que esta obra está sendo construída com recursos próprios do município, e está orçada em quantia superior a 1.500.000,00 [cruzeiros]. Consumindo cerca de 20 toneladas de pedras portuguesas, calçadão abrangerá toda a Rua Arthur Bernardes e Travessa Sagrados Corações, onde, tão logo o SAAE termina os serviços de colocação de nova rede de esgoto sanitário, terão os trabalhos de prolongamento do calçadão. Embora projeto inicial feito na Universidade Federal de Viçosa, a pedido do grupo Unidos por Uma Viçosa Melhor apresente um [sic] "rua de lazer" com diversos componentes finais de arte, tais como bancos, arborização etc., prefeito diz que obras obedecerão a novo projeto, onde não aparecem os bancos, pois acha que estes atrairão desocupados, e com eles a possibilidade de algazarra, em prejuízo para moradores e comércio em geral. Também um novo sistema de iluminação, constando de pequenos postes ao longo do centro da rua, com lâmpadas a mercúrio, estará compondo a "rua de lazer", onde todo trânsito de veículos será proibido, inclusive de bicicleta. Garante o prefeito que somente casos de urgência terão exceção, e cita por exemplo, a entrada de ambulância para recolher doentes. Calçadão, de lado a lado da Artur Bernardes, está sendo feito simultaneamente à retirada dos atuais passeios, o que vem ocasionando desenvolvimento pouco rápido do trabalho. O tempo previsto para execução das obras é de 30 dias, segundo informações do Prefeito César Santana (Reportagem "Prefeitura iniciou calçadão na rua Arthur Bernardes em Viçosa", de 14 de outubro de 1979, n. 516, ano 16).

A atuação da UFV se fazia presente, no entanto, em outras obras ora em curso na cidade.

A empreiteira Sotebra terminou, na semana passada, o serviço de capeamento asfáltico da Ladeira dos Operários, tida e havida como uma das principais "saídas" para a melhoria do escoamento do trânsito no sentido Viçosa/UFV e vice-versa. A empreiteira asfaltou, também, trecho compreendido entre as esquinas da rua do Pintinho e Ladeira dos Operários, fechando assim, oanel viário compreendido entre as duas comunidades: universitária e viçosense. Embora ainda descarregando o trânsito na Avenida P. H. Rolfs, a ladeira dos Operários deverá ser ligada à margem direita do "lago da UFV", o que facilitará ainda mais o trânsito entre a universidade e a cidade, atualmente bastante congestionado na hora do "rush". [...] Esta obra, apontada como uma das principais para compensar o fechamento da Rua Arthur Bernardes ao trânsito, foi realizada em cooperação com a Universidade Federal de Viçosa e Prefeitura Municipal (Reportagem "Ladeira dos operários já asfaltada", do Jornal Folha Integração de 21 de outubro de 1979, n. 517, ano 16).



Figura 29: Imagem da reportagem “Ladeira dos operários já asfaltada”, mostrando o fluxo de veículos no sentido UFV-centro²⁶⁰. Foto da autora.

Ao mesmo tempo em que obras de reordenamento espacial do centro de Viçosa eram realizadas, a Câmara Municipal discutia e aprovava o Código de Obras (Lei n. 312/1979), em setembro de 1979. Conforme mencionado, no entanto, a legislação não foi cumprida em seus primeiros três anos de aplicação, os quais coincidiram com os três anos finais da gestão de César Sant’Anna à frente do Executivo municipal²⁶¹.

Apesar de reportagens do jornal Folha Integração apontarem a inauguração do Calçadão Arthur Bernardes até o fim do ano de 1979²⁶², ainda em 1980 as obras seguiam sua fase final na travessa Sagrados Corações, “onde uma pista central servirá para os serviços de carga e descarga de mudanças, materiais de construção etc., embora o trânsito normal de veículos seja, conforme noticiamos em outras edições, proibido”²⁶³. O projeto inicial, de fechamento da rua Arthur Bernardes, contudo, foi concluído no primeiro semestre de 1980.

Brevemente, informa ainda o prefeito César Santana, trabalhos de extensão do calçadão terão início na Travessa Sagrados Corações, onde todos os serviços de infraestrutura já foram realizados, constando de redes de água e esgoto sanitário, recentemente renovadas. Embora o trânsito normal de veículos também venha a ser proibido na Sagrados Corações, ali o calçadão receberá um trabalho mais compacto e reforçado, visando permitir a entrada de transporte de cargas diversas, principalmente as de difícil transporte em pequenas quantidades, tal como material bruto de construção etc. Inauguração de ambos os calçadões deverá trazer a Viçosa várias autoridades estaduais, entre as quais o Senador Bernardes Filho, que cortará a

²⁶⁰ Jornal Folha Integração, n. 517, ano 16, 21/10/1979.

²⁶¹ RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 155.

²⁶² Reportagem “Calçadão ficará pronto ainda este ano”, de 09/12/1979 no Jornal Folha Integração (n. 524, ano 17), informava que as obras já duravam quase 10 meses, mas que o calçadão se encontrava pronto para ser inaugurado até o fim de dezembro.

²⁶³ Reportagem “Prefeitura incrementa obras”, de 09/03/1980 no Jornal Integração (n. 05, ano 1).

fitas simbólicas (Reportagem “Obras na Travessa Sagrados Corações”, do Jornal Folha Integração, n. 528, de 06/01/1980, ano 16).

Faz-se necessário enfatizar que a execução da obra foi de responsabilidade exclusiva da PMV, tendo o projeto apresentado na perspectiva contida na Figura 18 e a planta da Figura 19 sido uma doação da UFV para o Executivo municipal. Não foram encontrados registros de discussões ou legislações referentes à concessão de recursos para execução da obra nos arquivos da Secretaria de Obras da PMV e da Câmara Municipal de Viçosa. Além disso, apesar da notícia de planejamento de comemorações para a inauguração do Calçadão Arthur Bernardes, não foram encontrados registros de quaisquer eventos do tipo, que também não foram relatados pelos entrevistados.

Em 1981 o Calçadão estava em pleno funcionamento, com os desenhos em pedra portuguesa no piso prontos, o que nos leva a crer que a confecção da placa afixada na antiga sede da PMV (Figura 1), que ficava em um dos prédios da rua Arthur Bernardes, deveu-se ao fim do mandato do prefeito César Sant’Anna no ano de 1982.



Figura 30: Reportagem “Bartolomeu viu o Calçadão”²⁶⁴. Foto da autora.

Um centro, duas perspectivas: espaço público e visibilidade

A construção do Calçadão Arthur Bernardes relaciona-se à valorização imobiliária do centro de Viçosa durante a década de 1970, que se refletiu em um déficit de espaços públicos

²⁶⁴ Jornal Integração, n. 54, ano 2, 15/02/1981.

em detrimento dos projetos habitacionais privados que resultam de disputas sociais motivadas pelo interesse em controlar a localização dentro do espaço urbano: entre as décadas de 1970 e 1980, enquanto os mais ricos se instalavam nos bairros adjacentes ao centro, como o Ramos e o Clélia Bernardes, e em condomínios fechados horizontais, como o Parque do Ipê, a população pauperizada era deslocada para as franjas da cidade. No centro, a atividade comercial se dinamizava, a fim de atender a demanda de consumidores que se mudavam em massa do campo para a cidade ou que vinham de outras localidades em busca de colocação profissional ligada direta ou indiretamente à UFV.

O novo modelo urbanístico representado pelo Calçadão, que conecta o eixo comercial instalado na praça Silviano Brandão à praça do Rosário, que conduz à avenida P. H. Rolfs, onde fica a UFV, materializa uma nova escala de visibilidade que se forma no centro da cidade nessa época, com a atração de olhares e capitais para a via a partir da discussão de sua forma e de seu status público.

A configuração do espaço público não se dá somente pelos usos da forma física urbana, mas também pela incorporação de aspectos subjetivos, como os valores dos indivíduos, assim como as motivações e anseios da população como elemento não material da ocupação espacial²⁶⁵. No caso do Calçadão Arthur Bernardes, sua configuração como espaço público transcende sua configuração morfológica devido a sua centralidade. Trata-se de uma via que resume as formas de sociabilidade existentes em Viçosa, bem como concentra sua atividade comercial, a qual, por ter como objetivo final a obtenção de lucro por meio da venda de produtos e serviços, busca instalar-se em locais de grande visibilidade a fim de atrair o olhar de potenciais consumidores.

Desta maneira, o debate entre os projetos de espaço público apresentados pela PMV e pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” refletia interesses de controlar a localização dentro do espaço urbano de Viçosa, mais especificamente de seu centro, devido a sua valorização simbólica e mercadológica. Ao mesmo tempo, no aspecto material, a via atua como organizadora da malha urbana de Viçosa ao atuar no direcionamento de usos da zona central para a atividade comercial. Por fazer a ligação entre dois importantes núcleos de sociabilidade da cidade, o Calçadão Arthur Bernardes tem sua visibilidade ampliada, atuando como um espaço de exposição, tendo os olhos voltados para ele e funcionando como uma espécie de cenário resumido da vida urbana viçosense, constituindo um ingrediente fundamental na definição dos traços que caracterizam a cidade, aspecto reforçado por sua localização central na cidade e por sua característica comercial.

²⁶⁵ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 52.

O tensionamento entre o projeto doado pelo grupo “Por uma Viçosa melhor” e a pedestrianização da rua Arthur Bernardes executada pela PMV reforçam seu estatuto público, na medida em que constitui um espaço de conflitos e problematização da vida social²⁶⁶. Trata-se também de um lugar sobre o qual atua uma escala de visibilidade que o torna um espaço de exposição, já que exerce forte centralidade sobre o imaginário da cidade, tornando-se alvo de disputas pelo reconhecimento de um projeto de ordenamento espacial²⁶⁷.

Do ponto de vista material, essa visibilidade atua no sentido de atração de investimentos fundiários, que se traduzem em uma dinamização da atividade imobiliária e comercial, como ocorreu no caso do Calçadão Arthur Bernardes.

É um ponto principal do comércio, então todo mundo quer vir para cá porque realmente é um lugar muito visitado, não é, por todo mundo, de toda a cidade. Todo mundo vem ao Calçadão, então as lojas que querem mostrar o seu produto, e então querem abrir loja no Calçadão e por isso que o custo foi lá pra cima, né? De aluguel (Entrevista com M. L. S.)

O calçadão, juntamente com a criação de novos cursos, impactou em novas construções, lojas melhores e com mais opções de escolha, lanchonetes que viraram ponto de encontro, aumento de profissionais de beleza, manicure, cabeleireiras etc. Quando cheguei a Viçosa [em 1974], só tinha uma cabeleireira famosa que atendia as pessoas mais ricas da cidade, nativas ou esposas de professores mais antigos (Entrevista com C. M.)

[O comércio se] Diversificou, né... Também nesse intervalo as coisas mudaram muito, cresceu muito, não é? Então é tudo, vamos dizer assim, é tudo envolvido. Além de ter a cidade desenvolvido mais, crescido em todo lugar que também cresceu, e aquilo ali, você tem uma diversidade grande de comércio, tanto no Calçadão como no Calçadinho, você tá entendendo? (Entrevista com M. E. L. M.)

Com a vinda de novas populações para Viçosa, novos hábitos de lazer e de consumo eram transplantados para uma nova realidade, principalmente a partir da federalização da UREMGE em 1969. Assim, a cidade outrora provinciana começava, na década de 1970, a se tornar uma cidade média, buscando atender esse novo filão de consumidores, atraindo investimentos em novos empreendimentos e acirrando a disputa entre os comerciantes já estabelecidos. O projeto do Calçadão apresentado pelos integrantes do “Por uma Viçosa melhor” objetivava a criação de uma rua de lazer na cidade, materializando uma nova imagem da cidade, que deixava o status de interiorana.

Além dos loteamentos, a federalização da universidade alavancou a economia urbana do município através do setor de comércio e serviços. Observou-se, na paisagem próxima à Avenida PH. Rolfs, a instalação de pequenos restaurantes que serviam comida a quilo e de empresas prestadoras de serviços (copiadoras,

²⁶⁶ GOMES, P. C. da C. 2013, p. 274.

²⁶⁷ Idem, p. 271.

lavanderias, papelarias etc.). Alguns locais passaram a abrigar bares, casas noturnas e escritórios. A área central foi se reestruturando em decorrência da atividade econômica, que, ao se transformar, transforma seu entorno em função das mudanças no uso do solo. A intensificação do uso da terra no centro urbano viçosense redefiniu a forma da cidade e instigou uma ordenação social e espacial da vida urbana²⁶⁸.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, notou-se que a imagem da cidade a ser criada era relevante na medida em que, por parte do “Por uma Viçosa melhor”, buscava-se materializar o anseio do grupo dos “de fora” por meio do transplante de um modelo urbanístico que estimulasse a permanência da população no espaço urbano. Além desse projeto, estavam em discussão pelo grupo, juntamente com a PMV, a criação de um parque na rua Milton Bandeira, próxima à UFV, e a construção de uma rua de pedestres no condomínio Parque do Ipê. Trata-se de obras que, para além da problemática da construção de vias públicas de circulação, visavam o embelezamento da cidade. Apesar da não realização das obras citadas, as proposições denotavam uma negociação em torno dos espaços públicos da cidade, na medida em que a especulação imobiliária se tornava mais acirrada em Viçosa, em função dos interesses habitacionais decorrentes do aumento populacional experimentado pela cidade durante a década de 1970.

Já em relação à PMV, estava em sua agenda a realização de obras que resultassem na dinamização do comércio e da atividade imobiliária, conforme exemplificado pela construção do Centro Comercial Fuad Chequer, em 1979, e pelas constantes mutilações sofridas pelas legislações urbanísticas municipais, que buscavam privilegiar um pequeno grupo de proprietários fundiários. A própria rua Arthur Bernardes foi alvo de promotores imobiliários durante as décadas de 1960 e 1970, devido a sua centralidade²⁶⁹. Com isso, observa-se uma disputa entre os dois projetos, a qual se deve à valorização da rua Arthur Bernardes por seu posicionamento na trama locacional da cidade, que monopoliza a expressão da vida urbana, concentrando significações e exprimindo identidades²⁷⁰, uma vez que a cidade, que se configura como local de moradia e trabalho, abriga pessoas que querem atenção não só às suas necessidades de consumo imediato, mas também às suas identidades arquitetônicas, alimentares, musicais, políticas e econômicas²⁷¹.

O espaço público abrange diversas possibilidades, logo, sua existência prescinde do estabelecimento de relações entre seus usuários. Sua compreensão deve perpassar as disputas que envolvem suas diferentes formas de uso, bem como as formas de segregação urbana que

²⁶⁸COELHO, D. D. A transformação do espaço urbano na cidade de Viçosa, Minas Gerais entre 1964-1980. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 2020, v. 18, n. 1. <https://doi.org/10.5016/estgeo.v18i0.13714>. p. 6.

²⁶⁹RIBEIRO FILHO, G. B. op. cit., p. 172.

²⁷⁰GOMES, P. C. da C., 2013, p. 190.

²⁷¹CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 44.

esses usos podem acarretar²⁷². Diante dos dados apresentados, a construção do Calçadão Arthur Bernardes foi levada a cabo devido à discussão entre a PMV e o grupo “Por uma Viçosa melhor”, mas sua constituição como espaço público atravessou diferentes grupos sociais, devido à centralidade da via. Esse papel de organizador da malha urbana em Viçosa evidencia sua importância na trama locacional da cidade.

Por concentrar a atenção, seja da administração pública, por sua centralidade, ou da população, por sua característica comercial, o Calçadão Arthur Bernardes instaurou em Viçosa um regime de visibilidade atrelado ao uso mercantil do solo, que consolidou o centro como lugar dos negócios. Esse arranjo espacial evoca a concepção da cidade como mercadoria, tendo a indústria da construção civil como “carro-chefe” desse processo, na medida em que colabora para a dinamização do comércio, com a absorção de mão de obra e a construção de edifícios de uso misto²⁷³.

Ao problematizarmos o Calçadão Arthur Bernardes e sua qualificação como espaço público na cidade de Viçosa nesta pesquisa, buscamos abordar seus aspectos físicos e também discutir seu processo de construção, além da atuação de uma escala de visibilidade que se manifesta naquela via por sua localização central. O que pôde ser observado é a interação entre dois projetos de sociabilidade, um representado pela agenda da PMV de reordenamento do centro da cidade e o outro, pelos interesses do grupo “Por uma Viçosa melhor”, traduzidos na materialização de espaços de permanência. A existência de contradições na cidade, que geram diferentes formas de desigualdade, apresentam-se em intensidades e formatos diferentes, muitas vezes proporcionais às modificações que ocorrem nos espaços urbanos²⁷⁴.

A busca pela materialização dos anseios arquitetônicos e urbanísticos de diferentes grupos sociais em uma via como o Calçadão Arthur Bernardes reitera sua importância na trama locacional da cidade de Viçosa, devido ao reforço de sua centralidade a partir da construção da obra, valorizando suas estruturas comerciais e consagrando o centro e, especificamente, aquele espaço, como locus da atividade comercial. Projeta-se, com a implementação desse modelo urbanístico, a imagem de uma cidade que busca atrair novos investimentos a partir da transformação de suas estruturas.

Essa imagem é fundamental para a compreensão da importância simbólica dada ao centro da cidade como espaço do comércio e dos negócios. Sua valorização deriva, assim, não

²⁷² Idem, p. 151.

²⁷³ COELHO, D. D. **O direito à moradia: uma análise da provisão habitacional em Viçosa (MG) entre 1964-1986**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. p. 183.

²⁷⁴ CARDOSO, S. R. P. op. cit., p. 45.

apenas de suas estruturas físicas, mas também da visibilidade que lhe é conferida. Essa visibilidade atua na configuração do centro e, mais especificamente, do Calçadão Arthur Bernardes, como espaço público, na medida em que esses locais se tornam espaços de exibição que resumem a vida urbana de Viçosa em si, ganhando prestígio social e mercantil.

A construção do Calçadão Arthur Bernardes, uma via central e movimentada de 700 metros de comprimento, acarretou grandes mudanças na forma física e na trama locacional de Viçosa, atrelando o centro à atividade comercial e reforçando o papel de agentes ligados à UFV no debate urbanístico da cidade e da própria instituição na transformação do espaço urbano.

Capítulo 4: Viçosa, cidade aberta

Proposta de produto: Realização de chamada pública para a publicação de artigos na Revista de Ciências Humanas

Tendo como base o estudo empreendido neste trabalho a partir da realização de entrevistas com pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a construção do Calçadão Arthur Bernardes, bem como da investigação feita a partir de relatos jornalísticos e acadêmicos sobre a formação do centro da cidade de Viçosa (MG), observa-se uma série de tensionamentos em relação ao espaço urbano de Viçosa, evidenciado pelo debate empreendido durante sua época de idealização e construção, bem como sobre o papel desempenhado pela UFV na composição de sua trama locacional, determinando fatores de centralidade e prestígio social.

A discussão sobre os espaços e a forma física de Viçosa, como vimos, não se faz apenas no meio acadêmico, a exemplo das referências citadas neste trabalho, mas também na política, nas ruas e nas casas das pessoas, como ocorreu com a formação do grupo “Por uma Viçosa melhor”. A presença da UFV em Viçosa reforça o caráter de divisão entre a abordagem científica e o senso comum em torno de problemáticas como a deste trabalho. A afirmação social da importância da ciência supõe a aceitação pela sociedade do caráter benéfico de sua atividade e aplicação, sendo crucial, desta forma, o modo como a sociedade percebe a atividade científica e absorve seus resultados, bem como os canais de divulgação científica aos quais a população tem acesso²⁷⁵.

O comportamento social é influenciado pelo saber. É a distribuição do conhecimento que determina a formação de organizações sociais, a capacidade crítica do indivíduo em compreender a sociedade em que vive e seu poder de reivindicar mudanças²⁷⁶. A fim de ampliar o debate sobre aspectos espaciais e socioeconômicos do centro da cidade de Viçosa e buscando discutir os regimes de sociabilidade previstos para essa porção da cidade, bem como o conflito presente na determinação de suas funcionalidades, propõe-se a realização de uma chamada pública para publicação de artigos para discutir esses temas na Revista de Ciências

²⁷⁵ ALBAGLI, S. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. DOI: 10.18225/ci.inf.v25i3.639. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>. Acesso em 9 jul. 2023. p. 396.

²⁷⁶ CALDAS, G. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. In: PORTO, C. M.; BROTAS, A. M. P; BORTOLIERO, S. T. (orgs.) **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 30.

Humanas, periódico científico do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A motivação para a apresentação do produto desta dissertação em uma chamada para publicação de trabalhos se dá por minha função como editora adjunta da Revista de Ciências Humanas, na qual atuo desde 2018. Editada desde 2001, a revista foi publicada em formato impresso até 2017, passando, no ano seguinte, a integrar o Portal de Periódicos da UFV (periodicos.ufv.br) e sendo publicada apenas em formato digital, no endereço eletrônico periodicos.ufv.br/RCH. Trata-se de uma revista com ênfase multidisciplinar, que publica trabalhos teóricos e práticos de pesquisas desenvolvidas nas áreas de ciências humanas e sociais.

Além de artigos científicos, a Revista de Ciências Humanas atualmente publica casos para ensino, resenhas e entrevistas. Os artigos submetidos à publicação via sistema Open Journal System (OJS), plataforma de acesso livre utilizada nos periódicos da UFV, passam por avaliação duplo-cega. Aqueles que são aprovados para publicação passam por revisão gramatical e de formatação. As edições são organizadas por docentes ou técnicos da UFV, com eventuais colaborações de profissionais de outras instituições.

A publicação do dossiê será realizada no site da Revista de Ciências Humanas, buscando apoio junto ao CCH para publicação em formato impresso e posterior divulgação e distribuição em bibliotecas da cidade de Viçosa. A justificativa para a realização do dossiê temático sobre aspectos de formação do espaço construído de Viçosa é a ampla realização de estudos em diversas áreas do conhecimento que têm a cidade como objeto, realizados principalmente por pesquisadores ligados à UFV, bem como a necessidade de pensar a cidade, buscando responder ao seu crescimento predatório. Além dos artigos, a seção “Entrevistas” também estará aberta nesta edição, a fim de receber contribuições que dialoguem com a proposta de utilização da História Oral apresentada neste trabalho. Espera-se que os trabalhos recebidos possam enriquecer produções futuras, podendo servir também como ponto de partida para despertar o interesse do público não acadêmico no periódico e na divulgação científica.

A chamada para publicação de trabalhos será apresentada como notícia a ser publicada no sítio eletrônico da Revista de Ciências Humanas, bem como na página do CCH (cch.ufv.br) e na página oficial da UFV (ufv.br). O texto da chamada segue abaixo:

Chamada para publicação de trabalhos: Dossiê “Viçosa: Cidade Aberta”

Este dossiê temático da Revista de Ciências Humanas tem como objetivo receber trabalhos que aprofundem as discussões sobre aspectos espaciais e socioeconômicos da cidade de Viçosa, um município de pequeno porte localizado no interior de Minas Gerais.

Conhecida como “cidade educadora”²⁷⁷, devido à presença de diversas instituições de ensino de níveis fundamental, médio e superior, Viçosa possui aproximadamente 76 mil habitantes, segundo dados do IBGE. Sua formação data de fins do século XIX e um dos principais catalisadores de seu aumento populacional é a Universidade Federal de Viçosa (UFV), fundada em 1926 como Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Desde então, a dinamização do espaço urbano da cidade aumenta significativamente a cada década, acrescida da criação de instituições particulares de ensino superior, a partir dos anos 2000, que atraem parte significativa da população flutuante que vem para a cidade.

Além disso, a legislação urbanística de Viçosa vem sofrendo, desde a edição de seu primeiro Código de Obras, em 1948, uma série de mutilações que visa o favorecimento de um pequeno grupo de proprietários fundiários e promotores imobiliários, o que aprofunda o conflito territorial na cidade, em vista dos empreendimentos privados que crescem a cada dia. Essas questões se refletem na ocupação de encostas e áreas próximas a cursos d’água na cidade, mas também afetam o patrimônio edificado da cidade, que sofre com o descaso do poder público e se vê ameaçado de desaparecer.

Este dossiê visa a contribuir para o debate sobre os processos de expansão e configuração da malha urbana de Viçosa a partir das investigações de autores que tratem sobre a formação e produção de seu espaço, bem como das relações socioeconômicas que permeiam esses processos. Também serão aceitas entrevistas com indivíduos ou grupos de indivíduos que tenham vivenciado a escalada das questões socioespaciais da cidade e que tenham perspectivas que possam auxiliar na compreensão dos fenômenos citados abaixo.

A fim de delinear a proposta do dossiê, a apresentação dos artigos científicos e das entrevistas deve ser feita seguindo os eixos temáticos especificados abaixo:

- 1) Dinâmicas socioespaciais entre o centro e a periferia de Viçosa;
- 2) Processos de centralização, segregação e territorialização na cidade;
- 3) Produção do espaço público em Viçosa;
- 4) Processos viçosenses de renovação urbana;

²⁷⁷ SILVA, M. L. da. op. cit., p. 9.

- 5) Atuações públicas e privadas na formação do espaço construído de Viçosa;
- 6) Dinâmicas territoriais e culturas das periferias;
- 7) Patrimônio e espaço público em Viçosa.

As normas para publicação estão disponíveis no sítio eletrônico da Revista de Ciências Humanas, no endereço periodicos.ufv.br/rch/about/submissions. Os eixos temáticos sugeridos relacionam-se a algumas das dinâmicas que caracterizam a evolução socioespacial da cidade de Viçosa, identificadas durante a pesquisa.

As edições da Revista de Ciências Humanas possuem, desde 2018, capas personalizadas pelos organizadores de cada dossiê. Assim, utilizei fotos de minha autoria para fazer uma colagem com imagens de diferentes lugares de Viçosa na capa que segue abaixo. O título do dossiê faz alusão ao *blog* de mesmo nome do arquiteto e ex-servidor técnico administrativo da UFV, Aguinaldo Pacheco, que compôs o grupo Por uma Viçosa Melhor, que realizou o projeto de construção do Calçadão²⁷⁸. A proposição é que o dossiê temático seja publicado como uma edição extra, em dezembro de 2023, além das duas edições semestrais publicadas normalmente no mesmo ano, organizadas por outros pesquisadores.

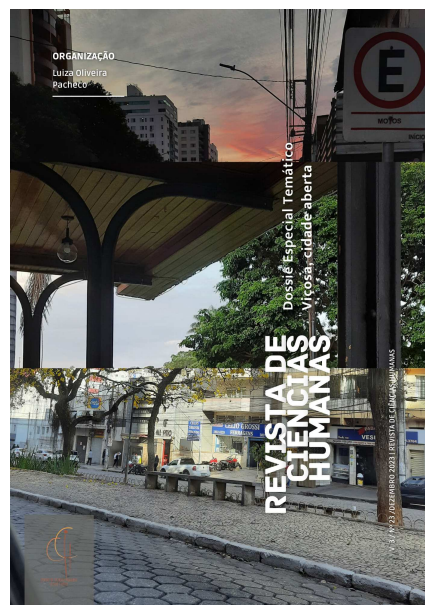


Figura 31: Capa do dossiê temático “Viçosa: Cidade aberta” da Revista de Ciências Humanas.

²⁷⁸ Aguinaldo faleceu em 2014, vitimado por um câncer, mas o blog “Viçosa, cidade aberta” segue acessível pelo link vicosacidadeaberta.blogspot.com.

Conclusão

A constituição do Calçadão como espaço público se dá pelo debate público incitado em torno de sua construção e, posteriormente, de sua função, evidenciando o conflito territorial existente em Viçosa entre fins da década de 1970 e o início da década de 1980, que refletia o crescimento populacional ocorrido na época, que possui reflexos no espaço urbano da cidade até os dias atuais.

A construção dessa rua de pedestres, única na cidade de Viçosa e principal lócus de sua atividade comercial, por meio da interação entre agentes privados e públicos, reflete as transformações ocorridas no centro urbano da cidade durante a década de 1970, engendradas por uma intensificação da atividade imobiliária decorrente do aumento populacional. A transferência de diferentes vivências arquitetônicas, comerciais e sociais oportunizava uma dinamização dos processos construtivos, levada a cabo por agentes imobiliários e proprietários fundiários que privilegiavam a realização de empreendimentos privados de habitação, os quais não eram acompanhados pela legislação urbanística da cidade, levando à ocorrência de diversas mutilações nos Códigos de Obras municipais.

A pedestrianização da rua Arthur Bernardes se insere nesse contexto de reorganização do centro de Viçosa por meio da realização de obras privadas para atender a demandas habitacionais e comerciais e em um contexto mais amplo de construção de uma imagem da cidade voltada para a atração de investimentos. A discussão de sua funcionalidade e morfologia reflete a agenda de ordenamento da cidade, materializada em legislações municipais que privilegiavam o centro como local do comércio em detrimento de pequenos empreendimentos de bairro, mas também a ação de agentes ligados à UFV, que buscavam implementar na cidade princípios urbanísticos orientados pela retomada das ruas pelos pedestres e pelo embelezamento das vias centrais.

A atuação desses agentes refletia uma agenda voltada para a humanização da rua, devolvendo-a aos pedestres e constituindo espaços de permanência, seguindo a ampliação do desenho urbano no Brasil, durante a década de 1970, que se firmava como um campo de atuação que buscava solucionar questões relacionadas ao planejamento das cidades. A discussão empreendida nesse contexto sobre a funcionalidade e a morfologia da rua Arthur Bernardes reforçam seu estatuto público, devido à interação entre diferentes segmentos sociais, que buscavam materializar naquele espaço seus projetos de visibilidade e espaço público.

Esse debate não fica circunscrito apenas a questões que envolvem a construção do Calçadão Arthur Bernardes. Desta forma, a apresentação do produto deste trabalho em uma chamada pública para a publicação de artigos na Revista de Ciências Humanas busca dar um tratamento científico e multidisciplinar às dinâmicas socioespaciais da cidade de Viçosa, a fim de responder aos desafios estruturais que esta localidade enfrenta, agravados por seu aumento populacional e pelas constantes mutilações de sua legislação urbanística.

Em conclusão, a composição do centro atrelando esse espaço da cidade de Viçosa à atividade comercial e à prestação de serviços serviu para reforçar o papel do Calçadão como locus por excelência desse tipo de atividade, atraindo para ele a maior parte dos lojistas, bem como, a partir dos anos 2000, franquias nacionais de comércio varejista. O Calçadão, por ser um logradouro central de Viçosa, atua na em sua trama locacional como organizador da malha urbana, atraindo, além de comerciantes e público consumidor, transeuntes que buscam, em seus 700 metros de extensão, refúgio dos veículos automotores. Além disso, por sua visibilidade, torna-se espaço de manifestações artísticas, políticas e culturais, sendo um espaço público que representa a cidade de Viçosa por resumir em si sua vida urbana.

Bibliografia

ALENCAR, A. de. **Nos alvares da história de Viçosa**. Editora Ex Libris, 1989.

ALVES, M. C. S. de O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In: IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História*, 2016, Ituiutaba (MG). **Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História**, 2016.

ANDRADE, I. L. de. **Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG**. 2015. 75 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Geografia, 2015.

ARAÚJO, P. V. L. de. **Intervenções urbanas e aspirações de modernização - Campanha/MG (1890-1830)**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis (SC). 2015.

BAÊTA, O. V. **Estratégias como práticas sociodiscursivas em uma universidade pública: Uma abordagem crítica**. Lavras: UFLA, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria I. Loriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDES, R. **Ampulheta urbana: Uma análise da construção da Universidade Federal de Viçosa e de sua influência na (des)construção da cidade de Viçosa - MG através das transformações no tempo e no espaço**. Monografia para obtenção do título de Bacharel em Geografia, 2013.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 22, 2021.

BOTELHO, A. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. **Cadernos Metrópole**, n. 18, p. 16, 2007.

BRESCIANI, M. S. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates**, n. 34, 1991.

CALDAS, G. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. *In: PORTO, C. M.; BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S. T. (orgs.) Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas [on-line]*. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 19-36.

CARDOSO, S. R. P. **Espaço público na metrópole contemporânea**. Curitiba: InterSaberes, 2022.

CASTRO, I. E., GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado, 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CHOAY, F. **O urbanismo**: Utopias e realidades, uma antologia. Tradução Dafne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COELHO, D. D. A transformação do espaço urbano na cidade de Viçosa, Minas Gerais entre 1964-1980. **Estudos Geográficos**, Rio Claro. 2020, v. 18, n. 1. p. 1-18. <https://doi.org/10.5016/estgeo.v18i0.13714>.

COELHO, D. D. **Da Fazenda ao Bairro: a construção de uma Nova Viçosa (1970-2000)**. 2013. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Viçosa.

COELHO, D. D. **O direito à moradia: uma análise da provisão habitacional em Viçosa (MG) entre 1964-1986**. 2016. 201f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Editora Ática: São Paulo, 1989.

DANTAS, A. C. de C. L. **Sanitarismo e planejamento urbano: A trajetória das propostas urbanísticas para Natal entre 1935 e 1969**. 2003. 249 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

DITTRICH, M. G.; REVORÊDO, J. C. dos S.; OLIVEIRA, M. R. de; RAMOS, F.; GOLEMBIEWSKI, C. O calçadão de Curitiba: sua história como espaço público social da cidade. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 2, n. 2, p. 173-184. DOI: <https://doi.org/10.14210/rbts.v2n2.p173-184>.

FONSECA, F. L. da. **Os calçadões e sua importância para a qualidade urbana na área central de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora.

GLUSZEVICZ, A. C.; MARTINS, S. F. O conceito de centralidade urbana: Estudo do município de Pelotas, RS. **Anais do II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço**. 2013.

GOMES, E. C. **Percepção do ambiente construído**. São Paulo, 1997. 203 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. 1997.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: 2002, 304 p.

GOMES, P. C. da C. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia**, v. 20, n. 44, p. 115-119. 2018.

GOMES, P. C. da C. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HONÓRIO, L. de M. **A produção do espaço em uma cidade universitária: O caso de Viçosa, MG**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2012.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Maria Estela Helder Cavalheiro. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JANUZZI, D. de C. R. **Calçadas: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais**. 2006. 318 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LOBODA, C. R. ESPAÇO PÚBLICO E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. **Caderno Prudentino de Geografia**. Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local Presidente Prudente. v. 1, n. 31, 2009.

LOPES, V. S. **O Plano Diretor do município de Viçosa-MG e a política de ordenamento territorial: avanços e limitações nas localidades de João Braz, Liberdade e Silvestre (2000 a 2010)**. Monografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa. 2011.

MACIEL, F. B. M.; FIALHO, D. M.; RIGATTI, D. Da Primeira Quadra ao Calçadão: narrativas sobre a pedestrianização do centro de Santa Maria (RS) . **Paisagem e Ambiente**, v. 32, n. 47, p. 1-17, 2021. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.173280.

MAIA, D. S. Ordem, higiene e embelezamento na Cidade Alta e na Cidade Baixa: A modernização da cidade da Parahyba - Brasil. **Revista Convergência Crítica**, n. 1, 2012.

MASTROMAURO, G. C. Alguns aspectos da saúde pública e do urbanismo higienista em São Paulo no final do século XIX. **Cadernos de História da Ciência**, v. 6, n. 2, 31 dez. 2010.

MAYA-MONTEIRO, P. M. **Paisagem, Lugar e Espaço Público**: Presença e ausência nos espaços da cidade. Rio de Janeiro, 2008. 380 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MELLO, F. A. O. **Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais**. 103 f. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Ciências Florestais. Universidade Federal de Viçosa. 2002.

OLIVEIRA, A. D. **Condomínios horizontais fechados em Viçosa-Minas Gerais: Aproximações a partir da sintaxe espacial**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa/MG, 2018.

OLIVEIRA, M. R. de. Centro e centralidade urbana: o exemplo do Calçadão de Bangu. **Anais do XI Seminário de Estudos Urbanos e Regionais e V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano. I Colóquio sobre Cidade e Cidadania.** 2015.

PAULA, K. de A. **Urbanização, atividade imobiliária e adensamento urbano nos bairros Centro e João Braz em Viçosa (MG).** Universidade Federal de Viçosa - Departamento de Geografia, 2011. 101p. Monografia de conclusão do Bacharelado em Geografia.

PEREIRA, M. V. F. ESPAÇO E TERRITÓRIO – ORGANIZAÇÃO, ORDENAMENTO E USO: NOTAS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 39, p. 7, 2019. DOI: 10.5216/bgg.v39i0.58066. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/58066>.

RIBEIRO FILHO, G. B. **A formação do espaço construído: Cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro, 1997.

RIBEIRO, T. G. **Paisagem e espaço público: As intervenções urbanas na avenida Barão do Rio Branco em Juiz de Fora/MG.** Juiz de Fora, 2016. 127f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora.

SÁ, N. R. A. L. de; MAIA, D. S. Movimento higienista e alterações do espaço urbano da cidade da Parahyba (1854-1912). **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, vol. 11, n. 25, mai./ago., 2012.

SANDRINI, Rafael Takagui. **Ruas de pedestres como espaços públicos em centros urbanos: um estudo sobre o calçadão de São Paulo.** 2021. 259 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SENNETT, R. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental.** Trad. Marcos Aarão Reis. 5. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.

SENNETT, R. **Construir e habitar.** Ética para uma cidade aberta. Trad. Clóvis Marques, 1ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2018.

SERPA, A. Espaço Público e Acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP Espaço e Tempo** (On-line), v. 8, n. 1, p. 29, 2004. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123865.

SILVA, M. L. da. **Expansão da cidade de Viçosa (MG): A dinâmica centro-periferia.** (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: Ufes, 2014.

TORRÃO FILHO, A. Sete portas e uma chave: A constituição de saberes técnicos e teóricos sobre a cidade. **POLITEIA: História e Sociedade**. v. 9, n. 1, 2011.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

Fontes

Entrevistas realizadas com B. O. C., M. L. S., A. S. Z., M. E. L. M., M. T. S. L., R. D. S., L. N. F., C. M. e F. M. F (comerciantes, ex-comerciantes, moradores, ex-moradores, ex-membros do grupo “Por uma Viçosa Melhor” e ex-membros da Câmara Municipal de Viçosa).

Arquivos do Jornal Folha da Mata (1970 a 1989).

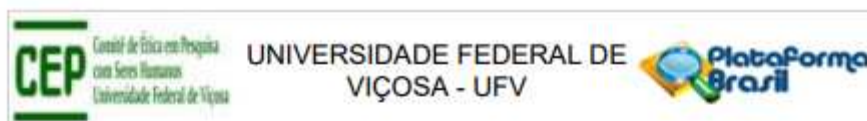
Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa.

Arquivos da Câmara Municipal de Viçosa (MG), de 1970 a 1989.

Arquivos da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Viçosa.

Anexos

Anexo 1: Parecer consubstanciado de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa (CEP-UFV)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Viçosa, cidade aberta? Impactos da construção do Calçadão Arthur Bernardes

Pesquisador: Vanessa Lana

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53651721.8.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de História

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.164.232

Apresentação do Projeto:

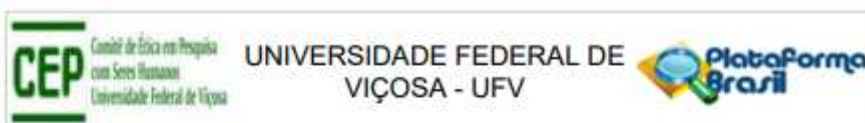
O presente protocolo foi enquadrado como pertencente à Área Temática: Grande Área 7. Ciências Humanas.

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1855817.pdf) e/ou do Projeto Detalhado:

1. RESUMO: O Calçadão Arthur Bernardes foi idealizado na década de 1970 por um grupo de profissionais ligado à Universidade Federal de Viçosa, no interior de Minas Gerais, que tinham como mote reivindicar uma cidade melhor. Por ser uma das ruas mais importantes da cidade e por ter nela concentrada a atividade econômica mais relevante para o local - o comércio -, o Calçadão teve sua construção envolvida em discussões entre os diversos grupos que o idealizaram e construíram. Tais discussões são imprescindíveis para analisar relações de poder e influência na cidade, por isso, integrar as memórias associadas a elas faz-se necessário para compreender as motivações para a realização dessa obra.

2. METODOLOGIA: A metodologia a ser utilizada é a pesquisa documental e entrevistas com a metodologia da História Oral. Primeiramente, pretende-se analisar documentos considerados

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 5.164.232

relevantes para a investigação, tais como atas de reuniões da Câmara de Vereadores de Viçosa e projetos da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Viçosa, a fim de estudar as divergências de opiniões e atuação entre o poder Legislativo e o Executivo municipais em relação ao projeto de construção do Calçadão, além de outros aportes documentais que serão incorporados à pesquisa conforme seu desenvolvimento. Ainda será preciso analisar as reportagens publicadas pelo principal jornal de Viçosa, o Folha da Mata, então chamado Jornal Folha Integração ou A Folha, que noticiou a idealização e a construção do calçadão desde seu início, em 1979. Em seguida, serão realizadas entrevistas com pessoas que participaram do movimento "Por uma Viçosa melhor", que reuniu-se com o então prefeito César Sant'Anna Filho a fim de apresentar a solicitação de construção do Calçadão, obtendo apoio técnico de arquitetos e engenheiros ligados à Universidade Federal de Viçosa, os quais já atuavam em outros projetos da administração municipal. Além disso, pretende-se ouvir alguns desses profissionais, bem como ex-moradores da rua Arthur Bernardes. A metodologia a ser utilizada será a amostragem em bola de neve, que utiliza cadeias de referência a fim de encontrar pessoas com o perfil requerido para a realização da pesquisa.

3. HIPÓTESES:

- O calçadão teve um papel importante na mudança da imagem projetada a partir do centro da cidade de Viçosa, uma vez que permitiu o desenvolvimento de sua centralidade em torno do setor terciário; - Apesar desse papel de destaque, a idealização do calçadão não partiu de um movimento social articulado com políticas públicas de desenvolvimento econômico, favorecendo ideais de uma minoria, o que acarretou a continuação de uma concentração de renda que já existia na cidade; - O poder público em Viçosa agiu de forma a modernizar a área central da cidade com a construção do Calçadão, em consonância com o novo momento representado pela federalização da UREMG.

4. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO: Não informados.

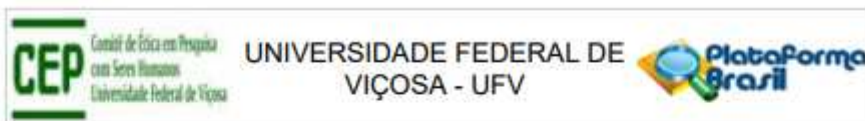
Objetivo da Pesquisa:

De acordo com as pesquisadoras,

Objetivo primário:

O objetivo geral deste trabalho é analisar as memórias dos grupos envolvidos na concepção do Calçadão Arthur Bernardes, bem como as motivações desses indivíduos e o contexto de construção da obra, buscando compreender como o estabelecimento desse espaço impactou a

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 5.164.232

sociedade viçosense e a paisagem do centro da cidade.

Objetivo Secundário: Compreender as motivações para a construção do calçadão; Analisar como a alteração da paisagem do centro de Viçosa acarretada pela construção do calçadão afetou a percepção sobre a cidade; Analisar as memórias associadas à construção do calçadão e às imagens do centro de Viçosa e sua relação com a vida social da cidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As pesquisadoras destacam no TCLE os seguintes Riscos: desconforto pode ser atenuado pela possibilidade de o participante optar por métodos alternativos para concessão de entrevista, os quais são: chamada de vídeo e chamada telefônica. Garante-se ainda o sigilo e anonimato dos participantes para aqueles de que assim desejarem. A privacidade será respeitada, preservando-se o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificar os participantes.

e os seguintes Benefícios: divulgação da relevância e a importância da construção do Calçadão para a memória da cidade e como esse espaço interferiu na alteração de sua paisagem urbana central. Também é assegurada a assistência durante toda pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As pesquisadoras propõem realizar uma pesquisa qualitativa, em nível de Mestrado, com financiamento próprio, envolvendo 30 participantes no Brasil. A coleta de dados será iniciada em janeiro de 2022 e a pesquisa será concluída em dezembro de 2022.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram todos entregues de acordo com as normas do Sistema CEP/CONEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

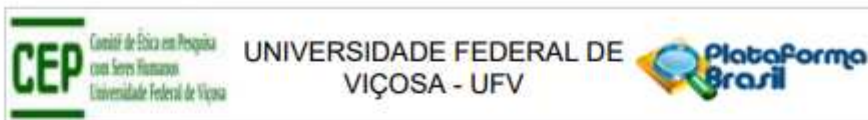
Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 5.164.232

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1855817.pdf	23/11/2021 10:16:29		Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_assinada_cnpj.pdf	23/11/2021 10:15:56	Vanessa Lana	Aceito
Outros	Roteiro_perguntas.docx	22/11/2021 10:44:53	Vanessa Lana	Aceito
Cronograma	Cronograma_Luiza.docx	11/11/2021 15:16:15	Vanessa Lana	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Luiza.pdf	11/11/2021 15:14:21	Vanessa Lana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Luiza.docx	11/11/2021 15:12:51	Vanessa Lana	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 14 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Guilherme de Azambuja Pussieldi
 (Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br

Anexo 2: Roteiros de perguntas adaptados a cada grupo de entrevistados**Roteiro de perguntas - MORADORES E EX-MORADORES/LOJISTAS E EX-LOJISTAS**

Qual a sua data e local de nascimento? Caso não seja nativo de Viçosa, quando veio para a cidade?

Qual profissão exercia na época da construção do Calçadão Arthur Bernardes?

Como você descreveria a cidade de Viçosa durante as décadas de 1970 e 1980?

Como você descreveria a Universidade Federal de Viçosa durante as décadas de 1970 e 1980?

Quais eram as principais atividades realizadas na rua Arthur Bernardes antes da construção do Calçadão?

Qual era sua percepção sobre a paisagem do centro de Viçosa antes da construção do Calçadão?

Qual passou a ser sua percepção sobre a paisagem do centro de Viçosa após a construção do Calçadão?

Em sua opinião, a construção do Calçadão tornou a cidade mais moderna?

Você sabe como foi o processo de conversa com o prefeito César Sant'Anna para realizar o projeto do Calçadão?

Você possui conhecimento sobre o movimento “Por uma Viçosa melhor”, que idealizou o Calçadão? Pode descrevê-lo e a seus integrantes com suas palavras?

Como você descreveria a gestão do prefeito César Sant'Anna durante a época de construção do Calçadão?

Em sua opinião, o Calçadão alterou a maneira de consumir dos viçosenses?

Você tem conhecimento sobre como atuava o poder legislativo em Viçosa na época de construção do Calçadão? Pode descrever essa atuação?

Você saberia dizer que opiniões ouviu sobre a construção do Calçadão na época em que ele foi idealizado?

Em sua opinião, quem foram as pessoas mais beneficiadas com a construção do Calçadão? E quem foram as menos beneficiadas?

Você pode indicar outra pessoa que tenha conhecimentos que possam ajudar a esclarecer as motivações e o contexto da construção do Calçadão Arthur Bernardes?

Roteiro de perguntas - MEMBROS DO “POR UMA VIÇOSA MELHOR”

Qual a sua data e local de nascimento? Caso não seja nativo de Viçosa, quando veio para a cidade?

Qual profissão exercia na época da construção do Calçadão Arthur Bernardes?

Como você descreveria a cidade de Viçosa durante as décadas de 1970 e 1980?

Como você descreveria a Universidade Federal de Viçosa durante as décadas de 1970 e 1980?

Quais eram as principais atividades realizadas na rua Arthur Bernardes antes da construção do Calçadão?

Qual era sua percepção sobre a paisagem do centro de Viçosa antes da construção do Calçadão?

Qual passou a ser sua percepção sobre a paisagem do centro de Viçosa após a construção do Calçadão?

Em sua opinião, a construção do Calçadão tornou a cidade mais moderna?

Como foi o processo de conversa com o prefeito César Sant’Anna para realizar o projeto do Calçadão?

Como foi idealizado o movimento “Por uma Viçosa melhor”?

Que outras intervenções o movimento “Por uma Viçosa melhor” desejava implementar em Viçosa?

Quem fazia parte do movimento? Eram mais pessoas ligadas à Universidade Federal de Viçosa ou mais pessoas que trabalhavam na cidade?

Onde residia a maioria dos membros do movimento “Por uma Viçosa melhor”?

Como você descreveria a reação do prefeito César Sant’Anna diante da proposição de construção do Calçadão?

Em sua opinião, o Calçadão alterou a maneira de consumir dos viçosenses?

Você diria que o poder legislativo de Viçosa teve participação na construção do Calçadão?

Você saberia dizer que opiniões ouviu sobre a construção do Calçadão na época em que ele foi idealizado?

Em sua opinião, quem foram as pessoas mais beneficiadas com a construção do Calçadão? E quem foram as menos beneficiadas?

Você pode indicar outra pessoa que tenha conhecimentos que possam ajudar a esclarecer as motivações e o contexto da construção do Calçadão Arthur Bernardes?

Roteiro de perguntas – PODER PÚBLICO

Qual a sua data e local de nascimento? Caso não seja nativo de Viçosa, quando veio para a cidade?

Qual profissão exercia na época da construção do Calçadão Arthur Bernardes?

Como você descreveria a cidade de Viçosa durante as décadas de 1970 e 1980?

Como você descreveria a Universidade Federal de Viçosa durante as décadas de 1970 e 1980?

Quais eram as principais atividades realizadas na rua Arthur Bernardes antes da construção do Calçadão?

Qual era sua percepção sobre a paisagem do centro de Viçosa antes da construção do Calçadão?

Qual passou a ser sua percepção sobre a paisagem do centro de Viçosa após a construção do Calçadão?

Em sua opinião, a construção do Calçadão tornou a cidade mais moderna?

Como foi o processo de conversa com o prefeito César Sant'Anna para realizar o projeto do Calçadão?

Você se lembra do movimento “Por uma Viçosa melhor”, que realizou a proposição de construção do Calçadão? Saberria descrever outras intervenções que ele desejava implementar em Viçosa?

Você se recorda de quem fazia parte do movimento? Eram mais pessoas ligadas à Universidade Federal de Viçosa ou mais pessoas que trabalhavam na cidade? Pode descrever o que se lembra sobre o modo de vida dos integrantes do movimento?

Como você descreveria a reação do prefeito César Sant'Anna diante da proposição de construção do Calçadão?

Em sua opinião, o Calçadão alterou a maneira de consumir dos viçosenses?

Você diria que o poder legislativo de Viçosa teve participação na construção do Calçadão? Pode descrevê-la?

Você saberia dizer que opiniões ouviu sobre a construção do Calçadão na época em que ele foi idealizado?

Em sua opinião, quem foram as pessoas mais beneficiadas com a construção do Calçadão? E quem foram as menos beneficiadas?

Você pode indicar outra pessoa que tenha conhecimentos que possam ajudar a esclarecer as motivações e o contexto da construção do Calçadão Arthur Bernardes?